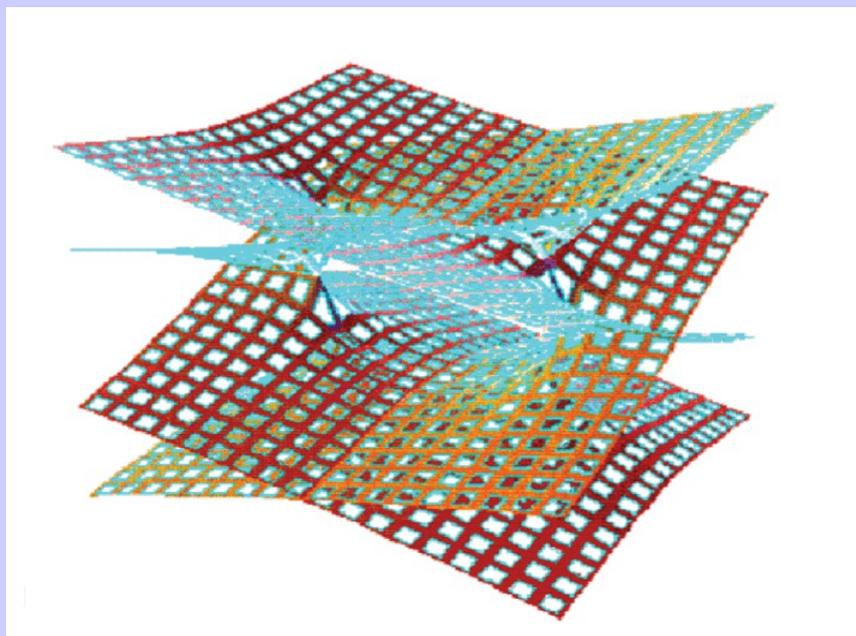


WUNSCH

Número 15
Janeiro de 2016

ANTES DO ENCONTRO INTERNACIONAL DE JULHO DE 2016
JORNADAS DE ESCOLA

Buenos Aires, agosto de 2015
Toulouse, setembro de 2015



Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano

EDITORIAL

Esse número de *Wunsch*, o 15o., é o testemunho de duas Jornadas de Escola preparatórias para o Encontro Internacional de Escola que acontecerá em Medellín, em julho de 2016. Esperemos que esses rastros de escritos permitam perceber algo do que foi a atmosfera deles, já que ambos se deram manifestamente sob o signo do dinamismo e do prazer de trabalhar em conjunto.

Depois dessas Jornadas, houve uma reunião do CIG 2014-2016 em Paris, dias 26 e 27 de novembro de 2015, seu relatório detalhado foi publicado em *Ecos* no. 4.

Wunsch 15 é editado pelo CAOÉ 2014-2016, composto por:
Gabriel Lombardi, Maria Luisa de la Oliva, Maria-Teresa Maiocchi, Colette Soler.

Quanto à versão em português desse *Wunsch 15*, agradeço enormemente a todos os colegas que colaboraram, particularmente a Ana Laura Prates que coordenou os trabalhos de tradução. Revi mais uma vez todos os textos, agora já podendo fazê-lo com a versão francesa impressa que me foi entregue durante a última reunião do CIG, em 6 e 7 de fevereiro de 2016. Todo cuidado com esse *Wunsch* não é suficiente para estar à altura de seu alcance e aquele que se dedicar à sua leitura poderá avaliar a sua importância, os aportes inovadores que traz para o debate do que sustenta nossa Escola e, finalmente, identificará nele as orientações para nosso trabalho este ano em Medellín.

Boa leitura!

Sonia Alberti
Membro do Colegiado Internacional da Garantia
(2014-2016)

**AS JORNADAS PREPARATÓRIAS AO
ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCOLA, DE MEDELLÍN**

ÍNDICE

Editorial

I. JORNADA DA AMÉRICA LATINA: A ESCOLA A VIVA VOZ

Apresentação da Jornada por Gabriel Lombardi	4
Mesa 1. Os efeitos do passe na experiência analítica	
Coordenação: Silvia Migdalek	
Abertura por Silvia Migdalek	5
Efeitos de um dizer na clínica e na escola: Sandra Berta	6
O Passe: eficácia e destino de um a experiência: Fernando Martinez	11
Efeitos do passe e do fim de análise no desejo em relação à psicanálise: Pedro Arévalo	15
Algumas linhas de comentários para cada uma das intervenções: Silvia Migdalek	23
Mesa 2. O Ato analítico, esclarecido?	
Coordenação: Marcelo Mazzuca	
O que nomeia o analista?: Laura Salinas	25
Da marginal ao trânsito pela via da transferência: carta à Escola: Ana Laura Prates Pacheco..	30
Sonhos que despertam o final: Ricardo Rojas	34
Algumas linhas de comentários para cada uma das intervenções: Marcelo Mazzuca	39
Mesa 3. <i>Lalangue</i> e a topologia dos desejos no passe.	
Coordenação: Dominique Fingermann	
Os cenários e a <i>lalangue</i> no encontro com os passadores durante o passe: Rosane Melo	41
Um nó de desejo: Beatriz Maya R.	45
Algumas linhas de comentários para cada uma das intervenções: Dominique Fingermann	50
II. JORNADA EUROPÉIA: ECOS DE ESCOLA.	
Preâmbulo	53
Uma psicanálise, psicanalistas, a psicanálise: Abertura.....	54
Nadine Cordova-Naïtali, AE (Paris, França)	54
Camila Vidal, AE (Vigo, Espanha)	56
Leituras de trechos de Freud e de Lacan	57
Mesa 1. O que conduz alguém à psicanálise?	
O que conduz alguém a encontrar um psicanalista: Maria Dolores Camós	59
A fala não-sem escrita: Patricia Robert	60
O que conduz alguém a uma análise?: Victoria Torres, Blanca Sánchez, Natalia Pérez	62
Do insuportável ao desejo de psicanálise: o gonzo do cartel: Carmen Eusebio	64
Uma curiosidade?: Philippe Madet	66
O que conduz à análise: Claire Parada	68
Após a mesa 1	
Encontros-enodamentos: Anne-Marie Combres	69
Responsabilidade e ato: Didier Grais	70

Page numbers

Sobre a Jornada de 26/9/15: Ana Martínez	71
Leitura de trechos de Freud e Lacan	72
Mesa 2. O que permite a um psicanalista sustentar a oferta de uma psicanálise?	
De um dizer como ato a um dizer do desejo: Maricela Sulbaran	74
Ser analista: uma tarefa do analisante: Ana Alonso, Antonia Maria Cabrera, Carmen Delgado e Trinidad Sánchez-Biezma	76
Fazer frente a: François Terral	78
Sonho ou despertar? Sonho do despertar: Paola Malquori	80
Após a mesa 2	
Lógica da desordem: Marie-José Latour	82
“Se há Escola”: Cathy Barnier	83
Para <i>Wunsch</i> : Sol Aparicio	84
Leitura de trechos de Freud e de Lacan	84
Mesa 3. De ua psicanálise à psicanálise, o que passa?	
Ser, Letra, Falasser, Eco e Rossonância de Escola: Eva Orlando, Antonella Gallo	86
Efeitos de um fim de análise: Irène Tu Ton	88
Uma solidão “mais digna”: Carmine Marrazzo	90
O analista passante analisante, <i>Di tu fecoua?</i> Sophie Pinot	92
Após a mesa 3	
Nadine Cordova Naïtali	94
Maria Luisa de la Oliva	94
Colette Soler	95
Leitura de trechos de Freud e de Lacan	96
As Brèves	
Do agalma ao <i>litter</i> e ao impossível: Cecilia Randich, Maria Claudia Dominguez, Alessio Pellegrini	097
O sujeito que erra pelo mundo: José Monseny	099
Ab-sentir um desejo de psicanálise: Ivan Viganò	101
Lucile Cognard	103
“O trabalho da língua”: Marie-Laure Choquet	105
Retorno sobre minha fala: Olivier Larralde	106
<i>Brèves</i> de Escola: Martine Menès	108
Brevidade da psicanálise?: Maria Teresa Maiocchi	109
Ecos de Escola, Toulouse, Sequência: Anne-Marie Combres, Nadine Cordova-Naïtali, Marie-José Latour	110
V Encontro Internacional de Escola	
Apresentação do tema	112
IX Encontro da IF-EPFCL, 14 – 17 de julho de 2016, Medellín, Colombia	
Apresentação do tema	115
Informações práticas	117

I. JORNADA DA AMÉRICA LATINA

BUENOS AIRES, 28 DE AGOSTO DE 2015

A ESCOLA A VIVA VOZ

Apresentação da Jornada

Gabriel Lombardi¹, Buenos Aires
Membro do Colegiado Internacional da Garantia

Os integrantes do Colegiado Internacional da Garantia (CIG) do lado oeste do Atlântico, Sonia Alberti (Rio de Janeiro), Gabriel Lombardi (Buenos Aires) e Ricardo Rojas (Medellín), promovemos a realização de uma Jornada preparatória do Encontro de nossa Escola que tratará o tema *O desejo de Psicanálise* em 2016 em Medellín, Colômbia. Chamamos “A Escola a viva voz” a esta Jornada, em consonância com o Simpósio Interamericano que ocorreu nesse mesmo fim de semana de 29 e 30 de agosto na Sala Pablo Picasso, intitulado “A Outra cena” e destinado a focar *A Voz e o olhar na experiência analítica e na arte*.

Nosso propósito da Jornada foi debater a temática proposta por Colette Soler para Medellín, “O desejo de psicanálise”, visando traçar uma perspectiva a partir da experiência que cada um de nós realizou nos três polos de nossa prática que constituem: o desejo de psicanálise, o desejo analisante e o desejo do analista.

A Jornada consistiu em três apresentações de vários integrantes e um coordenador, todos participantes da experiência do passe e não apenas como passadores, nas quais foram abordados distintos cenários e momentos da experiência. Propusemos aos participantes que expusessem sobre a experiência do passe fazendo referência, particularmente, às consequências relativas à percepção, à reflexão e à eficácia de nossa prática na psicanálise em extensão.

Uma vez realizada a Jornada e reunidos os textos que a animaram, fica evidente que o passe teve consequências sobre aqueles que passaram pela experiência. Tais consequências transcendem a questão manifesta, e contingente (tíquica), de que o passante tenha ou não sido nomeado AE. Pudemos escutar a precisa, bonita e divertida apresentação de um AE recente, Pedro Pablo Arévalo, bem como trabalhos de outros

1 AME da EPFCL, Secretário do Colegiado Internacional da Garantia 2014-2016.

sete colegas, cuja influência na comunidade local e/ou internacional é evidente, que passaram pela experiência do passe e se beneficiaram de tê-la feito – mesmo não tendo sido nomeados AE. Essa experiência não foi fonte de decepção, mas foi rica em ensinamentos e fortaleceu o desejo de analista tão custoso de adquirir, tão difícil de transmitir e impossível de explicitar, e que permitiu, a cada um deles, promover o desejo de psicanálise. Esse elemento que até então nem sempre fora levado em conta, tornou-se evidente e manifesto: a conexão intensão-extensão é logicamente inerente ao passe. Ela lembra aquela formulação de Lacan, que ainda podemos ler em seu texto *Radiofonia*: “É que o efeito que se propaga não é de comunicação da fala, mas de deslocamento do discurso”.

MESA 1. COORDENAÇÃO: SILVIA MIGDALEK

OS EFEITOS DO PASSE NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA

Expositores: Sandra Berta, Fernando Martinez, Pedro Pablo Arévalo

Palavras de abertura:

Apenas algumas palavras que valem como introdução para o que, sem dúvida, despertará nosso interesse. Em seguida, daremos espaço para discussão e reflexão coletiva. São três trabalhos interessantíssimos que, com um viés particular, transmitem, cada um, a convicção de que a experiência no dispositivo do passe não foi sem consequências. Essa última e seus efeitos deixam uma ressonância comum, convergem na mesma direção. Constituem uma renovação e uma confirmação do laço no desejo do analista e no desejo de psicanálise, mas com uma particularidade que me parece destacável em cada um dos trabalhos que vamos escutar nesta mesa: o entusiasmo que transmitem não é sem uma renovação do laço de transferência de trabalho exercido no âmbito da nossa Escola.

É um grande prazer estar acompanhando essa mesa de amigos em que poderemos ouvir a diversidade de experiências elaboradas sobre suas participações no dispositivo do passe.

Demos lugar, então, a que os dizeres e as vozes ressoem nesta primeira mesa do Simpósio Interamericano "A Escola a viva voz", organizado por iniciativa dos três membros em exercício CIG pelo Brasil, América Latina Sul e América Latina Norte:

Sonia Alberti, Gabriel Lombardi e Ricardo Rojas, respectivamente. Agradecemos muito essa iniciativa deles!

Efeitos de um dizer na clínica e na Escola

Sandra Berta²
AME da EPFCL

“Este dizer [...] exprime-se, como todo dizer, numa proposição completa, *não há relação sexual*” (Lacan, J. ... *ou pior*. 8.12.1971).

A Escola a viva voz. Lacan falava aos muros, quando nos oferecia suas elaborações sobre o saber do psicanalista. Alguns anos depois, quando se enredava com os nós, afirmara: “É inclusive o que digo a respeito de qualquer dizer, emprestamos nossa voz, é uma consequência, o dizer não é a voz, ele é um ato”³.

Foi com entusiasmo que recebi o convite dos colegas do CIG (ALN-ALS-Brasil) atual, Gabriel Lombardi, Sonia Alberti e Ricardo Rojas para apresentar algumas reflexões nessa Jornada Preparatória ao Encontro de Escola de Medellín (julho, 2016). Escrevo esse texto após a inesquecível experiência do passe, ainda em pauta, pelos seus efeitos. Decidi falar do que chamo o “efeito *sinthomal*”.

O momento de concluir

No momento de concluir, após longa travessia, houve uma cena passadora do final. Isto se produziu entre um corte de uma sessão, um sonho e a lembrança inédita de uma palavra infantil, um novelo de fonemas. Dita palavra, novelo de fonemas, *apareceu* entre o sonho e o eco de alguém que dizia: “Não é assim! Você tem que cortar essa palavra!”. A dit-mensão equívoca dessa palavra, seu *motérialismo*, tornara equívoca a própria neurose. Xeque mate na eficácia da cena traumática da qual faltava extrair um saber – da posição perante o Outro e das respostas sintomáticas.

2 AME da EPFCL, Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo, Brasil. Membro do Colegiado de Representantes da IF (2014-2016).

3 Lacan, J.. *O Seminário: livro 22, RSI*. Aula de 18 de março de 1975. “C’est bien ce que je dis à propos de n’importe quel dire, nous prêtons notre voix, ça c’est une conséquence, le dire, ce ne pas la voix, le dire est un acte”.

Aquela cena que oferecera apenas esse novelo de fonemas fez índice da pulverização do sentido e se articulou com uma questão que decidi por uma resposta ao Outro: “Nunca saberei porque ele o fez”! No momento de concluir já tinha feito inúmeras voltas que produziram um saber sobre as astúcias da neurose, sobre a posição perante a castração do Outro e os efeitos sintomáticos no campo da vida amorosa. Contudo, já estava tão longe dessa questão que interrogava o *Che voi?* que, quando se apresentara violentamente na cena analítica comovendo o pouco que restava da transferência, o corte levou à convicção: não há resposta! O Outro falta, como dissera Lacan no final do seu ensino. E isso se escreve num matema: $S(A)$.

Aquele corte foi vertiginoso! Mas teve um efeito humorístico, ao modo do “no-ainda-chiste” de Macedonio Fernández ao dizer “... Eram tantos os que tinham faltado ao banquete que se faltasse mais um, não caberia na sala”, forçando mais uma vez a passagem pelo tempo de compreender para o momento de concluir. Do corte do analista para a angústia, para a vertigem, constatando o indescidível da intenção do Outro e a convicção do fim.

Meses depois terminei a análise, e imediatamente decidi endereçar minha demanda à Escola para fazer o passe. Queria testemunhar desse *passe pelo Real* que ultrapassara qualquer equívoco languageiro, pois soube “do saber vão do ser que se furta” pela contingência, “lugar por onde se demonstra a impossibilidade”⁴. Cabe dizer que minha aposta na Escola e no trabalho com meu estilo in-cansável não era algo novo.

O passe – três recortes da experiência

O primeiro se refere à entrevista com o secretariado do passe. Nesse encontro disse dos argumentos pelos quais queria oferecer o testemunho à Escola. Isso teve uma função particular porque me forçara a crivar o argumento do que seria o testemunho, caso minha demanda fosse acolhida. Posteriormente fiz parte do secretariado do passe e tive a oportunidade de colocar essa diferença em debate e, a seguir, escrevi um texto sobre isso.

O segundo recorte se refere aos encontros com as passadoras, sobre eles gostaria de apontar que as diferenças das escutas de cada uma das passadoras *afetaram* o meu

4 Lacan, J. (1973) “Introdução à edição alemã”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 556.

modo de dizer. Portanto, assinalo com isso que testemunhar é, também, contar com a escuta. E lembro o que nos diz Lacan em 1964: “A arte de escutar equivale quase à do bem dizer”⁵. O encontro entre passante e passador obriga a que continuemos a formalizar o laço que aí se promove.

O terceiro recorte. Algum tempo depois recebi a resposta do cartel que evocou algo daquele corte do analista e do chiste *macedônico*. Em contrapartida com o momento de concluir a análise, essa resposta me interrogou sobre a transmissão e me faz trabalhar, ainda.

O depois

A resposta do cartel *relançou - enlaçou* minhas questões na clínica e na Escola. Considero que não poderia ter me posicionado desse modo se não houvesse transferência de trabalho com a Escola. Tive que ver *como me encontrar aí*, como nos dissera Colette Soler, nesta sala, em 2009. Cabia saber ler no que se ouve. Saber ler no que tinha sido a resposta do cartel e, também, a escrita dessa experiência do passe. Um efeito crucial foi questionar minha clínica bem como o momento de indicação de um passador.

A propósito do que li da experiência do passe e do que dela formalizei, posteriormente: será que minha paixão pela demonstração da *verdade mentirosa* tinha deixado *afônica* – e não *a-fona* – a questão sobre o devir analista? Isso foi curioso porque se bem me empenhara em demonstrar a verdade – no sentido heideggeriano: *alétheia* – não deixara de apontar como havia topado com o impossível de saber. Parece-me que isso não me impedira de dizer da *varité singular*, qual seja, dizer de como o sintoma fora transmutando-se, enlaçando o enigma do sexo e o amor; e como o desenlace tinha fígado um saber sobre o impossível e suas consequências sobre um modo de gozar que, até então, se apresentava com um traço nostálgico perante o traumático.

Qual foi a afonia para transmitir o herético? Já não poderia sabê-lo. Contudo, a pergunta pela transmissão do herético na direção do tratamento, isso tomei-o para mim, pergunta fundamental que me orienta no fazer clínico, em particular no que diz respeito a um modo diferente de ouvir *lalangue* e de tirar consequências na interpretação. Lacan

⁵ Lacan, J. 15.04. 1964.

nos colocou vários desafios, dos quais destaco: primeiro, que a via do sentido é a via da verdade e, segundo, que a lógica e a poética nos permitem operar fazendo a ponte, o laço com o Real. Qual é a tensão, então, que um analista deve sustentar no tratamento para não torná-la esquizofrênica, com um tratamento insensato do *motérialismo*? Este trabalho de elaboração, no cotidiano, se mostra sutilmente. É algo que tenho presente: há *do* psicanalista. É a experiência do fim da análise e a do passe que me deram esse *a mais*.

A voz afônica do testemunho foi uma broma do destino? Após perder a voz, ainda muito jovem, encontrei os psicanalistas na universidade e depois de graduar-me os busquei nas instituições nas quais trabalhei, iniciando minha formação e minha primeira análise. Como não pensar que naqueles tempos começara a me apropriar do *desejo analisante* na minha primeira análise e num ambiente onde o *desejo de psicanálise* estava presente? Isso também tem efeitos nos diferentes trabalhos que assumo, além da clínica e da Escola, todos eles marcados pela psicanálise.

É preciso dar voz para que o dizer (ato) passe, para que, porventura, isso se transmita. Isso que? O que se aprendeu de *um dizer* da não relação sexual (xRy). Fica ao encargo de cada um fazer laço na Escola. Ao que cada um possa fazer passar, nos casos clínicos que dirige com os pontos de cunhagem que vai tecendo o *sinthoma* singular, contando com os furos forclusivos e com o *a-cósmico*. Isso é conciso, isso não vai longe⁶. Precisamente porque o ato não se estica, mas tem condições e consequências. Isso não vai longe porque a “não relação” é contingência, acontecimento, mostraçã. Ato analítico que nomeia o desejo do analista. Efeito *sinthomal*. Efeito *de um dizer*. É preciso tempo para *fazer-se borromeano* pondo à prova o saber-fazer-aí-com (*savoir y faire avec*). Como disse Colette Soler em abril – são minhas notas do que escutei em abril de 2015, em Buenos Aires – “se pensamos que um nó pode se desfazer, para fazê-lo há que sustentá-lo. São as dimensões do ato e do dizer que sustentam o nó”.

Um diálogo fictício

Como um sujeito que atravessou a fantasia radical pode viver a pulsão? Pergunta abordável somente no nível do analista⁷. Lacan não abandonou sua aposta, qual seja, dar a palavra àqueles que se arriscam em tomá-la para dar testemunho dessa experiência

⁶ Lacan, J. *O Seminário, livro 24 : L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, 16.11.1976. Inédito.

Page numbers

sobre a satisfação do fim da análise⁸, os esparsos desparelhados⁹; e para acolher desse testemunho, sua autenticidade¹⁰.

Poderíamos responder a pergunta que Lacan fez no momento da dissolução da EFP: “Meu passe os pegou tão tarde que eu já não tenho nada que valha? Ou é por haver confiado o cuidado a quem dá testemunho de não haver percebido nada da estrutura que o motiva? [...] A experiência não a abandono. O ato, dou-lhes a chance de enfrentá-lo”¹¹

Dr. Lacan, seu passe não nos pegou tarde. Confiar naqueles que não perceberam nada da estrutura que o motiva é dar a chance para que cada um se interroge e responda pela clínica, e saiba da dificuldade que encontra o falasser *parlêtre* em se fazer ao Real. Seu passe nos interroga ainda e nos põe à prova do ato, para operar, em cada caso, com os “fios de gozo¹²”, do *saber-fazer-aí-com* o que está fora do sentido, mais especificamente, para se enlacer no tempo por vir.

Materiel-ne-ment. O efeito de real do fim. O testemunho afônico. O que veio a seguir foi a chance de enlaçar a resposta do cartel, na clínica e na Escola. A pergunta pelo devir analista se responde em cada caso clínico porque a passagem da potencia ao ato não se cristaliza, mas se atualiza; e é o que chamo efeito de *um dizer*, efeito *sinthomal*. Caso isso opere, a *Háiresis* (do grego *hairen*, seita, escolha por uma doutrina ou partido¹³) será comovida pela H(a)résie, *Hérésie*, Heresia.... *RSI*.

Obrigada

Tradução: Sandra Berta
Revisão: Pablo Peusner

7 Lacan, J (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge zahar Editor, 1993. p. 258.

8 Lacan, J. (1976). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p. 569.

9 Idem.

10 Ibidem.

11 Lacan, J. Carta ao Jornal *Le Monde*, 24.01.1980.

12 Lacan, J. *Le séminaire, livre XXI, Les non-dupes errent*, 11.06.74.

13 *Háiresis*, significa escolha, tomar partido, corrente de pensamento, escola, em grego. Quando passou para o latim, tornou-se *secta*, seita. N.R.

O Passe: eficácia e destino de uma experiência

Fernando Martinez¹⁴

Conhecemos a eficácia do inconsciente. Vou tentar ilustrar, com alguns relatos de minha experiência, a eficácia do dispositivo do passe para poder capitalizar um desejo que possa aparecer em um modo singular de enlace com outros, díspares, no contexto de uma Escola e em torno de uma causa que sabemos perdida.

Cabe esclarecer que tomo aqui os termos eficácia e eficiência com uma leve diferença complementar, já que muitas vezes são utilizados como sinônimos. A eficácia se refere a uma capacidade que alcança um efeito por meio da realização de uma ação. Já a eficiência, se refere à aplicação de determinados meios para alcançar um objetivo predeterminado, poderíamos, nesse sentido, pensá-la vinculada a um “saber fazer” através de um dispositivo ou de uma técnica.

Não vou falar especificamente da eficiência do cartel do passe para poder dar conta do desejo do analista, mas do dispositivo sustentado na experiência e de seus efeitos em seus autores e, portanto, na Escola.

Meu encontro com o movimento do Campo Lacaniano deu-se no final do ano de 1998, em plena efervescência da crise desencadeada na AMP. Eu participava dos encontros informais que logo conduziram à constituição de um primeiro Fórum em Buenos Aires, encontros prévios à formação da Escola. O forte questionamento ao discurso do Um, as discussões e as modalidades de laço entre os integrantes geraram minha curiosidade e minha atração pelo movimento.

Recordando essa época e momentos subjetivos prévios, poderia, hoje, localizar claramente o que não faz muito tempo começamos a denominar “desejo de psicanálise”: a transferência em direção a esse discurso já havia surgido em uma primeira análise em que começava a lapidar a pergunta “como ser um analista?”. Pergunta que se sustentou desde então em toda experiência de minha análise.

Aqui, o que funciona como encaixe, como intersecção entre o “desejo de psicanálise” e o “desejo de análise” é o encontro com o “desejo do analista”. O analista situado em seu lugar propicia esse encontro que habita, latente, no futuro analisante. É isso que produz um novo discurso e mobiliza a análise. Essas três modalidades do

14 De Puerto Madryn, Província de Chubut, Argentina.

Page numbers

desejo se enlaçam dentro do dispositivo analítico e, talvez forçando um pouco a comparação, poderíamos pensar o “desejo de psicanálise” como uma primeira aproximação imaginária ao discurso analítico, o “desejo de análise” como sua articulação simbólica e o “desejo do analista” propiciando o encontro com o real do gozo do sujeito. Esses três se enodam e operam enlaçados na transferência analítica por um quarto componente: o sintoma analítico. É o encontro entre a eficácia do inconsciente e a eficiência do desejo do analista.

Existe ao final de uma análise uma “satisfação fora da série das cotidianas”, residual ao próprio dispositivo de análise. Saber silencioso, sensação de plenitude advertida, não ingênua, algo que encaminhado pode produzir algo novo. Porém, que destino para essa satisfação? Não me refiro somente à satisfação que produz o saber sobre o gozo, àquilo que a análise teve de didática, mas a outra satisfação sobre a qual só se pode dizer que se experimenta, se sente.

Decido por solicitar uma entrevista na Escola para dar testemunho do passe. Queria formalizar a análise finalizada, mas também sentia que o dispositivo me serviria para poder encaminhar essa outra satisfação. Dispus-me, então, a passar por essa experiência. Após a entrevista de recepção e as pequenas formalidades burocráticas, sorteamos os passadores e começamos. A experiência esteve permanentemente atravessada por contingências: desde a renúncia de uma passadora assim que escutou o testemunho, até a quase suspensão do cartel pela morte de um familiar próximo de uma das integrantes.

Em uma primeira reunião do cartel do passe, somente uma passadora deu seu testemunho. A outra não pôde viajar. Passaram-se meses até que pudesse viajar para dar o testemunho, mas, quando chegou esse momento, renunciou ao dispositivo. Diante da possibilidade de que o processo ficasse a meio caminho, solicitei à Escola poder sortear um novo passador. Uma vez aceita a proposta, voltei às entrevistas. Finalmente, este último passador viaja e dá seu testemunho, nove meses depois de o primeiro ter ocorrido.

Entre os testemunhos e a decisão do cartel do passe, transcorreu um tempo. Nesse período, ocorreram encontros com outros colegas de minha zona, aos quais propus constituir um cartel que originou, mediante transferência de trabalho, a formação

do Fórum Patagônico do Campo Lacaniano – próximo a ser inscrito em nosso encontro em Medellín.

“O cartel do passe não conseguiu discernir o desejo do analista”. Quando chega esse comunicado, eu já estava trabalhando por uma causa que havia surgido de maneira espontânea, efeito de uma experiência, ainda sem nenhum tipo de nomeação, uma espécie de interior externo. A satisfação claramente não está no nome. Transformação em ato, eficácia de um dispositivo. Considero que é isso que faz da Escola uma Escola viva.

Longe do desânimo pela não nomeação, a experiência dentro do dispositivo do passe havia cristalizado em mim uma decisão tomada há muitos anos. As impurezas do dispositivo, o encontro com os passadores, os efeitos que também se produziram neles e os efeitos sobre a minha clínica, somados à nova modalidade de laço que havia descoberto com os demais integrantes da Escola, levaram-me a solicitar formalmente meu ingresso como membro, aderindo explicitamente à política que busca sustentar.

Considero que esse é o saldo da experiência do passe. O destino dessa experiência singular é sua política, contribuição para a Escola e o que isso propicia como afirmação em comum com outros, redundando benefício à psicanálise em extensão. A opção em querer testemunhar sobre a própria experiência de uma análise finalizada é, a meu modo de ver, dobrar a aposta. *Historisterizar* a análise produz um esvaziamento final dessa experiência. Desfazer-se disso gera um “vazio pleno” coincidente com a “satisfação plena” de final de análise. Adquire-se, durante a análise, um saber sobre as condições da estrutura e do gozo, mas se escolhe fazer uso do dispositivo do passe, ofertado pela Escola, para aceder à eficiência do vazio a oferecer como analista. Eficiência essa que não cessa de não se inscrever e, por isso, a experiência do passe é para mim o *efeito* inaugural. O termo *efeito* é aqui tomado mais próximo do participio do verbo *efficere* (completar), formado pelo prefixo *ex* (fora) e *facere* (fazer), diferente da concepção de efeito como algo buscado, como um resultado procurado ou como um objetivo alcançado.

Esse *efeito*, como o concebe a filosofia oriental, é um “efeito habitado pelo vazio e levado a ser produzido, é o efeito que se opera em andamento, portanto nunca completamente manifesto, como deficiente, mas inesgotável”¹⁵.

15 Jullien, F. *Tratado de la eficacia*. Ed. Perfil 1999

O desejo do analista sabe seguir o curso do real. Em contraposição ao “modelo”, o pensamento oriental se apoia na “propensão das coisas”. Aproveita o “potencial da situação”, o deixa operar, vale-se dele para produzir, com pouco esforço, muito efeito. Tenta detectar os fatores favoráveis que existem em cada situação, localizar os indícios que dão conta do curso do desenvolvimento, localizar os elementos com os quais é possível contar para conseguir a transformação. O *efeito* será então uma consequência necessária, e não um fim pré-estabelecido. Não é voluntarista. A partir do real em jogo, fará com que algo se produza apenas deixando-o operar. A estratégia não tem determinação prévia, ganha forma com o potencial da situação. É o percurso da eficácia do inconsciente à eficiência da experiência.

Longe do ideal ocidental de ação, heroico, direcionado para os efeitos, a filosofia oriental nos ensina a deixar que a transformação se imponha, que suceda como *efeito* de um processo. Dar lugar à espera, renunciar ao dirigismo, acompanhar o real e ajudar o que se produz naturalmente. Um “não fazer nada” que, no entanto, produz efeitos como puro resultado da situação. Não se trata de um “não fazer nada passivo”, e sim de um saber que não força a torção, mas que a produz seguindo os caminhos que a singularidade de cada um permite.

Definitivamente, passar da particularidade sintomática ao singular do *sinthome*. Talvez, às vezes, seja esse o destino da experiência do passe.

Sustenta Lacan: “Se algo encontramos que defina o singular, é aquilo que eu chamei por seu nome: um destino. Isso é o singular, vale a pena havê-lo obtido: por sorte, uma sorte que, de todos os modos, tem suas regras. E há um modo de cingir o singular por via justamente desse particular, esse particular que faço equivaler à palavra sintoma.

A psicanálise é a busca dessa sorte, que não é sempre forçosamente nem necessariamente uma boa sorte, uma felicidade... A análise nos indica que não há nada além do nó do sintoma e é necessário suar bastante para conseguir isolá-lo; tanto é preciso suar que podemos inclusive fazer um nome, como se diz, desse suor. É o que conduz em alguns casos ao máximo, ao melhor que se pode fazer: uma obra de arte. Não é nossa intenção, não se trata para nós de levar alguém a tornar-se um nome, nem a

Page numbers

produzir uma obra de arte. O que queremos consiste em incitá-lo a passar pelo bom ofício do que é oferecido, a ele, como singular”¹⁶.

Para concluir, permitam-me compartilhar com vocês umas palavras de Jorge Luis Borges. O poema se chama *Alguém*:

Um homem trabalhado pelo tempo, um homem que nem sequer espera a morte (as provas da morte são estatísticas e não há ninguém que não corra o risco de ser o primeiro imortal), um homem que aprendeu a agradecer as modestas esmolas dos dias: o sonho, a rotina, o sabor da água, uma não suspeitada etimologia, um verso latino ou saxão, a lembrança de uma mulher que o abandonou já faz tantos anos que hoje pode recordá-la sem amargura, um homem que não ignora que o presente já é o futuro e o esquecimento, um homem que foi desleal e com quem foram desleais	pode sentir de repente, ao cruzar a rua, uma misteriosa felicidade que não vem do lado da esperança mas sim de uma antiga inocência, de sua própria raiz ou de um deus disperso. Sabe que não deve olhá-la de perto, porque há razões mais terríveis que tigras que lhe demonstrarão seu dever de ser um desventurado, porém humildemente recebe essa felicidade, esse lampejo. Talvez na morte para sempre sejamos, quando o pó for pó, essa indecifrável raiz, da qual para sempre crescerá, equânime ou atroz, nosso solitário céu ou inferno.
--	--

Tradução: Luis Guilherme Coelho Mola
Revisão: Maria Claudia Formigoni

Efeitos do passe e o fim de análise no desejo com relação à psicanálise¹⁷

Pedro Pablo Arévalo¹⁸
AE da EPFCL

Bom dia a todos. Saúdo a excelente ideia de reunir várias pessoas que participaram da experiência do passe, com a finalidade de falar a partir de nossa

16 Lacan, J. “Intervención luego de la exposición de André Albert sobre el placer y la regla fundamental”. 1975. Tradução de Gabriel Lombardi para uso interno da Cátedra Clínica de Adultos UBA.

17 Apresentação para a *Jornada A Escola a viva voz*, a celebrar-se em Buenos Aires em 28 de agosto de 2015. É uma elaboração que parte do testemunho do passe do autor: *Articulación de pase y fin de análisis: hitos y actos* (Arévalo, 2014-15), da qual se extraem vários parágrafos (incluídos sem referência).

18 AP, AE (2014-2017), FCL da Venezuela.

experiência sobre as consequências na prática da psicanálise¹⁹. Em meu caso, a passagem de analisante a analista, o passe e o fim de análise foram processos entrelaçados e, às vezes, coincidentes, de maneira que seria enganoso falar dos efeitos de um deles de maneira isolada. Sem esquecer essa circunstância, vou passar pelos momentos mais importantes enfatizando **certa dialética que se deu entre esses processos analíticos e o desejo em relação à Psicanálise**.

No que diz respeito a meu percurso analítico, há alguns elementos não muito comuns, começando por eu ser proveniente de áreas completamente alheias à profissão da psicanálise, que, com desconhecida paixão, abracei em etapa já bem avançada da vida. Entende-se, então, que me fosse muito difícil sequer pensar em algum dia atuar como psicanalista. Não obstante, a maior dificuldade não vinha daí, mas da fantasia que me dizia que isso estava vedado para mim, apesar dos mais de vinte anos de leituras e participação em seminários de psicanálise lacaniana. No entanto, **em meus muitos anos de análise, foi-se gestando, secretamente, um desejo que veio a emergir de maneira inesperada e em fortuitas circunstâncias**.

1. Na origem do fim de análise, a emergência do desejo do analista

Há escassos três anos, andava o ainda analisante pelas veredas solitárias do Cerro El Ávila, formosa montanha ao norte de Caracas, e, num cruzamento de caminhos, conhece uma mulher de uns 45 anos, formidável caminhante, cuja extrema magreza chamava a atenção: era um enigma que sua aparente fragilidade suportasse aquela tremenda energia e resistência. Decidiram prosseguir a caminhada juntos por iniciativa dela e, com indiferença de sua parte e sem que ele o pensasse, estabeleceram-se circunstâncias excepcionais que propiciaram **a emergência do desejo do analista**. Essa mulher falava profusamente, de maneira irrefreável, sobre coisas cada vez mais íntimas. Ele, por sua vez, andava taciturno em suas cavilações sobre um terrível período recém-finalizado, derivado de um trágico acidente e do consequente processo legal. E, na solidão daqueles caminhos, deu-se de maneira fortuita uma associação livre, uma atenção flutuante e uma destituição subjetiva. Inadvertidamente, foi tomando o falar irrefreável dela de maneira similar àquela como tomava o seu próprio, em sua análise de tantos anos. Quer dizer, pôs em jogo um hábito quase automático desenvolvido em suas

¹⁹ O trabalho está intencionalmente escrito em diversas pessoas (1ª e 3ª), número e tempo.

sessões de análise, com suas próprias palavras. Começou a tomar nota mentalmente dos significantes, a fazer interpretações e a vinculá-las com o enigma que encerrava aquela mulher.

De comum acordo fizeram muitas outras caminhadas por estradas sempre solitárias e tranquilas. Com isso, deu-se conta do que estava acontecendo e, gradualmente, começou a agir de modo mais consciente. Lamentavelmente, isso o fez errar ao mostrar-lhe seu desejo de analisá-la. Ela, com a sua clara estrutura histórica, respondeu afastando-se. Deixemos até aqui este relato.

No que diz respeito ao advindo analista, aquela tão especial circunstância significou a emergência do *desejo do analista*, de seu particular desejo como analista. Obviamente, não estou falando de um *desejo subjetivo* qualquer, nem da *função desejo do analista* (embora essa tenha sido posta em jogo pela enigmática caminhante), menos ainda de *um desejo de ser analista*. Falo do que moveu aquele analisante a ocupar, sem se dar conta, a posição de analista em que aquela mulher o colocou²⁰. Especificamente, o que o movia era o enigma capturado nela, refletido em sua extrema magreza e falado por sua história e seus significantes.

Vemos então como um longo processo de análise propiciou a gestação, maturação e emergência do desejo do analista em um analisante com formação totalmente alheia à psicanálise. Aquelas caminhadas viram a emergência do desejo do analista, iniciaram a passagem de analisante a analista que, como tal, começou a atuar a partir de então. Tudo isso marcou um ponto crucial do desencadeamento do fim de análise.

1. 2. Um sintoma fora de controle e atravessamento da fantasia

Voltemos aos processos analíticos. Impulsionado pelo desejo do analista posto em jogo em sua nascente clínica, o analisante recém-advindo analista propõe-se a confrontar seu sintoma analítico nuclear. Não falo das dúzias de sintomas que o levaram e o mantiveram em análise, vários dos quais punham em risco sua vida e integridade física, senão da dolência que derivaria no *sinthome*. Cito algumas palavras de então:

²⁰ Sobre o desejo do analista em seus sentidos subjetivo e objetivo, ver, entre outros: Lacan, J. (1959/60, 1964a, 1964b); Soler, C. (2001, 2013); Cottet, S. (1982). Referências detalhadas em Arévalo, P. (2014-15).

Eu queria desarticular, desativar, desmontar o sintoma e o sintoma quase me desmonta a mim. Está disparando com insuportável intensidade e frequência... É muito difícil manejar este assunto, mas creio que não posso evitá-lo se quero desarticular o sintoma. Ou estou me impondo um impossível? (...) Estou em um dilema. Se eu continuo adiante, tirando barreiras, enfrento-me com o evento desatado do sintoma. Se abandono, sinto que a sensação de fracasso me oprimiria²¹.

Senhoras e senhores: não tenho espaço para relatar aqui o ocorrido, como o faço em meu testemunho. Digo apenas que esta confrontação concluiu-se no atravessamento da fantasia. Tampouco posso deter-me nos afetos suscitados com base nesse evento analítico transcendental, uma espécie de telúrico movimento subjetivo que marcou o começo do final de análise.

Nos dias subsequentes, cai em uma espécie de depressão, de luto. Algo na análise havia se desprendido. Esteve duas ou três semanas num estado como que de aplanamento ou de inanição emocional e intelectual. Desse estado, saiu com uma intensa e desconhecida transferência de trabalho, refletida em uma voracidade de leitura inédita em sua já longa vida de pessoa estudiosa, na iniciativa de expor várias obras fundamentais, a tradução, a partir do francês, de um livro sobre a psicanálise lacaniana e a assunção da direção da revista do Fórum, entre outros. Também, nesses dias, decidiu fazer o passe.

Observemos o movimento dialético: um longo trabalho de análise propicia a gestação do desejo do analista, cuja emergência sustenta o enfrentamento com o sintoma. Esse, por sua vez, deriva no atravessamento da fantasia e, como momento seguinte, surge um decidido desejo dirigido à psicanálise em extensão, com diversas manifestações concretas.

3. O passe e a escritura da *hystoria*

Vamos agora ao passe. Numerosos são seus momentos, cada um com seu peso específico: decidi-lo e solicitá-lo, expor as razões, fazer as entrevistas prévias, sortear os passadores, coordenar as entrevistas, preparar-se... Detenhamo-nos aqui por um momento. Essa preparação implicou uma intensa abordagem a partir da letra. Propôs-se a escrever sua *hystoria*, o resultado da *histerização* do seu discurso na análise. Para isso,

²¹ N.R. Em espanhol, o verbo é *agobiar*. Ele é retomado mais adiante, no texto.

partiu de centenas de anotações acumuladas através dos anos e dedicou-se à tarefa de integrá-las, estruturá-las, completá-las e dar-lhes um sentido geral, a partir da perspectiva da passagem de analisante a analista, do atravessamento da fantasia e da proximidade do final de análise. E, no ínterim, buscava ler tudo o que Lacan havia escrito a esse respeito, assim como muitos artigos de passantes, passadores e membros do cartel do passe²². Esse trabalho de escrita e leitura deu-lhe um nível de profundidade conceitual novo e **apontou seu desejo para a psicanálise, tanto em extensão como em intensão, e, muito especialmente, o desejo de chegar à conclusão, à qual nos referiremos agora.**

4. Final de análise

Terminando uma primeira escrita de sua *hystoria* e já quase por viajar para as entrevistas do passe, deu-se o final, seis meses depois do atravessamento da fantasia. Foi precedido por uma interessante formação do inconsciente: pela primeira e única vez em seus muitos anos de análise, esqueceu-se de pagar a sessão. A analista, acertadamente, respondeu que não pensava em cobrar. Seu esquecimento e a ação da analista levaram-no a escrever várias páginas a esse respeito... *A letra fixa o gozo*. Entre as numerosas formações do inconsciente que marcaram o evento, está um sonho integrado de passe e fim de análise: o sonho das toalhas e lençóis num hotel, usados, mas não sujos; os seus e os de outros hóspedes. No sonho, a analista lhe diz que irá acontecer uma eleição ou escolha, o que interpreta como referência a algo desejado: o passe. Não posso examinar aqui o detalhe do sonho, somente mencionar que as toalhas e os lençóis apontam ao resto e aos testemunhos, os seus e os de outros passantes. E que há no sonho um claro convite a apartar-se do Outro, quer dizer, a chegar ao final.

E, com efeito, por esses mesmos dias, um significante inesperado veio a precipitá-lo. O analisante recebe uma correspondência da analista, relacionada com a nova sede em Caracas, em que mencionava a palavra *oprimir* [*agobiar*]. Essa ressoou dentro dele, estava em consonância com o ponto de conclusão no qual se encontrava. Opressão [*agobio*] do *objeto a*?... O certo é que, nesse momento, sentiu que a transferência se desmontou, caiu o sujeito suposto saber e o objeto *a*, deu-se a

22 Entre muitas outras referências: Lacan (1967, 1972-73, 1973); *Wunsch* 8 e 9; os dois volumes de *Lo que pasa en el pase* (Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2010 y 2011).

destituição subjetiva do passe, o saber-se determinado no Outro como objeto. Dois dias depois, tem um sonho de síntese, de conclusão. *O sonho das emeradas vazias*. Sonha com umas caixas, como caixas de sapatos, dispostas tal como se acomodam nas sapatarias. As caixas estão vazias e por fora têm escrita uma palavra enigmática: *emeradas*. O analisante-analisado só reparou que aquela palavra lhe recordava o *olhar* [*mirada*], seu objeto pulsional por excelência. Naquele momento, essa foi toda a sua elaboração. Nada mais observou, nem sequer que as caixas estivessem vazias. Na noite seguinte, sonha que está dentro de uma *emerada*, embora não seja uma caixa, senão uma estreita gruta, de pouca altura, onde não pode ficar em pé. *O falo me supera*, diz no sonho. Esses dois sonhos marcaram a conclusão da análise. Depois deles, ainda foi a um par de sessões, dedicadas a fechar alguns pontos sobre o fim da análise e o passe, cujas entrevistas começariam pouco depois.

Porém, o curioso significante do inconsciente fez, por assim dizer, a viagem de ida e volta no dispositivo do passe, desde as entrevistas com as passadoras até as interpretações escutadas após a nomeação. Um dos integrantes do dispositivo havia estendido uma ponte entre o significante *emeradas* e a *mirada*, o objeto pulsional, escrevendo assim: **m()radas**, evidenciando-se a elisão da **letra i**, que é como a elisão do **i** de *ilegítimo*, significante mestre do gozo descoberto ou revelado pela análise.

Essa interpretação o fez prestar novamente atenção ao sonho, um ano depois do ocorrido. Notou que a palavra *emeradas*, com a escrita da letra **m** como **eme**, ficava flanqueada pelas iniciais do nome do pai, e estão incluídas nela as da mãe. Além de elidido **i** do significante mestre do gozo, fica agregado o **e** de sua estrutura fundamental de repetição, o *escape* [fuga]. Mais ainda, o objeto que as *emeradas* rotulam, as caixas de sapatos, remetem ao objeto dos negócios do pai. Mas agora não são caixas de sapatos: são *caixas de vazio, caixas de falta! Chapeau!*²³ao inconsciente²⁴.

Esse enigmático sonho e seu surpreendente deciframento pelo dispositivo do passe refletem com clareza o cifrar do inconsciente no final da análise e a potencialidade do dispositivo do passe. Isto, por um lado, afiançou o desejo pela

23 N.T.: Expressão em francês para o que desperta admiração, merece homenagem. Equivalente a “tirar o chapéu”.

24 Certeza de que estas elaborações acertem, coincidam com o que cifrou o inconsciente? Nenhuma, como tampouco se tem durante o tempo de análise. Porém, a concordância e os efeitos subjetivos dão um indício e deve-se estar atento ao que continua falando o inconsciente.

transmissão no período de AE e por seus efeitos subjetivos, o que tenho chamado *análise depois da análise* (Arévalo, 2014, p.62). Por outro, aprofundou o desejo pelo deciframento do inconsciente e o desejo em relação à clínica e ao saber acumulado da psicanálise.

5. As entrevistas

Voltemos ao passe. As entrevistas foram realizadas com uma passadora, aqui em Buenos Aires, em outubro de 2013, e com outra em Pereira, na Colômbia, quatro meses depois. Ambas excelentes passadoras, em termos de sua disponibilização de tempo ao dispositivo, sua posição de passadoras, e não de analistas, sua atenta e ativa escuta, seus respeitosos e inteligentes comentários e perguntas e, em suma, o estar em sintonia com o momento analítico do passante. E também pelo que lograram passar ao cartel do passe, inclusive elementos que não sabiam que estavam passando. Os momentos cruciais de minha experiência do passe foram precisamente os de compartilhar com ambas *a hystoria de minha análise*.

Seis meses depois, recebi a notícia da nomeação. Cito umas palavras que escrevi na ocasião: *Uma análise levada até seu fim reescreve a história pessoal, volta o devir, passado, presente e futuro de tal maneira e em tal medida que tudo muda, e não há como voltar atrás* (Arévalo, 2014, p. 62).

Embora seja reiterativo, deve-se dizer que a experiência do passe é inesquecível. Deixa indelével e profunda impressão no sujeito e dá enorme força para sustentar o desejo do analista na clínica, assim como a aposta pela Escola e pelo campo lacaniano. É um processo que termina por prender, unir, em sua plenitude, o desejo com relação à psicanálise, tanto em extensão quanto em intensão.

Obrigado por sua atenção.

Buenos Aires, agosto de 2015.

Comentário posterior à Jornada *La Escuela a viva voz*

Logo depois dessa magnífica Jornada, que muito contribuiu aos enlances em nossa Escola, experienciadas as ricas apresentações e discussões com um público tão ávido quanto conhecedor do tema do passe, Jornada, portanto, tanto em extensão (o

saber acumulado pela psicanálise) quanto em intensão (o saber do inconsciente), sinto confirmar-se minha tese de que o fundamental do dispositivo não é a nomeação, mas a assunção ou não da experiência e do ditame, qualquer que seja esse. Falo de assunção no mesmo sentido em que dizemos assunção da castração, condição *sine qua non* para um final de análise (distinto de um término não conclusivo), ainda que disso pouco se fale hoje na Escola. Talvez a ausência desse debate tenha que ganhar caráter fálico para poder aproximar-nos do que está no centro de nossos desenlaces. Eis aquí minha segunda tese.

Caracas, outubro de 2015.

Referências bibliográficas

Arévalo, Pedro P. (2014). Pasa y recuerda. En *La Azotea* (11-12), revista do Foro do Campo Lacaniano de Venezuela. Caracas.

Arévalo, Pedro P. (2014-15). *Articulación de pase y fin de análisis: hitos y actos*. Depoimento de passe apresentado em Caracas, Valencia (Venezuela), Pereira, São Paulo e Rio de Janeiro.

Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín (2010 y 2011). *Lo que pasa en el pase*, Nos. 1 e 2. Medellín, Colombia.

Cottet, Serge (1982/1984). *Freud y el deseo del psicoanalista*. Buenos Aires, Editorial Hacia el tercer encuentro del Campo Freudiano.

Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano – EPFCL (2010). *Wunsch* No. 8, Boletín internacional de EPFCL, edición en español. Disponível em <http://www.champlacanian.net/public/3/puWunsch.php?language=3>

Foucault, Michel (1966/1974). *Las palabras y las cosas*. México, Siglo XXVI editores.

García Márquez, Gabriel (1967/1982). *100 Años de Soledad*. Colombia: Clásicos Universales.

Lacan, Jacques (1958/1975). *Subversión del sujeto y dialéctica del deseo*. En *Escritos 2*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores.

Lacan, Jacques (1959-60). *El Seminario 6* (El deseo y su interpretación). Versão não estabelecida.

Lacan, Jacques (1960/1975). *La dirección de la cura y los principios de su poder*. En *Escritos 2*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores.

Lacan, Jacques (1964a/1973). *El Seminario 11* (Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis). Buenos Aires, Paidós.

Lacan, Jacques (1964b/1975). *Del Trieb de Freud y del deseo del psicoanalista*. En *Escritos 2*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores.

Lacan, Jacques (1967/2012). *Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela*. En *Otros Escritos*. Buenos Aires, Paidós.

Lacan, Jacques (1972-73/1975). *El Seminario 20* (Aún). Buenos Aires, Paidós.

Lacan, Jacques (1973/2012). *Nota italiana (o Carta a los italianos)*. En *Otros Escritos*. Buenos Aires, Paidós.

Soler, Colette (2001/2009). *Clínica de la destitución subjetiva*. En: *¿Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista?* Buenos Aires, Letra Viva.

Soler, Colette (2013). *El fin y las finalidades del análisis*. Buenos Aires, Letra Viva.

Tradução: Carina Veloso

Revisão: Raul Albino Pacheco Filho e Maria Claudia Formigoni

Alguns comentários para cada um dos três trabalhos

Silvia Migdalek, Buenos Aires
AME da EPFCL

Sandra nos lembra uma afirmação, feita por Lacan no *Seminário 22, R.S.I.*, que recorta e enquadra rapidamente sua leitura: "É inclusive tudo o que eu digo a respeito de qualquer dizer, emprestamos nossa voz, é uma consequência, o dizer não é a voz, é um ato".

Sandra lê a sua experiência no dispositivo do passe como algo que relançou-enlaçou suas questões *sobre* a clínica e *na* Escola.

É particularmente interessante como situa com clareza uma questão que estabelece em relação a "o herege" e de como isso, em cada tratamento, se constituiu em causa de orientação do seu fazer clínico.

O trabalho e o percurso que fez parecem constituir uma contribuição valiosa que causou ressonâncias em quem as escutou.

Fernando vai nos falar sobre a sua experiência a partir de um matiz muito original. Trata o tema da eficácia, partindo da eficácia do inconsciente, e nos abre a questão da eficácia do passe, a eficácia própria dessa experiência, diferenciando-a da eficiência.

"Cabe esclarecer que tomo aqui os termos eficácia e eficiência com uma leve diferença complementar, já que muitas vezes são utilizados como sinônimos. A eficácia se refere a uma capacidade que alcança um efeito por meio da realização de uma ação. Já a eficiência, se refere à aplicação de determinados meios para alcançar um objetivo predeterminado, poderíamos, nesse sentido, pensá-la vinculada a um "saber fazer" através de um dispositivo ou de uma técnica".

O trabalho de Fernando é um testemunho em que prevalece a pergunta pelo desejo em suas distintas modulações – desejo de psicanálise, desejo do analista, desejo de análise – propiciando o encontro com o real do gozo.

Há também uma leitura muito interessante sobre "os tempos" de sua experiência no Passe, uma experiência marcada por contingências adversas e diversas, às quais o secretariado do passe teve que dar resposta para contornar esses obstáculos contingentes. Situo aqui uma resposta para a pergunta que surgiu no Secretariado do Passe da Escola: Como sair do cruzamento desde essa instância a estas contingências, cuidando que o dispositivo se sustente? Também, nesse testemunho de Fernando, aparece um reforço e uma convicção de que algo se transformou em ato, sugerindo a eficácia do dispositivo, um por um.

A experiência do passe testemunhada por **Pedro Pablo** é particularmente interessante, já que se trata de alguém proveniente de outra área, de uma profissão alheia à psicanálise. Todavia, com um exercício da prática analítica que o leva a adquirir convicções e desejos que se poderia dizer não estavam calculados. São efeitos claros da experiência de análise, com um entrelaçamento singular da passagem de analisante a analista, o passe e o final de análise. Escutamos o testemunho de um AE de nossa Escola recentemente nomeado.

MESA 2. COORDENAÇÃO: MARCELO MAZZUCA

O ATO ANALÍTICO, ESCLARECIDO?

Expositores: Laura Salinas, Ana Laura Prates Pacheco, Ricardo Rojas

O que é aquilo que nomeia o analista?

Laura Salinas²⁵

O modo como Lacan respondeu à pergunta sobre o que é o desejo do analista, criando a Escola de Psicanálise e seus dispositivos, nos indica que, ainda que não possa ser o didata quem saiba dizer algo sobre esse desejo, isso precisa ser nomeado; mesmo quando o analista tenha se autorizado, isto é, tenha nomeado a si mesmo como tal.

A nomeação de um novo AE é o que parece dar sentido último à oferta de passe da Escola, mas a eficácia dessa oferta, sua incidência real na autorização dos analistas orientados pelo ensino de Lacan, se escreve nas consequências que causa a todos aqueles que o sustentam: passadores, passantes, cartelizantes do júri, A.M.Es. que propõem passadores e, sobretudo, para aqueles analistas que podem, a partir dessa oferta, escutar-se em seu próprio ato, mesmo quando ainda talvez não tenham notícia cabal dele.

Foi daí que aceitei o convite para falar da minha experiência como passante, ocorrida há sete anos, porque ela anima o desejo de tentar passar a outros o valor dos efeitos que ainda continuam operando em minha autorização como analista.

Qual é o nome do analista?

Por um lado, ele tem seu nome chamado próprio, incapaz de lhe prover uma identidade ou identificar sua essência enquanto mesmidade indivisível: como todo ser falante, existe na pura diferença do significante. Ao invés de identidade, ante o encontro com o significante que falta no Outro, só lhe restou sujeitar-se no caminho da identificação.

O nome é o objeto menos apropriável, pois, perante a ele, o sujeito foi chamado antes de poder responder. É o próprio mais alheio, já que sua consistência mora na

25 Foro Analítico del Río de la Plata.

exterioridade do desejo do Outro. A cada vez que é pronunciado, presentifica a verdade do casal sexual dos pais em jogo na escolha inconsciente desse nome. Sua marca intraduzível de uma língua a outra destaca aquilo que, nele, o desejo do Outro chama a responder.

E m *Maria Domecq*, seu romance autobiográfico, Juan Forn descobre as consequências de ter retirado de seu duplo sobrenome de origem o de seu avô materno, “Domecq”. Entender quais as implicações dessa omissão, o aproximou do horror de saber aquilo que, desconhecendo-o, o nomeava.

E m *A importância de se chamar Ernesto*, Oscar Wilde explora o poderoso influxo de uma verdade escondida por trás do nome próprio, verdade que – sem sabê-la – conectava Ernesto a seu pai e regia o jogo de suas mentiras verdadeiras.

O neurótico é um “sem nome”, diz Lacan em “Subversão do Sujeito”, porque não pode nem habitá-lo nem usá-lo, é, melhor dizendo, seu empregado.

O sintoma, como vai entendendo Lacan a partir de 1975 com a topologia do nó, efetua a real tarefa de nomeação mediante a qual o sujeito não só garante um nome, mas também uma ex-sistência possível no desejo.

O sintoma é o que terá a tarefa de nomear esse ser enquanto gozo. Nome íntimo do ser que cifra, oculto na repetição, o reencontro com o objeto desse gozo, que, sendo pura diferença, lhe deu uma separação possível do desejo do Outro.

A nomeação do analista vem então de uma interioridade externa e nunca poderia provir de um nomear-se a si mesmo, mais próprio de uma posição paranóica ou de impostura. Mesmo o ato de Napoleão Bonaparte, de se autocoroar imperador, requereu uma cerimônia de aprovação com a presença de uns tantos outros na figura do Estado nascente e do Papa como chefe da igreja.

Daí a proposta da Escola de Psicanálise criada por Lacan: o analista se autoriza por si mesmo e por alguns outros. Autoriza-se daquilo que, de fora, vem nomear seu desejo de analista. Não apenas em sua análise pessoal, mas também da experiência de supervisão; do ato que produz nas análises que conduz, e que depois é oferecido à leitura de outros colegas; da pesquisa e escrita nos espaços de cartel. Como todo desejo, não se articula, mas é articulável.

O que nos chama é o que nos nomeia?

Depois de dez anos de trabalho, sentia que minha análise tinha terminado. Após a leitura de certos benefícios alcançados, que eu percebia do percurso da análise, aquele que havia sustentado esse percurso, apoiou sua conclusão. Pouco depois, nos despedimos sem grandes pompas.

Isso acrescentou uma nova transferência, agora em direção à Escola de Psicanálise, que instalou a insistência de uma sensação de incerteza e de certa desconfiança pelo passo dado. Era isso, o que havia experimentado, um final de análise?

Verificava que o desaparecimento de certos sintomas histéricos típicos deu passagem ao amor, com o qual chegou também à maternidade.

Conseguia localizar a forma de um sintoma singular para responder à falta, e atingiu uma redução *suficientemente boa*, junto ao enfraquecimento da consistência do Outro.

A convicção do inconsciente me permitiu começar a dar lugar ao de meus analisantes. Mas, antes de tudo, aceitava que a transferência com esse analista havia caído, apresentando-se como uma falta de questão pelo saber.

Poucos meses depois, após uma jornada de Escola realizada em Buenos Aires em 2008, uma série de três decisivos sonhos vieram a entregar a resposta.

O primeiro deles me perturbou por bordear as coordenadas de uma cena traumática que me marcou por anos. Seu enigmático sentido me deixou preocupada, mas, agora, não havia analista a quem contá-lo! No entanto, o suceder desorientado das associações não tardou em encontrar o horizonte de uma escuta, da agora única analista ali em jogo.

O texto que se dizia na cena do sonho escrevia minha responsabilidade última pelo gozo do sintoma. A posição original das personagens na cena traumática aparecia aqui invertida, mostrando como meu lugar já não era o de uma vítima, mas o de alguém que escolhia estar ali e que podia escolher sair. A fantasia já não bastava para dar sustentação ao sintoma.

Esse sonho, já fora da análise, teve a eficácia conclusiva de evidenciar a nomeação íntima proporcionada pelo *texto-gozo* do sintoma.

A isso que chamou a partir do real, aceitei-o como o que me havia nomeado.

O concernir-se por esse saber real do inconsciente, que já não chamava a um novo deciframento, destituía definitivamente o sujeito suposto saber e produziu, como resultado, um novo analista. A partir daí, pude perceber um grande desejo pela psicanálise. Não havia conseguido, no entanto, sair ainda da autorização que emanava de minha posição de psicóloga vinculada ainda ao discurso universitário.

Tudo isso animou o desejo de verificar, no dispositivo do passe, o acontecido.

Durante o testemunho dado no Rio de Janeiro, mais um sonho aconteceu. Caminhava pelo quebra-mar de Punta Iglesias, na cidade de Mar del Plata, onde nasci, e caía dentro da água. Não sentia medo do risco que isso supunha, mas me angustiava a possibilidade de perder meu documento de identidade. Não ficava claro se isso estava acontecendo em Mar del Plata ou no Rio de Janeiro.

O sonho assinalava que ir mais além da religião do sujeito suposto saber (punta de la iglesia) atentava contra o nome de gozo que anodava meu ser.

Um tempo depois da travessia, a resposta dada pelo cartel encarregava-se de transmitir que minha intenção de ter feito passar o salto de analisante à analista havia fracassado.

Não teria sido o momento de fazê-lo passar? Hoje, leio que foi a partir do processo de *historisterização* no testemunho, junto aos efeitos que isso produziu *a posteriori*, que pôde ser mais bem esclarecido a mim mesma – e não perante o cartel – o ato que me havia nomeado.

Édipo nos ensina que o ato é executado no desconhecimento. Não é autoconsciente, e sim lê-se no tempo do *a posteriori*. Talvez um tempo que seja longo, como o entrevê Colette Soler na *Wunsch* nº11, ao falar do “tempo longo do ato”. Diz: “ora, o que lhe serve de estofo, e que é tempo, não é emprestado do imaginário, 'não há outro-Em-si'²⁶ senão o objeto que cai dele. Mas, “é preciso tempo”, o tempo para o sujeito se instruir com sua divisão. O ato é corte, sem dúvida, mas o que é um corte sem suas bordas, como apreendê-lo sem o que vem antes e sem o que vem depois? Concluo que 'no tempo em que ele se produz', o ato, pode durar muito tempo”.

Essa nomeação, efetivamente operada por mim a partir da experiência do passe, produziu uma nova liberdade para praticar o não saber, plasmado em um entusiasmo diferente pela escrita e pela transmissão. Ao mesmo tempo, o deleite que comecei a

26 Lacan, J. Radiofonia.

experimentar como uma nova *musicalidade* para escutar; significante esse da ‘musicalidade’ que me leva diretamente a meu pai músico, do qual pude servir-me para ir finalmente um pouquinho mais além...

Faz um tempo, dois lutos cruciais para mim indicaram a possibilidade de uma nova análise, da qual me sirvo frequentemente para dar voltas ao redor do sintoma. No meu caso, final de análise e passe não coincidem. A exigência para que coincidam poderia ser um ideal que atente contra a experiência da autorização do analista.



Como se fosse o percurso de uma análise, a Alice, de Lewis Carroll, diz antes de entrar no bosque onde as coisas não têm nome: “O que será do *meu* nome quando entrar no bosque? Não gostaria de perdê-lo de jeito nenhum... porque teriam que me dar outro e, quase certamente, seria feio. Mas que engraçado seria tentar encontrar quem tivesse ficado com meu antigo nome! Como nos anúncios das pessoas que perdem cachorros: 'responde pelo nome de *Dash*'. Imaginem chamar de 'Alice' todos os que se encontrasse, até que alguém respondesse”.

Já dentro do bosque e aflita por ter perdido a pista de seu nome, crê que poderia ajudá-la um pouco perguntar ao cervinho que a acompanha em sua viagem. Ele lhe diz que, para isso, será preciso sair do bosque. Ao chegar do lado de fora, seu acompanhante dá um salto brusco e grita com uma voz gozosa: “sou um cervinho! E você é uma criatura humana!” Um instante depois, após olhá-la, foge a toda velocidade. “Alice o ficou olhando a ponto de chorar, triste por ter perdido tão repentinamente seu querido companheiro de viagem”.

“Ainda que seja agora, sei como me chamo – disse a si mesma. Isso é certo consolo. Alice... Alice.... Não irei esquecê-lo mais”²⁷.

Tradução: Ana Laura Prates Pacheco
Revisão: Maria Claudia Formigoni

27 Carrol, L. (1865). *Aventuras de Alicia en el país de las maravillas*. IN: *Los libros de Alicia*. Editorial La Flor, Buenos Aires, 2008.

Da marginal ao trânsito pela via da transferência: uma carta (*lettre*) à Escola

Ana Laura Prates Pacheco²⁸
AME da EPFCL

O poeta chega à margem da linguagem. E essa margem se chama silêncio, página em branco (Octavio Paz).

Quando recebi uma mensagem de Gabriel Lombardi me pedindo para traduzir o título de minha apresentação, me dei conta de que se tratava de uma cifra, e que decifrá-la seria o próprio esforço desse trabalho. Lembrei-me de um poema de Paulo Leminski com o qual gostaria de iniciar minha apresentação:

Invernáculo

Essa língua não é minha, qualquer um percebe. Quando o sentimento caminha, a palavra permanece. Quem sabe mal digo mentiras, vai ver que só minto verdades. Assim me falou, eu, mínima, quem sabe eu sinto, mal sabe.	Esta não é minha língua. A língua que eu falo trava uma canção longínqua, a voz, além, nem palavra. O dialeto que se usa à margem esquerda da frase, eis a fala que me lusa, eu, meio, eu dentro, eu, quase.
--	--

Marginal, em português, significa algo que está à margem, sendo margem, literalmente, a terra que ladeia rios, lagoas ou mares; metaforicamente significando borda, limite, ou mesmo aquilo que está na periferia (fora do centro). A margem também é o limite onde se pode escrever em um caderno. Há ainda a expressão “margem de liberdade” como um limite de escolha. Marginal, por sua vez, é um sujeito fora da lei. E, finalmente, é o nome dado às grandes perimetrais que bordeiam a cidade de São Paulo, às margens de seus dois rios mortos. Marginal, em meu passe, também é um anagrama. Trânsito, por outro lado, é movimento, mudança, fluxo intenso de carros pelas ruas da cidade. A palavra é composta pelo mesmo prefixo de *transferência* e *transmissão*. Vocês se dão conta que essa tradução não caberia na apresentação de nosso programa.

²⁸ FCL – São Paulo, Brasil.

Como então transitar pela cidade Escola com o que há de mais singular? Ora, Lacan inventou o passe para incomodar os psicanalistas, retirando-os de suas confortáveis poltronas, nas quais não precisam dar provas a ninguém. Com o passe “as estruturas descem às ruas”, permitindo que os impasses, idiosincrasias e até mesmo alguns disparates saiam do anonimato dos divãs e das quatro paredes do consultório. Com o passe, as paredes têm ouvidos, e precisamos nos explicar frente à nossa comunidade; podendo produzir um novo enlace com o outro, que eventualmente promova a transmissão, via letra, de como se deu a passagem do horror ao entusiasmo.

A princípio, não ousaria dizer que esse novo enlace é um novo nó. Acredito que a questão do novo nó que se produz no final, tributário à identificação ao sintoma, e que convoca cada um a se virar com esse gozo opaco, finalmente cingido, vai muito além do passe e da relação com a Escola, embora, evidentemente possa incluí-la. Mais modestamente, portanto, quero propor que sim, o final da análise que produz um analista pode implicar em um enlace original com a Escola.

Para sustentar essa hipótese, trarei a única experiência sobre a qual poderia testemunhar: a minha própria. Nessa experiência, o final de análise veio acompanhado de um enigma a respeito do hiato e da descontinuidade entre o saber construído ao longo de muitos anos de análise e a precipitação, e o ato de decisão do final. Com efeito, no tempo que durou o enlace transferencial, a vida passava como um filme a ser narrado *a posteriori* e, portanto, sempre adiado para o tempo em que Aquiles pudesse, via saber, alcançar a tartaruga. Suposição que não correspondia ao tempo cronológico das fases da vida e tampouco se baseava em casos factuais – já que inúmeras vezes a tartaruga do desejo havia vencido a corrida.

Como escrevi em um texto de 2008: “O sujeito da rememoração é um sujeito infinito, avesso ao ato. Uma vez reduzida a transferência ao extremo da insignificância, o que ainda mantém muitos analisantes é a crença no inconsciente enquanto lastro, garantia do ato. O ponto real da transferência, quando a presença do analista é quase idêntica ao inconsciente. Falar para ser escutado, falar para ser visto, falar para furar o Outro, ou para fazê-lo existir. Continuar falando e, assim, sustentar a convicção de encontrar a verdade escondida nas tramas inconscientes, verdade que, quando fosse finalmente conhecida, poderia libertar o sujeito de suas inibições, sintomas e angústias. Recorrer à análise, nesse momento lógico, responde assim à insistência na suposição de

que há ainda algo a ser desvelado, esclarecido, recordado, rememorado, elaborado, reconstruído. O acesso à verdade última da posição do sujeito na fantasia seria, assim, uma espécie de certificado de garantia respaldado na medida certa, na resolução exata de uma equação cujas variáveis são desejo e gozo”.

Ora, o instante do passe, portanto, não pode ser da ordem de um saber a mais. Ao contrário, trata-se de um esvaziamento, seguido de uma constatação clara e de uma obviedade desconcertante. E, exatamente por isso, tem um caráter inadiável e irreversível. Entre o antes e o depois, há um indecível lógico, impossível de calcular que provoca uma profunda transformação da própria relação do sujeito com o tempo – já que a transferência sustenta por estrutura uma intrínseca conexão entre o tempo, o saber e o sexual. No final, com o passado esvaziado de sentido, o futuro iguala-se a desejo – enquanto aposta – e o sujeito pode viver e desfrutar do tempo que lhe resta. (Prates Pacheco, AL. “Repetir, rememorar, elaborar e decidir: análise entre o instante da fantasia e o momento do ato”. Trabalho apresentado no V Encontro Internacional da IF-EPFCL).

Foi, entretanto, após uma crise institucional que a decisão por fazer o passe se impôs. Ali onde o grupo emergia de modo obscuro, e porque não dizê-lo, cruel; ali, onde todas as afetações demasiadamente humanas despontam e concorrem com o discurso analítico, ali onde tudo poderia indicar a porta da rua, a desistência, o desencanto, a desilusão; pois foi aí que minha relação com a Escola tornou-se mais forte, e foi aí mesmo que arrisquei um novo lance que me levou ao passe. Assim como no final da análise, o ato precedeu a decisão intelectual. Novamente, uma decisão que se impôs, e escapou do cálculo.

O passe, assim, foi uma carta/letra (*lettre*) lançada à Escola, com uma questão, um enigma. Nessa experiência singular, a suposição sustentada até o último segundo antes do instante final, era a da possibilidade de calcular a média exata entre a mulher e a mãe, suposição que caiu no momento do passe clínico. Porque a queda dessa suposição, ponto de sustentação da neurose, havia sido sincrônica à dissolução do ponto de escuta sustentado pelo analista e pela queda simultânea da eterna narrativa dirigida à análise? Questão a ser pesquisada teoricamente, mas que por alguma razão insondável me levou a lançá-la à Escola.

Como recurso de transmissão, o cenário no qual ocorreu o instante do passe – a Marginal – foi usado como artifício. Após a primeira entrevista com a primeira passadora, entretanto, a partir de um ato falho de escrita (uma troca de letra, logo rasurada) revelou o anagrama, para além da metáfora. A palavra Marginal, conscientemente escolhida como recurso retórico – pois além do cenário, sua pluralidade semântica me convinha –, desabrochou como uma criptografia escrita pela letra do sintoma. Digo que a letra escreveu a cifra para deixar claro que não estou confundido a letra como gozo opaco produzido na análise com o anagrama MARGINAL, já que a letra não é grafema.

O artifício inventado para nomear o impasse – friso nomear, e não predicar – foi, portanto, a escrita MARGINAL. Aqui a letra não é impronunciável, mas carta, já encaminhada e, portanto, novamente colocada em outro discurso e articulada a um saber; saber advertido, entretanto, da impossibilidade de escrever a relação sexual. A singularidade dessa cifra aqui não vem ao caso, mas uso mais uma vez esse artifício, para tentar um passo a mais de formalização. A letra que se produz em cada um, a cada vez, em cada análise, é sempre marginal. Litoral, diria Lacan. Ou, nas palavras de Caetano Veloso citando Guimarães Rosa: *margem da palavra, entre as escuras duas margens da palavra, clareia luz madura Rosa da palavra, puro silêncio, nosso pai*. Ela sempre cinge algo do real, opaco e intransmissível. Como fazer laço, lançando algo tão específico? Como da Marginal, passar ao trânsito, transitar, transar, transmitir, transformar, transliterar?

Como testemunho desse novo laço, trago aqui pequenas passagens de cartas trocadas com um colega integrante do cartel que escutou a transmissão de minhas passadoras, após a notícia de minha não nomeação. Achei suas palavras muito significativas: *É muito importante suportar que nem tudo é transmissível. Há um ponto de opacidade. Nem sempre se pode transmitir tudo*. Respondi: *Não deixa de ser irônico lembrar mais uma vez, que o Outro não existe*. Ele confirmou: *Somos todos órfãos do Outro, mas nem todos sabem. Em vez de chorar podemos falar juntos, ou cantar*.

Um pequeno recorte de testemunho: no passe, duas passadoras bastante diferentes: uma brasileira madura, moradora e analista em São Paulo, mas nativa de outro estado. Outra, bem jovem, argentina, habitante de Buenos Aires. A primeira, séria, compenetrada no exercício de sua função. A segunda, inadvertida, ingênua, e

certamente assustada. Paradoxalmente muito mais descontraída. Ou seria a passante que já se descontraíra depois da produção surpreendente das entrevistas com a passadora 1? Ou a descontração seria por realizar, na própria experiência do passe, a cura de sua anorexia verbal – e em língua estrangeira. Mas a língua não é sempre estrangeira? A nossa? A dos rebotalhos, dispersos e disparatados? Após ambos os processos, cada uma a sua vez – por algum mistério do passe – na hora da despedida disse literalmente A MESMA FRASE: *Só queria te dizer uma coisa: parece que você fez toda essa travessia sozinha!* A passante pensou: *e não foi?* E o que fazer com essa solidão radical e imunda, a não ser inventar novas formas de torná-la mundana?

Cais (Milton Nascimento)

Para quem quer se soltar invento o cais Invento mais que a solidão me dá Invento lua nova a clarear Invento o amor e sei a dor de me lançar Eu queria ser feliz Invento o mar	Invento em mim o sonhador Para quem quer me seguir eu quero mais Tenho o caminho do que sempre quis E um saveiro pronto pra partir Invento o cais E sei a vez de me lançar
--	---

No final, talvez, a grande lição desse passe seja que a saída para o “falar nada” seja o “falar não-tudo” e pagar o preço. Continuemos, então, apostando nesse grande orfanato chamado Escola!

Sonhos que despertam o final

Ricardo Rojas²⁹
AME da EPFCL

Esse trabalho surge marcado por meu “*afeto de pertinência*”³⁰ nos diversos lugares do dispositivo do passe e por minha recente participação em um Cartel do passe de nossa Escola. O lugar preponderante que ocuparam vários sonhos no testemunho dessa passante me levou à interrogação: Qual é a natureza dos sonhos e das formações

29FCL – Medellín, Colombia. Membro do Colegiado Internacional da Garantia 2014-2016.

30 Em relação ao ‘afeto de pertinência’, remeto-os ao texto de Beatriz Maya: *O tempo do final*, publicado em *Lo que pasa en el pase No.1*, pela Asociación América Latina Norte, em 2010 (p. 24-25) e apresentado na Primeira Jornada do Passe em Valencia-Venezuela 2007.

do inconsciente? E também, como parte do trabalho conceitual nos Cartéis da Comissão Internacional da Garantia, a verificar o saber que *passa* nessa experiência.

Dos testemunhos publicados do passe, elaborados por passantes, passadores e Membros do Cartel de nossa Escola, de minha própria experiência recente como passante, da experiência dos passadores designados por mim e sorteados, pude depreender a importância das formações do inconsciente durante esse tempo do passe e durante o próprio testemunho. Não obstante, o título de meu trabalho poderia parecer paradoxal em relação a certa concepção que se tem dos sonhos, segundo a qual são situados como busca de um sentido enigmático revelado por um trabalho de interpretação do relato apoiado nas associações do paciente. Sonhos que estariam a serviço do desejo de dormir como ficção que engoda os imperativos das pulsões derivando-as na rede de seu cenário. Nessa aproximação, os sonhos manteriam à distancia o gozo bruto, tamponando-o, domesticando a vida do corpo nas homeostacias e as derivas do princípio do prazer. Em função disso, os sonhos seriam um tipo particular de defesa contra o real que o impedem despertar e, ao mesmo tempo, estariam na contramão das metas da análise, pois distanciariam o real. Os sonhos situados como uma produção de sentido entre o simbólico e o imaginário.

Falta perguntar: onde ficaria o real do sonho introduzido por Freud nesse “*umbigo do sonho*”, real também desvelado por ele no desfalecimento do saber que representa o “*não sabia que estava morto... segundo meu anseio*”, nesse sonho *princeps* retomado por Lacan em várias ocasiões? E o que dizer do real da letra mostrado por Freud, por exemplo, no sonho da injeção de Irma? Entenderíamos bem aqui a frase de Lacan: “*o sonho protege algo que se chama um desejo. Ora, um desejo não é concebível sem meu nó borromeano*”³¹. Quer dizer que a estrutura do sonho só pode ser concebida nos enlaces dos três registros. A meu ver, Colette Soler está certa quando observa a fórmula: “*O sonho é borromeano*”, deduzida a partir do fato de que “*o gozo-sentido do sonho é precisamente o que supõe esse nó do simbólico, do imaginário e do real*”³². Desde o começo de seu ensino, Lacan se refere a essa dimensão do real no sonho, para além de seus elementos simbólicos nos mecanismos da metáfora e da metonímia do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, pois, inclusive aí e

31 Lacan, J.. *Seminário 22 RSI*, aula de 15/04/1975, não publicada.

32 Soler, C.. “*El ombligo y la cosa*”, Revista Le Enje No. 2, Ed. Eres, 2004, p. 171-180.

quando da aproximação do sonho de Joyce: *Finnegans Wake*, sabemos que metáfora e metonímia não apenas enodam sentido entre o imaginário e o simbólico, mas também o real dos “efeitos de sentido”. Poderíamos então dizer que nada *ex-siste* sem o três do nó. Não há formações do inconsciente que não sejam de *lalangue*, nos diz Lacan em suas conferências sobre Joyce³³. Portanto, elas estão para além da ordem do inconsciente estruturado como uma linguagem. *Lalangue* é aquilo pelo qual o significante pode ser chamado a ser signo, onde o Um se encarna, sendo algo que fica indeciso entre fonema, palavra, frase e, ainda, o pensamento todo³⁴. Não é estranho, assim, que seja na aproximação com Joyce que Lacan mostre que as formações do inconsciente podem também estar do lado de *lalangue*. Joyce modelo de final de análise, aquele que faz do equívoco sintoma, gozo; aquele que com seu *saber-fazer-aí-com* faz-se artífice do real.

O lugar em que o sonho mais se aproxima do real, em Lacan, é na resposta à pergunta de Marcel Ritter³⁵, questão acerca do *Unerkannt*, do *não-reconhecido*, e que Lacan correlaciona com o *Urverdrängt*, o recalque primordial assinalando que: “[...] no fato de não deixar de não se escrever, aí está o que me parece ser o sentido do *Unerkannt* enquanto *Urverdrängt*. Aí não há mais nada a extrair. É o que Freud designa falando do umbigo do sonho. [...] É aí que não se compreende nada. Não há nenhum meio de puxar mais a corda, a ser não para rompê-la. De modo que isso designa uma analogia [...] com o que acabam de designar como o real pulsional”. Aí não há mais nada a extrair da ordem da interpretação do sentido. O assunto bascula para outro lado, em direção à ordem do real, do impossível, do pulsional irreduzível e do que aí se reduz à função do furo.

O impossível é “o que não cessa de não se escrever”, mas “o real é o possível esperando que se escreva”³⁶, que se escreva essa vírgula que instaura uma pausa do que cessa, não cessando de não se escrever. Esse momento no qual o impossível *ex-siste* como signo, como letra e onde é possível tocar um “pedaço de real”³⁷. E é por

33 Lacan, J.. «De James Joyce como *sinthoma*», pronunciado em 24 de janeiro de 1976 no Centro Universitário Mediterrâneo de Niza. Texto inédito, publicado na *Revista Le croquant* n.º 28, novembro, 2000.

34 Lacan, J.. *Seminário 20 mais, ainda*. Aula de 26/06/1973, Paidós, Buenos Aires, 1981, p.173.

35 Lacan, J.. *Seminário 22 RSI*. Aula de 26/01/1975, não publicada.

36 Lacan, J.. *Seminário 24 L'insu....* Aula de 8 de março, não publicada.

“pequenos pedaços de escritura que se entra no real [...] é isso o que suporta o real”³⁸, pois “o real é a escritura de nada mais do que esse nó que se escreve pelo dizer”³⁹.

Visitemos o instante do passo do passe, o enigmático do que aí se joga e do que Lacan esperava que fosse esclarecido pelo dispositivo do passe⁴⁰, instante de Ato “no qual o sujeito não se reconhece em seus efeitos de franqueamento decisivo, pois o sujeito está todo inteiro como sujeito transformado pelo Ato”⁴¹. Isso mostra a Lacan o enlace estrutural entre o ato e a *Verleugnung* [o desmentido]⁴². É preciso esclarecer o que é que faz com que esse passo seja um relâmpago “pelo qual se entra no discurso analítico”⁴³, esse algo “que traz subitamente uma luz diferente a certa parte nas sombras de sua análise; se é precisamente neste raio que algo pode ser vislumbrado dessa experiência”⁴⁴. Em múltiplos testemunhos do passe ficou evidente que uma formação do inconsciente surge, dando um giro no tratamento que até aí se desenvolvia em certo momento de adormecimento, no qual essa irrupção de real termina despertando o analisante. Daí meu título de hoje: *Sonhos que despertam o final*, sonhos que terminam transformando esse instante em um Ato, ou momento do passo do passe. Essa tese vai na mesma direção que aquela assim enunciada por Lacan: “É uma de minhas elaborações que o despertar seja um relâmpago [...] no momento em que efetivamente saio do sonho, tenho aí nesse momento um breve relâmpago de lucidez”⁴⁵. Haveria certos sonhos que despertariam o final por esse relâmpago. E, ainda que esse Ato seja aparamentado pelo desmentido e que aquele que espreita esse saber não possa

37 Lacan, J.. *Seminário 23 o sinthoma*. Aula de 13/04/1976. Ed. Paidós, Buenos Aires, 2005, p.121-122. Traduzido nessa edição não como pedaço, mas como “fragmento”.

38 *Ibid.*, Aula de 13/01/76.

39 Lacan, J.. *Seminário 21 les non-dupes errent*. Aula de 23/04/1974, não publicado.

40 Lacan, J.. *Conferência de Genebra sobre o sintoma* (04/10/1975). em *Intervenciones y Textos 2*, Ed. Manantial, Buenos Aires, 1993, p.121.

41 Lacan, J.. *Seminário 14 a lógica do fantasma*, aula de 22/02/1967, não publicado.

42 Lacan, J.. *Seminário 15 o ato psicanalítico*, aula de 28/02/1968, não publicado.

43 Lacan, J.. *Intervenção de Jacques Lacan. Aula de sexta-feira, 2 de novembro (à tarde)*, publicado nas *Lettres de l'École Freudienne n° 15*, 1975, pp. 69-80.

44 Lacan, J.. *Acerca da experiência do passe e sua transmissão*, Intervenção no Congresso La Gran Mottet da EFP, publicado em *Ornicar?* No. 1, em espanhol, Ediciones Pretel, Madrid, 1981, p.36.

45 Lacan, J.. *Seminário 22 RSI*, Aula de 11/02/75, não publicada.

dar conta do sucedido, será necessário deduzi-lo dentre os ditos da análise para extrair *Um-dizer*, franqueando a via desse saber que não passa para as palavras por ser da ordem do real pulsional em jogo na repetição.

Enquanto o Cartel do passe não captar esses *pedaços de real* de maneira direta, será necessário um trabalho de deciframento, mas não como busca de sentido e significação como muitos o entenderam, mas da maneira como Lacan o transmitiu a partir da aproximação entre a letra e a escritura, quer dizer, “*retornar ao que é a cifra*”⁴⁶. Signo para decifrar que permite retirar o real da estrutura e o gozo que aí se cifra e se decifra. Dimensão significativa pura, o legível impossível de um saber que se deve “ler de outra maneira” no dizer dos enunciados, o que comporta a dimensão da cifra, na medida em que ela funda a ordem do signo, pois o deciframento põe um limite ao infinito da interpretação de sentido que foge pelo tonel das danaiades. Trata-se, no deciframento, mais do “efeito de sentido” que possa tomar nele mesmo a sucessão de signos, efeito que aponta ao real⁴⁷, ainda que tendo clareza do fato de que “*não é porque uma dita-mensão dá a outra seu término que ela mesma entrega sua estrutura. [...] Desembocar aí não a impede de fazer furo. Uma mensagem decifrada pode continuar sendo um enigma*”⁴⁸.

Um sonho artífice no analisante irrompe um despertar no qual um significante Ideal do Outro, traço unário perante o qual se ficou hipnotizado no emaranhado dos cenários fantasmáticos que deram as cartas por toda a vida, se encontra frente a frente com o sujeito, sempre desaparecido do cenário que surge no olhar ser olhado. Sujeito redizido a um puro objeto, objeto olhar espantoso que desperta, pois o que circula não é mais do que a mesma luta mortal, o desaparecimento por uma não-pisada. Mas, o que é isso?, interpreta o analista hipnotizado, resposta do analisante que despertou: não é mais do que *abcdz*, um som onomatopaico, seguido de uma interpretação corte, deixando cinco letras sem sentido, mera voz letra pela qual cai, se desprende o objeto, desprendimento pelo qual o mecanismo fundamental da operação analítica encontra seu

46 Lacan, J.. *A terceira*, em *Intervenciones y Textos 2*, Ed. Manantial, Buenos Aires, 1993, p.73-108.

47 Lacan, J.. *Seminário 22 R.S.I.*, Aula de 11/02/75, não publicado.

48 Lacan, J.. *Introdução à Edição alemã do primeiro volume dos Escritos*, Em *Otros escritos*, Ed. Paidós, Buenos Aires 2012, p. 579.

caminho, manter para sempre a distância entre I do *Ideal do Eu* e o *a* do objeto⁴⁹. Despertar seguido pelo Ato do analista que não permite continuar dormindo e corta o gozo do *ciframento-deciframento* ao isolar um significante *signo-cifra* que permite um lampejo, o vislumbre de um saber *não-sabido* e *sem o saber* que surge cheio de consequências. Decifra-se um passo de um Isso que não é mais do que Id e que nos permite concluir que *há-o-Um* sem mais, marca do *desejo-do-analista*. Poderá cernir-se talvez um pouco mais, mas graças a um processo de formalização que está apenas começando e que espero manter longe de tentativas de acréscimos de sentidos que tamponem o buraco da castração, *Verleugnung*, destino comum do Ato, pois é importante recordar o que Lacan diz: “*os psicanalistas são os sábios de um saber sobre o qual eles não podem conversar*”⁵⁰.

Tradução: Sonia Alberti
Revisão: Maria Claudia Formigoni

Alguns comentários para cada um dos três trabalhos

Marcelo Mazzuca, Buenos Aires.

Ao escutar os trabalhos desta mesa em que a Escola fala a viva voz, achei interessante o fato de os textos parecerem conversar entre si, o que não é fácil quando se trata de esclarecer o ato analítico. Ricardo, ao final de sua apresentação, nos lembrou as palavras de Lacan: “*os psicanalistas são os sábios de um saber sobre o qual eles não podem conversar*”. Ana Laura dizia isso a seu modo, referindo-se a “*este grande orfanato chamado Escola*”. Há, então, um forçamento, um paradoxo inclusive, ao tentar dizer o impossível implicado no ato. Laura o diz de uma linda maneira ao início de sua apresentação: “*isso deve ser nomeado*”. Há, assim, nos três trabalhos, uma tentativa de avanço da palavra sobre o real, um empuxo ao dizer. Cada um tenta responder a partir de sua perspectiva e considerando sempre a experiência pessoal no passe: por quais vias

49 Lacan, J.. *Seminário 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Paidós, Buenos Aires, p. 279-284.

50 Lacan, J.. *Del psicoanálisis en sus relaciones con la realidad*, en *Intervenciones y Textos 2*, Ed. Manantial, Buenos Aires, 1993, p.54.

e até que ponto pode esclarecer-se o ato analítico? De que se autoriza? Entre outras perguntas...

O primeiro ponto de convergência é o valor que têm certos sonhos em relação ao ato. A tese está explícita na apresentação de Ricardo, mas pode também ser lida nos demais trabalhos. Ricardo chama o sonho de “*artífice*”, evocando a leitura que Lacan faz de Joyce. No caso pontual de Laura, é um sonho fora da análise que, segundo ela diz, “*teve a eficácia conclusiva de evidenciar a nomeação íntima proporcionada pelo gozo do sintoma*”. Sonhos, então, que, ao invés de convocar o deciframento do sentido, indicam a presença de um real e, por isso, são próximos ao despertar e ao ato.

Um segundo ponto de convergência tem a ver com esse outro “artífice” em que consiste a “letra” do sintoma. Nesse caso, a tese parece-me explícita na apresentação de Ana Laura, mas também nas outras exposições. “*O artifício inventado para denominar o impasse*”, diz Ana em seu trabalho, referindo-se ao anagrama *marginal* com o qual a letra impronunciável converte-se em carta encaminhada à Escola com fins de transmissão. Laura o diz a seu modo, destacando a temática do sintoma como nomeação que provém do real, enquanto Ricardo lembra que, segundo Lacan, “*não há formações do inconsciente que não sejam de lalíngua*”.

Finalmente, pode-se dizer que essas duas vertentes pelas quais nos aproximamos do esclarecimento do ato analítico têm um contexto comum nas três experiências. Todos sugerem um tempo do ato que não se restringe ao de instante “relâmpago” e que, mais uma vez, propõe uma possível distância entre final de análise e passe. Ao mesmo tempo, todos destacam uma topologia comum à experiência vivida, a qual fica evidente na afirmação de Laura: “*a nomeação do analista vem de uma exterioridade*”. Portanto, a “temporalidade” e a “extimidade” do ato que nomeia são os outros aspectos comuns às três apresentações. Certamente, em torno desses temas, poderemos dar continuidade ao debate.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

MESA 3. COORDENAÇÃO: DOMINIQUE FINGERMAN

LALANGUE E A TOPOLOGIA DOS DESEJOS NO PASSE

Expositores: Rosane Melo (Rio de Janeiro) e Beatriz Helena Maya (Medellín).

Cenários e *lalíngua* no encontro com os passadores no passe.

Rosane Melo⁵¹
AME, EPFCL

Dois dispositivos, seus riscos e a aposta.

Lacan propõe o passe para verificar a passagem de um analisante a analista⁵² através de um dispositivo no qual um sujeito torna-se o analista de sua própria experiência, facultando-lhe a experiência de um acréscimo de saber que se acrescenta à própria experiência de análise. O passe requer um aparato muito complexo e inclui o coletivo de Escola, à medida que inclui os passadores, os A.M.E.s que os indicam, os cartéis, os passantes em potencial, e no caso do Brasil, os dispositivos próprios da EPFCL que zelam pelo seu funcionamento (CLEAG e CLGAL). O dispositivo produz um trabalho de Escola, um trabalho de transmissão “que pode ser questionado no conjunto”⁵³. Para que o passe não retorne à mistagogia (uma introdução aos mistérios do sagrado) “os resultados devem ser comunicados”⁵⁴.

O risco e a aposta estão presentes em todos os momentos do dispositivo: pela via do passante a tarefa é inédita pois pressupõe falar sem modelo; pela via do passador pressupõe-se a escuta daquele que ainda não sofreu a amnésia do seu ato, e pela via do cartel, a abstinência de uma “fantasia de análise” ou mesmo de um “sonho de que o passante tenha ido mais além”⁵⁵. Logo, nada de rituais, pois “autorizar-se de si mesmo

51 FCL – Rio de Janeiro, Brasil. Professora da UFRRJ.

52 Lacan, J. (1967). *A Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o analista da escola*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p 259.

53 Soler, C. (2012). “O fim, os fins” IN: *Wunsch*, n. 12, p 43.

54 Lacan, J. 1967, *A Proposição de 9 de outubro...* op.cit. p. 261

55 Expressões usadas por Luis Izcovitch e Marc Strauss em apresentações orais no Brasil.

não é auto-(rituali)zar-se”⁵⁶. Há produção de saber à vista, mas os integrantes do dispositivo devem estar à altura de sustentar a douta-ignorância na experiência. Caso contrário, retornaremos a teorias e às hipóteses sobre o que é um fim de análise.

“Vivendo e aprendendo a jogar, nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar”⁵⁷. O risco e a aposta são inerentes aos jogos, à viagem analítica e ao dispositivo do passe. O dispositivo analítico e o do passe são atravessados por elementos constituintes dos jogos, são artifícios para encobrir o risco de uma aposta que pode ir da vida ao pior. Freud usou duas metáforas valiosas para acentuar a infinita variedade de possibilidades no percurso dentro do dispositivo analítico. A metáfora do xadrez, introduzida por Freud⁵⁸ no texto “Sobre o início do tratamento”, indica as formalizações possíveis sobre o início e o fim do percurso, e ao mesmo tempo coloca em relevo que a entrada nesse dispositivo implica assumir o risco... o risco do imprevisível... da infinita variedade de jogadas dos jogadores... após a abertura, desafia qualquer descrição”.

A metáfora da viagem, apresentada por Freud⁵⁹, no texto “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, coloca em relevo os dois momentos de uma viagem comparáveis aos momentos de uma análise: no primeiro momento todos os preparativos necessários tão complicados, como difíceis, de cumprir, e que todavia não garantem a chegada, pois que sentar no trem não faz o sujeito avançar em direção à sua meta porque ainda é preciso percorrer o caminho de uma estação à outra. Durante a viagem, pode o viajante descrever as imagens que vê desfilar ao observar a paisagem pela janela. Lacan, por sua vez, fez referência ao campo dos jogos para tratar da Direção do tratamento: encontramos profusões de referências à Carta roubada, ao jogo dos prisioneiros, ao jogo do par ou ímpar, e ao jogo de *bridge*.

56 Lacan, J. Nota Italiana (1974). Em: *Outros Escritos. op. cit.*, p. 312

57 Refrão de uma música “Aprendendo a jogar”, cantada por Elis Regina. Compositor: Guilherme Arantes.

58 Freud, S. (1913). “Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)” In: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 161-187.

59 Freud, S. (1920). “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” In: Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XVIII.

Se a lógica do ato é “consequência da via analisante”⁶⁰, a exploração dessa via é a proposição do passe. O ato analítico põe o sujeito em causa, e é a partir dele que é possível situar o desejo do analista e que, como diz Lacan (1967), tal desejo nada tem a ver com o desejo de ser analista. Até então, sobre o ato analítico “nós o supomos a partir do momento eletivo em que o psicanalista passa a analista”⁶¹. A Escola, para que não permaneçamos apenas na suposição, assume a função de dissipar as trevas que encobrem a passagem dentro do processo analítico.

Se o dispositivo analítico faculta ao analisante *historicizar-se* como sujeito, uma experiência que permite a travessia do inconsciente-Outro ao inconsciente real, o passe faculta ao passante “*historicizar* sua análise”⁶². E isso o torna *ipso facto* responsável pelo progresso da Escola. No fim, o que causa ainda, senão a transferência com a própria psicanálise ou com a causa analítica? A causa analítica faz laço e é a condição lógica da transmissão. Enquanto o dispositivo analítico permite ao sujeito “apreender tanto as coordenadas simbólicas quanto a consistência lógica do objeto que causa seu desejo e determina sua (*des*)orientação subjetiva”⁶³, o passe permite um sujeito tornar-se analista da própria experiência⁶⁴ levando em conta o real em jogo na própria formação do analista que ali passa a analisante do atravessamento do horror de saber.

Os dois dispositivos têm seus artifícios associados à transferência e efetuam uma experiência única para cada um que por ali passa. Enquanto a análise opera através do artifício da transferência e programa o luto e um desolajamento do analista – e não sua liquidação –, o passe por sua vez testemunha, muito além, a transferência dos psicanalistas com a psicanálise.

60 Lacan, J. 1967. *Discurso à Escola Freudiana de Paris*. 06 de dezembro de 1967. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 280.

61 Lacan, J. (1967-1968). “O ato psicanalítico – Resumo do Seminário de 1967-1968”. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 371.

62 Lacan, J. (1976). “Prefácio à edição inglesa de O Seminário, livro 11 ” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 569. Lacan escreve: “Donde eu haver designado por passe essa verificação da historiesterização da análise...”

63 Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar. p.60.

64 Lacan, J. *Proposição de 09 de outubro de 1967...* op. cit., p. 248.

Lacan⁶⁵ marca o fim da análise pela satisfação, pelo ganho de saber ou da visão panorâmica da análise, pelo acesso a um saber que desembaraça o sujeito da impotência e o conduz ao consentimento da castração, colocando-a na conta da vida. A desvinculação do desejo do Outro condiciona um desejo que não espera mais nenhum objeto que o satisfaça: é pura falta. “O fim da análise depende do ajuste do ponto certo em que um desejo impele ao ato”⁶⁶. Da Escola espera-se então a produção e a transmissão de um saber sobre a passagem do desejo covarde e defensivo, ao desejo decidido e advertido, e sobre o afeto produzido por tal efeito epistêmico. O desejo do analista dito inédito, decidido e advertido impele ao ato, pois este não pode ser sem consequências. A doutrina a ser elaborada em um trabalho de Escola é menos, a meu ver, sobre o momento da autorização do analista e mais sobre os efeitos da análise que condicionam o ato e o saber-se objeto. Efeitos que levam em conta que o Inconsciente é o Outro, o modo como o sujeito foi impregnado pela linguagem. Toda aposta do passe está na verificação do inverificável, do inarticulável, do insondável, mas, por estrutura, encenável.

O passe e o despertar para o real

O que podemos esperar sobre a transmissão daquilo que é inarticulável do lugar do sujeito, indizível e ao mesmo tempo motor da enunciação? O desejo é sua enunciação, e o que o torna então apreensível é a experiência do des-ser⁶⁷, o des-ser com que o analisante é afetado é um índice do termo de uma análise. O desejo, sempre demoníaco, indomável, inarticulável somente pode ser encenado. Daí o caráter cênico, cinematográfico e fotográfico do passe. Os sonhos, como os recolhemos em vários testemunhos e elaborações dos cartéis do passe, ocorrem em profusão durante o dispositivo.

Assim como no sonho, a figurabilidade dos cenários do passe coloca em cena algo que somente pode ser figurado, porque não apreensível. E ao passarmos à elaboração da própria experiência do passe, dos cenários e dos encontros com os passadores, tem-se a fortuna de fotografar os significantes traumáticos da Outra cena. O

65 Lacan, J. 1976, Prefácio à edição Inglesa do *O Seminário, livro 11.*, op. cit.

66 Lacan, J. (1967). *Raison d'un échec*. Em Scilicet. In: *Scilicet* 1, p. 47.

67 Lacan, J. *Proposição de 09 de outubro de 1967...* op. cit., p. 259.

cenário do passe é um palco onde o passante pode lançar um golpe de vista na Outra cena, como um instante de ver, e tal como fogo de artifício, leva horas para ser preparado e se acende num instante⁶⁸. Logo se apaga! Por isso, a escrita e a elaboração. O que esperar quanto ao real em todas as suas variedades de resistências à significação senão lampejos que colocam em cena os significantes que remetem ao intratável da vida psíquica? O infantil retorna, mas não mais traz efeitos de enigma, e sim o que mais uma vez se dá a ver. Nesse caso, a vista do cemitério é o mote, mas não mais apenas morte, vestígios de um fim em todas as suas variedades. Por que viajar de tão longe para mirar, em terras tão longínquas, uma cena tão familiar?

Nesse cenário, o encontro com os passadores em outro país e em outra língua, evoca momentos de início e de fim de análise. O que pôde em outra língua ser lido como “Enorejada”, indica todo artifício da linguagem para cifrar o que foi um dia “Na hora errada”, e hoje condiciona o “ouvir de orelhada”. Falar em outra língua, ou falar a língua do outro é tão próprio à experiência analítica que esses enlaces, quando ocorrem, entre passadores e passantes, podem mesmo favorecer esbarrões nos traumatismos da língua materna perpetrados na constituição do sujeito.

Um nó de desejos

Beatriz Elena Maya R.⁶⁹
AME da EPFCL

Um chamado como este mobiliza a história de minha experiência no passe, carregando muitos afetos e reflexões. Os primeiros já estão saldados e as segundas, permanentemente comigo.

Depois de receber o convite para participar desta Jornada, um sonho, do qual somente tenho um retalho, aparece: vou apresentar-me novamente ao passe na AJPL, sigla com a qual eu brinco, transformando-a em GPS, aquilo que orienta, que nos guia por um caminho. No sonho, me pergunto: o que vou fazer aí se o que tinha para passar já se perdeu? A lembrança diurna faz referência à leitura de um artigo de alguém que se apresentou ao passe naquela Associação, embora fosse membro da IF, e lá foi nomeada.

68 Freud, S. (1900). *A Interpretação dos sonhos*. In: *Obras completas*. Op. cit., vol. V.

69 FCL – Medellín, Colombia.

Contudo, realmente, o que esse sonho diz é a banalidade da repetição de algo que, para mim, teve valor de acontecimento; emprego essa palavra com o peso que Lacan lhe dá de ato e de efeitos no corpo. Desde que fui passadora, não me cansarei de dizer que o passe se impôs a mim. Estava completamente tomada pelo discurso da passante, que falava e me impregnava com uma experiência que, para mim, foi inovadora e inesquecível.

Minha experiência de passadora e de passante esteve atravessada pelas formações do inconsciente. Assim, esquecimentos e lapsos tiveram presença em um ato que, de certa maneira, se idealiza e se tinge de uma falsa expectativa, acreditando que nada se pode esquecer nem do outro nem de si mesmo. Esquecer, por exemplo, o nome do passante de quem se fala ou um significante primordial que somente chega no momento de precipitação da entrega, é a prova do não-todo que a lógica que ali se põe em jogo assiste.

Um troço dado à entrada do consultório de uma de minhas passadoras produziu uma queda que evocou outra da infância, na qual um bem precioso se quebrara. A segunda queda, provavelmente, representou para mim que o que eu levava não eram mais do que pedaços de algo impossível de juntar novamente em uma imagem ou em um dito que o restituísse sem falha alguma. Somente poderia entregar restos de significantes, ou melhor, letras, que só alcançavam a bordejar um real impossível.

Assim, o dispositivo do passe foi uma volta a mais na minha experiência, sem analista, porque a queda da transferência tinha se dado fazia um tempo. Pude deixar que algo mais falasse em mim. O passe me permitiu descobrir algo que, na transferência com o analista, não se tinha decantado. Foi a possibilidade de testemunhar sobre meu trabalho analítico, o que me levou a cernir o resto a que sempre chamei “letra”, ou melhor, “*lalíngua própria*”, tema que se introduziu entre os interesses que não cessaram.

Em diversas Jornadas pensei sobre distintos aspectos que me pareceram importantes como, por exemplo, a lógica em jogo na nomeação como inclusão em um conjunto chamado Escola. O título AE, como toda nomeação, teria efeitos de sutura⁷⁰, definida como aquilo que vem fazer as vezes do sujeito que falta na cadeia do discurso.

70 Lacan, J.. *Seminário 12: Problemas cruciais para a psicanálise* (1964-1965). Aula de 7 de abril de 1965. Inédito.

Se pensarmos a partir da lógica de Frege⁷¹, há algo que vem no lugar disso que falta, assim como o um vem subsumir o zero. A partir dessa lógica, proponho pensar que a nomeação do AE seria a subsunção pelo discurso analítico, que caracteriza a Escola, do sujeito que se descobriu, a partir da experiência analítica, como rechaçado do conjunto que seria a estrutura. O discurso analítico que caracteriza a Escola nomeia-o, conseqüentemente, com efeitos de sutura, contando-o como o que falta, mas permitindo a esse sujeito contar-se como um em meio aos outros analistas.

Desse modo, o não nomeado, pela razão que seja, terá que enfrentar duplamente a falta e é por isso que não é sem conseqüências e dizer que “a nomeação não importa”, é denegar. O que verdadeiramente o passe traz, mais além da nomeação, é a confrontação com a lógica que orientou a existência e, sobretudo, situar-se perante o marco que encobre o real, ou seja, cernir um saber limite que permite estar frente a outro, na aventura conjunta de uma análise.

O efeito que teve em mim a resposta do cartel foi absolutamente real. Um desconcerto que urgia por uma resposta à pergunta “o que passou?”, que, por sua vez, mobilizava outra: “o que não passou?”. Eu me sentia segura do meu final e da demonstração disso. A letra era o reduto máximo ao qual podia chegar. Não posso dizer que a nomeação não me importava, uma vez que para mim ela era a confirmação de uma decantação, de modo algum a autorização, pois fazia muito tempo que essa tinha se dado. Compreendi a expressão de Lacan “o analista se autoriza de si mesmo e de alguns outros” como contar com o Outro mesmo que o Outro não o sustente, mas um Outro da Escola se faz necessário à sobrevivência da psicanálise. Acredito que o cartel do passe se inscreve aí.

Frente a uma não nomeação há múltiplas respostas, inclusive de danos⁷², mas somente posso dar conta da minha, tentando encontrar uma lógica. Do “o que passou ou não passou?”, seguiu-se uma infinidade de perguntas: “por quê?”; “e se não terminei?”; “e se não fiz o que se deve fazer em um testemunho?”; “e se os passadores não capturaram o que tentei transmitir?”; “e por que isso e por que aquilo?”; “e esses cartéis, o que esperavam?”; “pode, ao final, um significante incrustar-se sem que possa

71 Ver os desenvolvimentos que fazem Lacan e seus alunos em seu *Seminário 12: Problemas cruciais para a psicanálise* (1964-1965).

72 Lacan J. Sobre la experiencia del pase. Em: *Ornicar ?* no. 1. Madrid, Ed. Pretel. p. 39.

desprender-se do corpo?"; "é a forma de se presentificar o *parlêtre* do final?"; "é a letra fixa que não faz grafema, mas que se põe em contato com essa?"; "escreve-se no corpo mais além do sintoma histérico que faz metáfora?"; "as letras AE não entregues pelo cartel podem fazer um efeito no real?"; "pode a nomeação converter-se em uma sutura?". São as perguntas que restaram depois da resposta do cartel e que foram na direção de um trabalho decidido pela busca formal nos textos de Lacan, em uma elaboração, sem trégua, de sustentar o discurso além de um assunto pessoal. A Escola que disse "não", tornou-se, no horizonte, causa.

Algo empurrava o trabalho com mais ímpeto do que antes. Um desejo, diria eu, renovado, que já não era o de testemunhar uma experiência. Era o desejo de transmitir o que me havia marcado, talvez seja o que hoje chamamos de *desejo de psicanálise*. O mesmo que fora minha porta de entrada, estivera na saída, porque retorno já não havia. Não somente a clínica punha à prova o *desejo do analista* surgido em mim, mas também a Escola recebe agora o que já não é possível deixar de fora, um estilo de vida. Então, o trabalho nos cartéis, os trabalhos para as Jornadas, as discussões na Escola, as supervisões são o espaço no qual esse desejo se sustenta.

Parece-me que a invenção de Lacan é uma estrutura que faz avançar a clínica do final porque os passadores podem ver-se empurrados a ir mais longe e porque o passante pode ver-se orientado, ainda mais, em direção à margem do real. Vários testemunhos mostram – certamente mais do que acreditamos – que entrar no dispositivo gera efeitos de precipitação porque conduz a arrancar um pouco mais de saber desse real inatingível ou, mais precisamente, fazer uma invenção.

Minha história acadêmica universitária esteve marcada pelo *desejo de psicanálise*, uma vez que queria para mim um discurso que conheci através de um texto de Freud. Sem nenhum desvio, esse discurso me tomou até me levar a assumir a experiência, fazendo virar para o *desejo de analisante o que poderia ser um discurso universitário*. Esse percurso me permitiu chegar ao desejo do analista e, como consequência, ao passe. Não posso dizer que eu o tenha enunciado, mas minha clínica mostrou-me uma mudança de posição. Mudança essa que só podia evidenciar pelo que acontecia naqueles outros a quem escutava, até passar o bastão de passadora a um deles, a quem a sorte, como a mim, deu a oportunidade de poder levar sua análise mais longe pelo toque mágico do passe.

“Paixão” é o significante com o qual se nomeia meu modo de transmitir na Universidade e no Fórum. Entendo-o como aquilo que, de alguma maneira, me atravessa e que empresto para um corpo a corpo, tentando sustentar o desejo de psicanálise que, alguma vez, me tocou e se instalou como um modo de vida. Assim, do *desejo de psicanálise inicial*, passando pelo *desejo analisante* até o *desejo do analista*, é o percurso necessário para voltar ao início, em uma espiral envolvente que sustenta o discurso analítico via a intensão e a extensão. Aqui, então, a pergunta pelo ensino é convocada, confrontando-se com o saber, que somente é produto do discurso analítico, à maneira como Lacan o faz na *alocução pronunciada no encerramento do Congresso da Escola Francesa de Psicanálise*, de modo tal que somente do saber se sabe pelo ato que implica um *desser*.

Quero retomar umas palavras que eu dizia em uma Jornada na Colômbia, na qual me referia à demonstração e à mostraçã, termos que Lacan diferencia e que retomo para pensar essa experiência do passe. A demonstração tenta ser ainda uma via da representação, isto é, de um dar conta do acontecido em termos do tratamento, de destituições, de construções fantasmáticas, todas elas ligadas à palavra no nível em que arrasta significações. A mostraçã, porém, vai mais longe, em direção a um sujeito irrepresentável. Esse que já não é do *pathos* que empurra à experiência, mas que termina, no caso de chegar ao verdadeiro final, com este que não é mais do que um furo entre os significantes. A mostraçã não admite roteiro algum, está do lado da criação final, ali onde o próprio sujeito se vê surpreendido porque isso não estava preparado na demonstração. A mostraçã implica um enodamento, ou seja, aquilo que age como *sinthoma* para cada um. Hoje, pergunto-me se tudo isso que faço não é a verdadeira saída do meu, por um enodamento *sinthomático* no qual três desejos se enlaçam: o desejo de psicanálise, o desejo de analisante e o desejo do analista, sendo a Escola o quarto que os articula.

Tomar a palavra numa Jornada como esta permite declarar como a experiência do passe, como diz Lacan, é “absolutamente comovedora” tanto para quem fala quanto para aqueles que escutam, especialmente todos os jovens que assistiram e foram tocados pela experiência que, em boa hora, propicia seguir passando o passe.

Alguns comentários para cada um dos dois trabalhos, de Dominique Fingermann (São Paulo, Brasil): *Lalangue et la topologie des désirs dans la passe.*

O título da mesa aponta para a “topologia do passe” e anuncia que o que se passa no passe não acontece dentro de uma lógica linear. A experiência que o dispositivo do passe proporciona, desdobra e desenvolve uma cena complexa, multifocal e polifônica, de onde se deve extrair um Dizer único.

A cena do dispositivo se parece com uma mesa de bilhar, com a tensão, a esperança, o risco que o impacto e a reverberação do impacto entre um e outro encontra o furo certo para que a letra chegue a seu destino. O furo certo, ou seja, o verdadeiro, de acordo com a topologia, é aquele que pode ser atravessado e é ele que resulta na satisfação final: satisfação de um dizer que, no final de todas as voltas, atesta o ato e pode resultar na nomeação de um analista.

A passagem de analisante a analista é uma aberração, disse Lacan em *O saber do psicanalista*⁷³. Uma aberração não passa despercebida, e essa é a hipótese do passe. Há uma suposição de que se uma análise produz um analista à altura do ato, isso deveria ter efeitos notáveis.

A experiência do passe em nossa Escola, todavia, mostra que uma letra/carta nem sempre chega a seu destino. Os textos de nossas colegas falam deste ponto delicado. Disso não podemos simplesmente deduzir que o passe ou a Escola são um fracasso. Lembro aqui a exclamação de A. Didier Weil quando, no *Seminário 24*, disse: “pessoalmente, suporto mal a ideia de um fracasso do passe, já que o passe me parece garantir o que se pode preservar de essencial e de vivo para o futuro da análise”⁷⁴. Os trabalhos de Beatriz Maya e de Rosane Melo mostram evidentemente a Escola viva e com vivas vozes!

73 Lacan, J. (1971-72). *Le séminaire, Le savoir du psychanalyste*, inédito. “[...] Comme je l’ai souvent marqué, cette expérience de la passe est simplement ce que je propose à ceux qui sont assez dévoués pour s’y exposer à des seules fins d’information sur un point très délicat... c’est que c’est tout à fait a-normal-objet a normal- que quelqu’un qui fait une psychanalyse veuille être psychanalyste. **Il y faut vraiment une sorte d’aberration** qui valait la peine d’être offerte à tout ce qu’on pouvait recueillir de témoignage”.

74J. Lacan (1976-77). *Le séminaire, livre 24 : L’insu que sait de l’une-bévue s’aile a mourre*, inédito.

Podemos questionar o que faz a diferença entre um passante nomeado AE e outro passante; a resposta é delicada, depende de três coisas e de seu enodamento topológico.

1. A análise do passante e sua responsabilidade com relação à transmissão da “impudência do Dizer” UM de sua análise, sua aberração.
2. Os passadores e sua disposição para ouvir o inaudito, o qual depende de sua capacidade de desprender-se da angústia e de sua resposta predileta, a fantasia.
3. O cartel, que não pode esquecer sua ignorância fundamental para acolher o passador e seu embaraço (excessos, faltas, esquecimentos etc.) devido ao desconforto de sua posição.

Ao entrar no dispositivo, cada um e todos são igualmente responsáveis pelo furo e as voltas em torno dele... disposição para dizer e ouvir, disposição para “se reconhecer entre saber” como disse Lacan no *Seminário 24*, disposição para que a carta chegue a seu destino. O conteúdo da carta/letra não tem importância – por isso é muito importante a forma como Beatriz Maya articula a letra com o conjunto vazio, aquele com zero elemento e que pode ser nomeado como Um (na lógica de Frege). O que importa é seu efeito, seu impacto, suas sequências, seu afeto, e talvez seja por isso que Lacan, no *Seminário 24*, disse que no passe é no escuro que se pode chegar a distinguir o nó borromeano: é uma questão de impacto, tato, apreensão que permite “se reconhecer entre saber/ter” (*s'avoir*). A letra não pode ser transmitida tal qual, precisa fazer-se poema, “artificer” para poder passar pelo furo do Outro.

O dispositivo é um espaço topológico, com furos, bordas, contornos, vizinhanças, e funciona como uma caixa de ressonância do efeito, afeto, impacto da letra, não sem pulsão.

Beatriz Maya, em seu título, anuncia a dimensão topológica do passe: “*Um nó de desejos*”. Lembra-nos que a articulação entre o desejo de psicanálise, o desejo do analisante, o desejo do analista, é fundamental. Somente o desejo do analista permite voltar e sustentar de novo – é sempre novo – o desejo da psicanálise. “Aquilo mesmo que fora minha porta de entrada estava na saída”.

Assim, Rosane Melo insiste na articulação entre a *hystorização* analisante de sua subjetividade e a *hystorização* da análise quando o passante se faz analista de sua própria análise. É fundamental não idealizar o passe como algo que transcende a

análise, mas como algo que atravessa os enlaces e desenlaces que o desejo de psicanálise desdobra.

Lacan, no *Seminário 24*, refere-se ao “apelo que o fez responder com o passe”. Podemos dizer que há um desejo de passe? Ou então, que o que há é um dizer que ao se decantar e se demonstrar em uma análise como impossível de dizer, precipita a urgência da mostração dos efeitos que testemunham da procedência do inconsciente-*lalíngua*?

A disposição para o dispositivo não é somente consequência lógica, é ética, uma decisão que possibilita topar com algo que está fora, que ultrapassa a análise e a transferência e não pode ser incluído. É algo como uma exceção em relação à análise e ao Outro, que impele ao desejo de dizer no testemunho: há um desejo que procede do impossível de dizer.

Rosane Melo, em seu texto “Cenários e *lalíngua* no encontro com os passadores no passe”, mostra como os equívocos da *lalíngua* transportam, no dispositivo, os efeitos do dizer. Ela descreve muito bem como o passe ultrapassa! Ele chega a subverter, a transtornar qualquer inclinação para *autorritualizar-se*, já que coloca em cena o imprevisto, o risco, o inesperado, a surpresa: a descontinuidade, o mal-entendido, a contingência, condições para que algo passe do real, “passe como despertar para o real”. Rosane Melo insiste também sobre o paradoxo do passe, prova de transmissão de algo que é inarticulável, indizível e, ao mesmo tempo, o motor da enunciação. O dispositivo resolve o paradoxo porque oferece o palco para a encenação, a mostração de “algo tem que ser figurado porque é inapreensível”.

Os dois trabalhos descrevem com as palavras de suas experiências, o que Lacan evocou do passe como proporcionando, ou não, a apreensão do nó borromeano na escuridão, e nessa mostração as pulsões têm uma função: função de ultrapassar a medida do previsto e do previsível pelo modelo fantasmático, as pulsões (eco no corpo do dizer) podem dar notícias do dizer único.

II. JORNADA EUROPEIA TOULOUSE, 26 DE SETEMBRO DE 2015

ECOS DE ESCOLA

Prêambulo

A intenção nesta Jornada Europeia, que reuniu em torno de 280 pessoas, das quais mais de cinquenta colegas da Espanha e trinta da Itália era a de favorecer a riqueza das trocas entre colegas bem diversificados, por suas línguas, seus lugares, a duração da sua formação, e que, na maioria, ainda se descobriam mutuamente. A fórmula escolhida para essa finalidade era original: os expositores foram convidados a tomar dois temas da mesa e a preparar um texto muito breve sobre tais pontos, 4000 caracteres, que foram transmitidos antecipadamente aos organizadores e aos membros do CIG encarregados de coordenar as mesas. Até aqui nada de muito novo certamente, no entanto, no desenrolar das mesas, cada palestrante foi convidado a dizer à viva voz, sem recorrer a seu texto, os dois pontos que ele havia tomado. Uma primeira discussão pode então se iniciar, à iniciativa dos dois ou três membros do CIG presentes em cada mesa, sobre as convergências ou diferenças dos pontos tomados. Somente em um segundo tempo que passamos à leitura dos textos redigidos antecipadamente, antes de reabrir para o debate geral.

Do ponto de vista dos participantes, a aposta parece ter dado certo e pudemos constatar que os efeitos do corte na leitura dos textos escritos permitiam introduzir um novo fôlego nos debates.

Evidentemente, *Wunsch* não pode restituir a leveza do que se troca oralmente. No entanto, os expositores foram convidados a rever seus textos para incluir um pouco disso que eles captaram no debate. Os membros do CIG de cada mesa redigiram, por sua vez, um pequeno comentário *a posteriori*. São esses rastros organizados que a *Wunsch* aqui registra.

“Uma psicanálise, uns psicanalistas, a psicanálise”.

Breve apresentação pelos responsáveis pela Jornada: Anne-Marie Combres, Nadine Cordova-Naïtali e Marie-José Jatour.

“A Escola de psicanálise [...] é para todos os seus membros, mesmo para os não praticantes se os há, e também para os que trabalham em instituição e igualmente para os analisantes que mal chegaram à psicanálise e ainda não possuem a menor ideia de até onde ela poderá conduzi-los. Ela concerne a todos eles, já que o trabalho da Escola deve colocar em operação a psicanálise ela mesma, em todos os seus aspectos e no objetivo de causar... o desejo de psicanálise”. Colette Soler, Buenos Aires, abril de 2015.

Durante o IX Encontro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano em Medellín (Colômbia), em julho de 2016, ocorrerá o V Encontro de Escola sobre “O desejo de psicanálise”. Os membros europeus do Colégio Internacional da Garantia propõem uma Jornada preparatória, em que consideramos muito importante recolher, a partir da experiência singular de cada um, os ecos e as ressonâncias desse “desejo de psicanálise” nos diferentes Fóruns.

O que é que conduz alguém à análise? O que é que permite a um analista sustentar essa oferta? Quais são os efeitos do dispositivo analítico sobre o laço social? Como escutar “a” psicanálise no mundo atualmente? O que é um desejo de passe? Estas questões deveriam ser o ponto de partida, disso que esperamos ser um momento de trocas e um tempo revigorante entre intenção e extensão.

Abertura por Nadine Cordova-Naïtali e Camila Vidal

Nadine Cordova-Naïtali⁷⁵
AE da EPFCL

Camila Vidal, essa é a primeira vez que você toma a palavra como A.E., analista da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano... e você aceitou fazê-lo, hoje, em Toulouse.

Uma precisão para aqueles que não sabem o que é um A.E. Nossa Escola funciona com um dispositivo, o passe, que interroga o desejo do analista. E um analisante pode querer a garantia da Escola no que concerne a esse desejo,

75 FCL – Paris, França. Membro do Colegiado Internacional da Garantia (2014-2016).

testemunhando de sua experiência analítica. A Escola pode então nomear esse ou aquele que derive de sua formação, com o título de A.E. ou analista da Escola.

Abrir essa Jornada pelo que produziu um cartel do passe, o que produziu a Escola, é uma maneira de dizer alguma coisa do fruto obtido de uma psicanálise com um psicanalista.

Abrir com isso que poderia se resumir a essas duas letras: A.E. Como já disse, duas letras que ressoaram para mim bem antes da psicanálise, quando surgiu esse a/eh após o nascimento de meu primeiro filho; esse a/eh que encontrava o nascimento da palavra. Uma alegria simples tinha me atravessado. Era um novo afeto. É essa mesma alegria que se *re-presentou* quando eu tomei uma decisão, a de me arriscar à prova do passe. Para mim, esta alegria poderia ser o nome de meu entusiasmo, um dos afetos que contribui para meu engajamento na Escola.

A psicanálise produz efeitos sobre o sujeito, cada um poderia testemunhá-los, mas ela pode produzir também alguma outra coisa que empurre a transferência para *a psicanálise*. Como compreender isso, que podemos dizer sobre isso?

É o porquê de nós nos reencontrarmos para esta Jornada de Escola preparatória para o V Encontro Internacional de Escola. Ele ocorrerá em julho de 2016 em Medellín, na Colômbia. Aliás, Olga Medina nos dirá algumas palavras sobre isso daqui a pouco. Saibam que uma Jornada preparatória, “A Escola a viva voz”, já ocorreu do outro lado do Atlântico, há quase um mês, em Buenos Aires, na Argentina.

Nós estamos felizes com nossa Jornada europeia, “Uma psicanálise, psicanalistas, a psicanálise”, pois o tema do Encontro Internacional, “O desejo de psicanálise”, encontra um forte eco em nossa comunidade, o que coloca em evidência o interesse endereçado à Escola, lugar de elaboração da psicanálise em intensão e extensão... De fato, vocês vieram numerosos, de quatro cantos da França, da Espanha, da Itália e da Bélgica, para responder à proposta dos membros europeus do Colegiado Internacional da Garantia. Temos muito a agradecer a vocês. Além disso, nós não esperávamos receber tantas propostas de intervenção, e lamentamos termos tido que recusar algumas. Agradecemos igualmente aos eleitos do Pólo 6 que trabalharam para o bom andamento dessa Jornada.

Fiquemos ainda um instante no umbral da abertura, pois a fala que franqueia este espaço, esse furo, pode, portanto, produzir o inesperado que passa... à psicanálise, e à

sua manutenção no mundo. Justamente hoje, alguns irão se arriscar a tomar a palavra a partir do que eles elaboraram para lançar o debate. As intervenções serão curtas para manter algo de vivo, no ponto vivo do assunto. A jornada se desenrolará em quatro tempos: três mesas redondas e algumas *Breves*, entrecortadas. De fato, não podemos deixar de evocar, nessa Jornada, Sigmund Freud e Jacques Lacan.

A partir do desejo que anima cada um, nós esperamos que essa Jornada abrairá novas perspectivas, que produzirá adubo para pensar “O desejo de psicanálise” e já nos projetar em direção à Medellín.

Camila Vidal (AE da EPFCL)

Em primeiro lugar, quero agradecer a Nadine Cordova-Naïtali, Anne-Marie Combres e Marie-José Latour o convite para estar nesta mesa de abertura da Jornada, sabendo que foi preciso fazer tudo com muita rapidez, pois o tempo urgia.

Como dispomos de pouco tempo, vou ser muito breve e tentar enunciar, nesta que é minha primeira intervenção como AE, as linhas a que me proponho a trabalhar por ora e que espero ter a oportunidade de articular em ocasiões posteriores.

A primeira faz referência ao gozo feminino em relação ao significante “névoa”, surgido ao final da análise como tentativa de nomear o real, que somente ganha consistência com a constatação da inexistência do Outro e o gozo caído definitivamente do lado do Um.

“Gozo envolto em sua própria contiguidade” que, preso à sobredeterminação do sintoma, destaca a vertente de falta de localização, de indefinido e fora de limite que objeta o gozo fálico e que dificulta a colocação em jogo do desejo, permitindo compreender a asseveração freudiana de que as mulheres não são favoráveis às realizações culturais. Será esse um paradoxo: aquilo que não propicia a cultura é eficaz no aprofundamento da psicanálise?

O final de análise permite consentir ao simbólico, sem subsumir-se na lógica do todo, resguardar o não-todo sem dele fazer objeção – o que permite uma posição menos defensiva frente ao real.

A segunda, em relação com o desejo de analista. Desejo inédito, nos diz Lacan, já que, efetivamente, não se encontra na história do sujeito e, mesmo que preso a certas marcas, não porta nenhuma marca pessoal. É um desejo que surge da análise, mesmo

quando o sujeito deixa de buscar sua razão no Outro, responsabilizando-se pelo seu gozo – tanto aquele que há quanto aquele falta –, permitindo-lhe, então, não situar o analisante como objeto na busca desse gozo que falta, mas deixar vazio esse lugar.

É a presença dessa névoa que permite sair do indefinido. Trata-se, então, de preservá-lo. Névoa que esteve no começo da análise como sintoma de debilidade e, ao final, como presença mesma do real.

Assim, o passe surge como a tentativa de preservar algo desse real, que tende, constantemente, ao contrário da insistência do sentido que sempre volta. Tentativa de um novo enodamento, de modo que uma coisa tão valiosa não se perca.

Dívida impagável com a própria psicanálise.

Um sonho: Tenho um trabalho preparado para uma apresentação. Estou contente porque penso que ficou muito bom. Há um atril com microfone, escondido atrás de uma cortina. Ponho-me a ler, mas emito sons desenlaçados, como balbucios. Tento recomeçar, mas é em vão, os sons são desconexos. Eu leio, porém sai algo irreconhecível. Acordo sem angústia, mas com algo como uma perplexidade.

Para falar são necessários cortes, uma redução. Articular fonemas supõe recortar, delimitar, parar. “Escreva!!!”, havia-me dito meu analista. Porém, o que quer que escrevamos, e por melhor que o façamos, esse sem sentido do *la,la,la* não desaparece. Não só permanece, como também, a cada vez que se escreve se faz patente, ganha consistência como dificuldade, esse algo que resta sempre fora, sem poder articular-se.

Somente a tentativa de escrita permite deixar evidente o que não pode ser lido, evocando o lugar fundamental da não existência em qualquer realização humana. Apenas se o consentimos.

Leituras de trechos de Freud e de Lacan

Sigmund Freud, 1909, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva – O homem dos ratos*.

“Um homem ainda jovem, de formação universitária, se apresenta em meu consultório e me conta que, desde sua infância, e particularmente desde os quatro anos de idade, ele sofre de obsessões. Sua doença consiste principalmente em apreensões: ele

teme que algo aconteça a duas pessoas que lhe são muito queridas: a seu pai e a uma senhora à qual ele dedicava um amor respeitoso. Ele diz, além disso, experimentar pulsões obsessivas, como a de cortar sua garganta com uma navalha; também se formam nele proibições relacionadas a coisas insignificantes. Lutando contra essas ideias, ele perdeu anos e, por essa razão, encontra-se atrasado na vida. Das tentativas de tratamento por ele empreendidas, nenhuma o aliviou, exceto um tratamento hidroterápico em uma casa de saúde [...] e isto, ele diz, provavelmente porque ele conheceu uma mulher, o que permitiu-lhe ter relações sexuais seguidas”.

Jacques Lacan em Milão, dia 3 de fevereiro de 1973, *A psicanálise em sua referência à relação sexual*.

“Vocês estão digerindo o café da manhã e estão sentados, é por isso que podem se deixar levar pouco a pouco pelo ritmo de minhas palavras. Então. Jamais disse que o imaginário é malvado [...]. O que tentei fazer foi colocar a questão de saber o que não se digere, [...] e algumas outras funções desse tipo e que estão no mesmo prato. É evidente que há coisas que não dá, e que [...] os psicanalistas, tomados por um tipo de loucura que se origina na sua própria experiência, quero dizer, no tempo em que eles mesmos fizeram uma análise, eles puderam se dar conta de que há alguma coisa que podemos modificar nos distúrbios da subsistência. [...] o analisante. [...] é claro que no caso de haver sorte, ele tira um benefício da análise, a saber que os distúrbios em seu prato, [...] acontece algo que se regula, que se ajeita, enfim.... ele sai mais ou menos *destorcido*. Como é que isso pode acontecer? [...] como é que uma análise, quer dizer, uma técnica que procede apenas com palavras, com um mínimo de intervenção ensinante... [...] Um analista, isso não assassina seu analisante com princípios morais, isso o deixa falar; e que haja aí, apenas em torno disso, algo que opera... isso bem merece que paremos um pouco para pensar”.

Tradução: Leonardo Lopes
Revisão: Ana Laura Prates Pacheco

MESA 1: O QUE É QUE CONDUZ ALGUÉM À PSICANÁLISE?

O que conduz alguém a encontrar um psicanalista?

Maria Dolores Camós⁷⁶

No texto *A terceira*⁷⁷, Lacan fala do porvir da psicanálise. Destaco uma frase, a qual, a partir de minha experiência pessoal e profissional, parece-me um marco em seu ensino: “A verdade se esquece. Tudo depende de que o real insista”.

Parto da definição de real como foraclusão da relação sexual, que resume os paradoxos que Freud propôs sobre a sexualidade. E que não depende das modificações de nenhuma época.

O campo lacaniano, essencialmente no campo do gozo, é de vigorosa atualidade: não há, pela via do gozo, união possível entre os *falasseres*. Há encontro com o Outro, porém ele sempre é insuficiente porque os gozos não se compartilham: não existe um significante que soldaria tal relação, o que deixa o gozo por conta do sujeito. Para isso, há o corpo como substância gozante, base do sintoma.

A partir disso, proponho duas perguntas: 1) É hoje mais difícil do que ontem que os sujeitos se dirijam à psicanálise? Isso parece se constatar entre os analistas, pelo menos na Espanha. 2) Por que, apesar de tudo, os sujeitos se dirigem à psicanálise?

Cavalgamos em um paradoxo naquilo que se anuncia como modernidade: o empuxo generalizado ao encontro dos corpos (em casais, trios ou em grupo) revela justamente a precariedade dos laços sociais e amorosos. Lembro-me, aqui, de uma citação de Stendhal (1783-1842): “Quanto mais prazer físico há no amor, naquilo que num outro tempo determinava a intimidade, mais exposto está esse amor à inconsistência e, sobretudo, à infidelidade”⁷⁸.

É mais difícil para o analista fazer oposição quando o real do gozo se apresenta desbocado, sem freio? Segundo minha experiência, vemos que as ofertas atuais do mercado que têm o corpo como campo de operações diversas – dietas, academias,

⁷⁶ Fórum Psicanalítico de Barcelona, Espanha.

⁷⁷ Lacan, J.. “La tercera”. Manantial, 1957.

⁷⁸ Stendhal. “Del amor”, Alianza editorial, 1968.

hormônios, cirurgias, drogas – constituem uma prótese *moebiana*, prazer e sofrimento que não só dificultam o encontro com um psicanalista, mas também, em alguns casos, o tratamento. Para fazer frente a isso, está, do lado do analista, sua resposta. O analista depende do real, nos diz Lacan, que pode ser entendido como resposta que passa pelo seu ato, pelo seu dizer como ato, limitado como todo ato verdadeiro e sempre posto à prova. Mas seu fim é claro: confrontar o analisante com o real que opera nele sem que o saiba. A aposta se dá ao relançar o laço, no tratamento.

O homem não suporta estar só, sonha com as coisas do amor. E, no entanto, “Todo discurso que tenha parentesco com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos simplesmente as coisas do amor”⁷⁹, mesmo quando faz semblante do contrário, poderíamos dizer. A repetição do encontro faltoso como manifestação do real da não relação, parece-me uma das principais razões para ir encontrar um analista. Para tanto, é preciso que o sujeito se ocupe da insistência de seu mal-estar, quer dizer, se pergunte por isso em meio aos cantos de sereias das ofertas à sua disposição. Como diz o filósofo coreano Byung-Chul Han: “troca-se de canal entre as opções vitais porque já não se é capaz de chegar até o final de uma possibilidade; confunde-se a aceleração com a falta de experiência da duração”.

O discurso analítico, como reverso do capitalismo, pode oferecer ao sujeito a possibilidade de transvasamento do gozo do corpo ao desejo, com a finalidade de estabelecer um novo laço amor-desejo-gozo.

Deixo uma pergunta (não sei se pertinente, mas que me tem feito trabalhar) que surgiu a partir do público: em relação a certos gozos, poderíamos falar de *banalização* no momento atual de nossa civilização?

A fala não sem (*pas-sans*)⁸⁰ o escrito

Patricia Robert
(Montauban)

O que é que conduz alguém à psicanálise?

É a partir desta questão que eu tentei dizer.

⁷⁹ Lacan, J. El saber del psicoanalista. 1972.

⁸⁰ Nota do tradutor. *Pas-sans* em francês é homófona a *passant*, gerúndio do verbo *passer*, *en passant*, o que por sua vez também pode designar um ato rápido, passagem veloz.

Primeiro de tudo, este artigo definido “a” associado à psicanálise me questionou e surgiram outras questões: De uma psicanálise à psicanálise, o que é que passa?

É da mesma natureza para cada um? O que é a psicanálise? O que é que faz com que para alguns haja uma psicanálise, sua análise, e para outros, a psicanálise?

É, portanto, a partir dessa questão que eu tentei dizer pela fala alguma coisa da escolha da análise, de meu tratamento e dos encontros.

Tomei emprestado, portanto, o caminho da psicanálise a uma psicanálise e de uma psicanálise à psicanálise, caminho da meu tratamento que quis colocar em ressonância com meu trabalho de escrita, seja de uma escrita à *aescrita* [em francês: *lécriture*] em uma única palavra e os encontros ligados à minha atividade profissional.

No fio da meu tratamento há o fio dos encontros nos lugares onde é pensada a psicanálise, como essa Jornada de 26/09/2015. Esses tempos de trocas, de transmissão, fizeram surgir um desejo, esse de sair do falatório e da narração para pensar.

Eco de escola, nesse 26 de setembro, se inscreve nesse movimento. Além dos tempos de trocas, houve surpresas:

- um lugar deixado ao inesperado;
- falei muito pouco de *lécriture* e, ainda assim, alguns escutaram. O que é que passou nisso de que não falei?
- outros escutaram alguma coisa que fazia eco para eles, alguma coisa que passava, da qual eles me testemunharam.

Eu comecei meu propósito interrogando o artigo definido “a” associado à psicanálise para abordar o que dele tem relação com a palavra e o desejo. *A posteriori*, essa palavra “psicanálise”, que ao longo de toda Jornada fora associada tanto ao artigo definido quanto ao artigo indefinido, tornou-se não mais somente um conceito cuja significação é pensada, discutida, mas um nome singular, um particular sustentado pelo desejo daquele que o enuncia. Há alguma coisa que passou para além do fechamento das palavras, um mais além das palavras que a fala, passando pelo escrito, faz emergir.

Então, o que é que passa do escrito à fala?

Os escritos preparados previamente foram talvez uns exilados da fala viva, não sem terra, que animados pelo desejo de cada um deixaram rastros.

De uma escrita à *lécriture*, como de uma psicanálise à psicanálise: é o caminho de um saber não sabido amarrado ao desejo.

O que se disse nesse 26 de setembro se desdobrou pela palavra, mas não sem (*pas-sans*) o escrito, passando (*passant*) o escrito.

O que conduz alguém à análise

Victoria Torres, Blanca Sánchez, Natalia Pérez⁸¹

O sofrimento é o que conduz alguém a um psicanalista, mas nem sempre essa demanda conduz à análise. Quais são as condições para que essa passagem seja possível?

Do lado do sujeito, possível analisante: uma determinação de interrogar o próprio gozo e a participação subjetiva, seguindo os caminhos da associação livre. Sabemos que somente uma parte dos que chegam irá empreender essa aventura. O sujeito tem que consentir em sua divisão. Não é tão fácil para alguns renunciar ao gozo narcísico do ideal e das identificações. Parece-nos que aqueles que se conectam mais facilmente com seu inconsciente, os que conservaram sem excessiva repressão alguma recordação da curiosidade infantil ligada à incidência do gozo da sexualidade e da morte em suas vidas, têm mais possibilidades de engancharem-se em uma análise.

Do lado do analista: que haja um, o famoso desejo do analista, em busca do qual todos corremos, mas... não há um universal do analista. Cada um pega para si a responsabilidade de decidir em que momento se autoriza a se nomear analista praticante e em que se apoia para sustentar seu ato. Não basta o desejo consciente de acolher, sem reservas, o íntimo de um sujeito, ainda que essa predisposição seja, sem dúvida, uma qualidade facilitadora das primeiras entrevistas e do desenvolvimento da transferência. Essa, sabemos, nasce no analisante que, por acaso, encontra no analista algum traço que ressoa com seu próprio inconsciente.

Lacan nos dá duas referências sobre o que conduz alguém à análise. Na entrevista de *Panorama*⁸², diz que é o medo, o medo diante do que lhe acontece e que

⁸¹ Asturias – FFCL- F9, Espanha.

⁸² Entrevista publicada pela revista *Panorama* (Roma) em seu número de 21-12-74.

não compreende. Em *Televisão*⁸³, comenta que, para chegar ao divã, há, antes, que cair na “lona”, como um boxeador no ringue, metáfora do encontro com o traumático. Ambas as referências aludem ao momento do encontro com o real, em que a fantasia vacila e faz a vida balançar para um antes e um depois. Cai o que conectava gozo e sentido, pois surgem a angústia ou as formações sintomáticas. É por isso que se recorre a um *psi*. Mas, para se converter em analisante, é necessário que o sintoma se converta em enigma que interroga. Somente há enigma se o analista o provoca a partir do equívoco, do mal-entendido, para que não se mate a curiosidade.

Esse momento de surpresa, – em que, pelo dizer, se franqueia algo que era conscientemente impossível e que pode fazer ruborizar, rir, se emocionar ou se angustiar profundamente –, para que seja efetivo e não faça o sujeito fugir ante o que descobriu, tem como premissa que o analisante creia que essa produção é de seu saber inconsciente, e que se interesse por ela.

Como transmitir o atrativo dessa aventura no mundo?

Do mesmo modo que Freud e Lacan puseram dizer algo do real de sua época, cremos que os psicanalistas devem estar presentes – no sentido que Lacan fala do pai que nomeia, alguém que diz “aqui estou” – para dar conta, no coletivo, do que atualmente inquieta as pessoas: os efeitos pessoais da crise sistêmica e o futuro da geração seguinte. O analista deve estar a par da verdade de seu tempo, não só advertindo sobre a eclosão do real que advirá, produzido pela tecno-ciência, mas também fazendo transmissão coletiva de seu saber, para limitar o gozo já desencadeado. Alguns dos que nos escutam recorrerão a um psicanalista para tratar seu mal-estar íntimo, outros não rechaçarão a psicanálise para pensar o que fazer para preservar a vida humana na conjuntura atual, e nos tomarão como interlocutores válidos, permitindo que o giro dos discursos se relance e para que se possa tecer uma nova malha simbólica para conter o real. Talvez nós, psicanalistas, pudéssemos estabelecer em comum o real em jogo na atualidade: os limites da natureza que impossibilitam um crescimento constante – o que ninguém quer saber –, até que chegue a explosão...

83 Lacan J. *Televisión* Ed. Seuil, 1974

Do insuportável ao desejo de psicanálise: o gonzo do cartel

Carmen Eusebio
Monza, Italia

De que modo o cartel – em seu ser visando o limite, o furo do saber – ao mesmo tempo reatualiza esse limite, justamente, em relação à própria análise? Como isso se articula com o “desejo de psicanálise”? em seu surgimento imprevisto?

Como essa abertura que a elaboração do cartel promove, produz uma retificação, um *inter-é(ss)e*, *inter-esse*⁸⁴ pelo real? Interesse e não horror? O que o cartel revela desse *interessante* em relação ao real pode abrir – e de que maneira – ao desejo de psicanálise?

O trabalho “cartelizante”⁸⁵ poderia desvelar então para o sujeito a função do furo, revelando – em sua dimensão, em sua dita-mensão, de experiência, de *prática* de trabalho e de laço – um “estofado aberto ao próprio trabalho analítico”⁸⁶. O cartel é uma ferramenta que visa o 'escrito' como resultado, efeito do encontro com o saber em sua dimensão específica de impossível, enquanto colocação em jogo da inclusão lógico-ética da falta...

A mesa redonda da qual tive a oportunidade de participar em Toulouse, trazia como pivô do debate a questão: “O que conduz alguém à psicanálise?”, o que me fez reinterrogar minha questão inicial sobre o cartel, temendo encontrar-me 'descentrada'. Ao contrário, pude fazer a experiência com grata surpresa, de ver como a ocasião dessa 'mesa', esse intercâmbio específico de circulação, me fez retomar o laço entre o que *faz desejar* uma psicanálise e a ex-sistência de uma Escola. A utilização do termo gonzo [de *cardo*, termo latino do qual deriva *cartel*] de que Lacan fala para a entrada na Escola⁸⁷ foi esclarecida a mim durante a discussão, remetendo-me ao que circulava como

84 Conforme sua etimologia latina.

85 Maiocchi, M.T. “Ipotesi sul cartel”. In: *Perletera* 1. Materiali di lavoro. FPL, aprile 2006, pp. 73-85.

86 Ibidem.

87 “Seu encargo será tomado, a princípio, por uma simples comissão de acolhimento chamada *Cardo*, isto é, gonzo dito em latim, o que indica seu espírito”. Lacan, J. Ato de fundação. Nota adjunta; 2) Da candidatura à Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, J. Zahar. E também: “ A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cujo resto que faz a sua divisão é a dobradiça, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa”. Lacan, J. Proposição sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Idem.

material preparatório para a Jornada, a exposição de Colette Soler, em Buenos Aires, sobre o desejo *de* psicanálise. Remeteu-me também a como a experiência de cartel – já que pode participar dela alguém que ainda não está comprometido com uma análise, mas que acede a um trabalho de grupo “não ordinário”, inscrito como é num horizonte de Escola – pode levar a uma demanda de análise, em nome daquele mesmo “estofo” que caracteriza o cartel como prática de trabalho *em ato* em torno de um furo.

A questão do ato e da ética, dois elementos emergentes da vitalidade do debate, devolveram-me a questão que levantei ao início: como, da natureza do laço fundante-fundado do cartel, da “multiplicidade dos uns” - expressão de uma transferência de trabalho *em ato* – pode se abrir um *interesse/inter-ser*, que chega a fazer, efetivamente, furo no saber e, a partir daí, causar e inclusive sustentar um “desejo de psicanálise”. O cartel *torna-se*, então, o percurso de uma ética do sujeito que já não se interesse genericamente pela psicanálise, mas que possa ver surgir, imprevisivelmente, um desejo de psicanálise como contingência para o sujeito sem garantia. O horror de um saber insuportável, que não pode ser portado por um só, pode ser enodável no laço com outros, laço com 'encontráveis'⁸⁸ que podem sê-lo com a condição de uma Escola, encontráveis particularmente num laço-cartel, que por definição⁸⁹ é de Escola, ao mesmo tempo em que contribui com o *fazer* Escola. Assim concluía o breve texto para Toulouse e o encontro da Mesa, em torno de uma mesa que não havia, que fazia furo, mas que me permitiu experimentar, num *a posteriori*, o alcance real de minha tentativa de elaboração, exemplo então dessa experiência de Escola que que chega a tocar o *inter-ser/interesse*, como interesse que não é de um só, quer dizer, “desejar a psicanálise”, ao mesmo tempo em que tentamos elaborar suas condições – como Colette Soler lembrou na recente Jornada em Milão, em maio de 2015 –. Lacan jamais cessou de medir-se, fazendo seu passe sem cessar.

Versão do espanhol: Maria Claudia Formigoni

Revisão a partir do original italiano: Ana Paula Pires

⁸⁸ M.T. Maiocchi, *Affects des saint-hommes*

⁸⁹ Cf. Soler, C. “Cartel d'École. In: Le Mensuel, n. 25.

Uma curiosidade?

Philippe Madet
Bordeaux

Eu sempre me surpreendo que alguém seja conduzido à análise; esse movimento pode parecer tão entusiasmante quanto curioso, tanto para o analisante quanto para o analista, aliás. É, portanto, esse significante de curiosidade que eu tentei escavar, centrando minha reflexão sobre o início do trabalho com um analista, para em seguida trazer algumas interrogações quanto às consequências do que podemos dizer sobre isso. Será que as respostas à questão colocada conduzem à uma certa oferta de psicanálise e singularmente quanto à entrada em análise e sua condução?

No momento em que se endereça a um analista, o sujeito tem uma ideia do que o faz sofrer: ele possui, mesmo, sérios contratempos, caso contrário, como se lançar em tal aventura?

O sofrimento pode assim conduzir à análise, mas as ofertas alternativas são superabundantes e orientam de fato o sujeito alhures. Quanto mais, muito mais do que moda de psicanálise, atualmente a injunção é de não se deixar conduzir a ela. Sofrer, portanto, não seria suficiente.

É *a priori* um enigma ir em direção a um discurso bastante deslocado e minoritário em relação aos outros três. E dos quatro, o discurso analítico tem essa originalidade de ser o único a não estar lá de antemão, e, portanto, o único ao qual é preciso ser conduzido. Seria uma questão de coragem? Não é fácil ser analisando, e cada um o sabe bem, mas aquele que é corajoso vai em direção à uma análise?

É, então, uma questão de curiosidade? Não de uma curiosidade no senso comum do termo, pois esse tipo de curiosidade pode encontrar satisfação muito rápido, na medida em que a oferta cultural e de conhecimentos está lá ainda mais excessiva. Provavelmente, seria preciso uma curiosidade singular que precisaríamos então definir, e que teria a ver com o desejo, um desejo do inédito?

Em todo caso, isso não tem a ver com uma virtude e provavelmente é preciso interrogar a questão do gozo.

Lacan avança duas outras ideias que vão na contra mão do discurso comum.

O que empurra à análise é o medo⁹⁰. Efetivamente, sem o medo, porque se remeter a um sujeito suposto saber? Medo de quê? A discutir. Mas é talvez uma indicação para a entrada em análise: o sujeito tem medo suficientemente?

E então, como falamos frequentemente sobre demanda de análise, Lacan avança que o sujeito vem à análise não para demandar uma análise mas para demandar o que ele demanda⁹¹. É talvez uma outra referência necessária da entrada em análise: o sujeito sabe o que ele demanda? Se sim, não seria muito cedo para a entrada em análise?

O que conduz à psicanálise são coisas, portanto, dentre outras, que contrariam o sendo comum: Nada de boas intenções, ter medo, não saber o que se demanda. Curioso?

Além das consequências possíveis para a prática no consultório, a questão colocada interessa os analistas – conduzir é levar com – quanto a seu desejo, mas também na cidade e na Escola.

Se não é uma questão de virtude do lado do analisando, também não se trata de boas intenções do lado do analista. Qual é o seu desejo de inédito também? De se deixar surpreender?

Aí ser conduzido supõe ouvir falar, e é uma questão para os analistas: como, e é preciso oferecer de outra maneira além do anuário telefônico? Parece que o nome de nossa Escola seja uma resposta. “Fórum” e “Campo Lacaniano” indicam o debate e a abertura para além dos consultórios.

A oferta funciona atualmente em nível interno. Nós não poderíamos falar se certas pessoas não tivessem tido a iniciativa de nos fazer a oferta. Mas na cidade, como manter vivo o discurso analítico? Isso concerniria o estilo de cada um, com outros.

90 Entrevista realizada em 1974 por Emilio Granzetto, para a revista italiana *Panorama* e publicada no no. 428 do *Caderno Literário*, em fevereiro de 2004.

91 Do original em francês, Seminário XIV, *A lógica da fantasia*, Lição de 15/02/67: “le sujet vient à l’analyse, non pas pour demander quoi que ce soit d’une exigence actuelle, mais pour savoir ce qu’il demande. Ce qui le mène, très précisément à cette voie de demander que l’autre lui demande quelque chose”.

O que conduz à análise.

Claire Parada
Paris

À questão colocada nessa Jornada preparatória, “O que é que conduz alguém à análise?”, meu propósito era de seguir o trajeto indo do sintoma corrente do qual alguém se queixa e que o empurra a se endereçar a um Outro, até a entrada na análise e a virada que isso supõe.

De fato, pode-se dizer que o que conduz alguém a um analista, é, primeiramente, que para ele “isso não vai bem” ou “isso não dá mais”. Seja se manifestando através de sintomas identificáveis ou bem qualquer coisa mais difusa, ou ainda algo do lado do “trauma”. Em resumo, há alguma coisa que impede o sujeito, que o faz sofrer. É o que poderíamos chamar o nível da queixa.

Mas isso não é suficiente e nós o escutamos ao longo de toda essa Jornada, às vezes através de testemunhos muito pessoais, que é preciso que à essa queixa seja associado um “eu não sei o que se passa aqui”, o qual ele endereça a um Outro que saberia, que é suposto saber. A questão do saber se coloca de saída para que uma demanda de análise se enderece.

Trata-se, portanto, de passar da queixa à demanda que encontramos ao início de toda análise, nos diz Lacan, e que traz, ela, sobre o “Quem sou eu?”. É uma demanda que interroga o sujeito, o estatuto do eu (*je*) na estrutura, sua relação com o Outro e a questão do desejo. Eis o que está em jogo no começo de todo tratamento: será que para além da queixa sobre o que não vai bem, o paciente quer saber mais sobre o que o move, o faz sofrer e que lhe concerne enquanto sujeito? Ele quer saber como ele é determinado pelos significantes do Outro, como ele se relaciona com o desejo e o gozo do Outro, como ele está apanhado nisso e como goza com isso? Com efeito, para entrar no trabalho analítico, trata-se de passar do sintoma do qual se queixa a um sintoma constituído do qual o sujeito cria a ideia de que há uma causa a procurar em outro lugar que não seja o de sua conduta habitual, na qual ele introduz uma ruptura. Dito de outro modo, que existe uma “Outra cena”, para retomar os termos de Freud, onde estaria a causa a procurar. É isso o que o divide e o faz entrar na decifração dos significantes que lhe vêm do inconsciente, para tentar cernir alguma coisa de sua verdade.

É precisamente o fato que o analista não responde à demanda inicial que vai permitir ao sujeito modular suas demandas até esgotá-las, “até o fundo do prato” nos diz Lacan; e, então ao desejo de saber o que está por vir. Em não respondendo, o analista orienta em direção a outra coisa, que não o objeto da demanda, em direção à visada verdadeira daquilo que demanda o sujeito, a saber, em direção ao desejo. Ele se faz assim causa do desejo do sujeito analisante, notadamente do desejo de saber. Como nos diz Victoria TORRES, uma abertura ao saber se produz pela presença do objeto (a) que o analista encarna e do qual ele faz semblante. É portanto a ausência de resposta do analista à demanda do “Quem sou eu” que terminará por fazer ouvir a resposta da estrutura, i.e. S(A), a inconsistência do Outro, a falta no Outro. Sobre esse ponto, pode ser feito um paralelo entre o tratamento e o cartel, do qual nos falou Carmen EUSOBIO, no qual se coloca em jogo a falta, a falta de saber, o furo no saber que é o que causa um desejo de psicanálise. Tanto em um como no outro, a questão não é a de preencher uma falta com um saber constituído, mas a de torná-la operante para causar o desejo.

Poderíamos dizer, portanto, que no tratamento, a questão do saber seria a de passar de um “eu não sei” a um desejo de saber endereçado a um sujeito suposto saber, abrindo-se sobre o furo no saber e sobre o saber sem sujeito.

**NO DEPOIS DA MESA 1.
Encontros-enodação.**

Anne-Marie Combres, França
Membro do Colegiado Internacional da Garantia

Em 1973, Lacan se regozijava que “nos grupos, cada um fala e traz sua experiência”, precisando: “é ali que podem se produzir os pontos nodais, os pontos de precipitação que farão com que o discurso analítico tenha enfim o seu fruto”.

A mesa redonda que abria a Jornada com um grupo “nada comum” – já que devendo fazer ressoar regiões e línguas diversas – e orientado pela questão “o que conduz alguém à psicanálise”, parece-me ter trabalhado nesse sentido.

Pontos de partida diferentes: medo, demanda, sintoma, escrita, dobradiça do cartel, gozo, fracasso do amor... todos faziam referência à necessidade de uma escola, de um trabalho com outros, para sustentar a passagem da demanda ao desejo, de uma psicanálise à psicanálise.

Os expositores também participaram disso de maneira pessoal e original, aceitando a surpresa de fazer passar à fala o que tinha sido elaborado primeiramente por escrito, dando assim uma outra leitura. A espontaneidade e a leveza séria que presidiram as trocas foram particularmente sensíveis, suscitando questões e observações, com efeitos de respiração.

A maneira pela qual cada um, com seu estilo singular, articulou sua proposta àquela dos outros, colocou um acento sobre o que, desse encontro inédito, poderia enodar, colocar em ato o discurso analítico.

Responsabilidade e ato.

Didier Grais, França
Membro do Colegiado Internacional da Garantia

No a posteriori das diferentes intervenções e trocas da sequência – “o que é que conduz alguém à psicanálise” –, foram os significantes *responsabilidade* e *ato* que me pareceram emergir dessa mesa redonda.

Nós sabemos, graças ao ensino de Lacan, que de sua posição o sujeito é sempre responsável. De fato, a psicanálise não prescreve nenhuma “correção” em nome do Outro, mas ela abre à responsabilidade do sujeito perante seu gozo e seu ato. A responsabilidade que, para o analista, começa com o ato de fala. Dizer que o sujeito é responsável por sua posição é diferente de dizer que ele é sempre responsável pelo que lhe acontece, pelos acontecimentos, traumáticos ou não, que marcaram sua existência.

Originalmente o adjetivo responsável qualificava a pessoa que deve se dar conta de seus atos e daqueles dos quais ele tem a guarda, primeiro em um enquadre jurídico, depois também em virtude da moral vigente. O responsável é, portanto, primeiramente, aquele que responde por um outro. Essa questão da responsabilidade, essa dos atos, coloca a questão da ética.

A psicanálise orientada pelo ensino de Lacan propõe uma ética que não tem nada a ver com uma moral que diria o bem ou o mal. Ela propõe sobretudo uma ética do sujeito que começa quando este coloca a questão do seu bem e da articulação com o desejo. Trata-se de uma ética que para o sujeito consiste em julgar suas ações, frente ao desejo que o habita, até as consequências do ato.

A questão da responsabilidade, mas também aquela da escolha do sujeito, é o que a ética da psicanálise permite colocar em trabalho enquanto o que toca a existência, isso quer dizer, o impensável onde se decide uma orientação. É ao lado do que não passaram, com suas experiências bastante diferentes e seu estilo muito pessoal, que os expositores participaram da “responsabilidade” pelo êxito dessa Jornada.

Sobre a Jornada de 26 de setembro de 2015

Ana Martínez, Barcelona
Membro do Colegiado Internacional da Garantia

Particpei como debatedora da Mesa 1, *O que conduz alguém a uma psicanálise?*, dessa Jornada tão particular porque inédita, ao menos em minha experiência, já que nunca havia participado de uma modalidade de trabalho coletivo desse tipo.

De saída, vertigem, sentimento de desnudamento, sem recurso a nenhum tipo de ocultação nem dissimulação... Oito participantes – alguns expositores e outros, debatedores – sentados em semicírculo, sem mesa adiante sobre a qual apoiar nossos papéis, e com alguns microfones a nossos pés, prontos para serem utilizados, debatendo em torno de um mesmo tema a partir de ângulos e perspectivas muito diferentes, com sotaques e línguas distintas, porém confluindo em certos pontos comuns que refletiam a solidez de uma formação compartilhada, a de Freud e de Lacan. Além disso, suas vozes ressoaram como pano de fundo, através de brevíssimas, mas bem escolhidas leituras que escandiram o conjunto da Jornada.

Trabalhamos com base em intervenções curtas, preparadas com antecedência, que, entretanto, não foram lidas de uma vez, senão de forma pontuada, intercalada e enlaçada, sem uma ordem pré-estabelecida, mas com uma intencionalidade, uma sucessão guiada pela espontaneidade e pela inspiração do momento. Um modo que pode evocar a associação livre e também o trabalho em Cartel. Com que resultado?

Em minha opinião, o efeito conseguido foi: do lado dos que se expunham no cenário, em geral, uma maior liberdade de palavra e participação, e, do lado do público, um efeito de despertar, de novidade – nem sempre bem recebida; a experiência de outro

modo de fazer, um modo, talvez, mais de acordo ao estilo da subjetividade moderna, nas mensagens curtas e no formato dos debates.

De minha parte, concluo que, no âmbito do Campo Lacaniano, seria muito desejável e oportuno incorporar essa nova modalidade de trabalho, da qual destaco suas marcas de transversalidade, agilidade e liberdade de palavra, somando-a aos usos clássicos que vimos utilizando desde muitos anos e que, sem dúvida, é conveniente conservar por serem insubstituíveis em exposições que requerem amplos desenvolvimentos e intervenções individuais. Aposto, pois, na diversificação dos modos de trabalho e transmissão, na renovação e sintonia com o espírito da época, se é que queremos estabelecer contato com a sociedade de hoje para ter alguma *chance* de causar desejo de psicanálise nos não advertidos.

Leitura de trechos de Freud e de Lacan

Sigmund Freud, 1925. *Minha vida e a psicanálise*.

“O interesse pela psicanálise partiu na França com os homens letrados. Para compreender esse fato, é preciso lembrar que a psicanálise, com a interpretação dos sonhos, atravessou os limites de uma especialidade médica pura. Entre seu aparecimento d'antanhos na Alemanha e o hoje na França, houve suas inumeráveis aplicações em diversos domínios da literatura e da arte, da história das religiões, da pré-história, da mitologia, do folclore, da pedagogia etc Todos esses assuntos têm pouca relação com a medicina e só lhe são ligados através da empreitada da psicanálise”.

Jacques Lacan, 1958. *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder*.

“Já que se trata de tomar o desejo e que ele só pode ser tomado ao pé da letra, porquanto são as redes da letra que determinam, que sobredeterminam seu lugar de pássaro celeste, como não exigir do passarinho que ele seja, antes de mais nada, um letrado?

[...] Questionemos o que deve acontecer com o analista (com o “ser” do analista) quanto a seu próprio desejo” (p. 648).

Jacques Lacan em Milão, em 3 de fevereiro de 1973. “A psicanálise em sua relação com a sexualidade”.

“Vocês tomam seu café-da-manhã e estão sentados, e é por isso que vocês podem se deixar ir pouco a pouco ao berço de minhas palavras. Então eu jamais disse que o imaginário é muito vilão [...] No máximo, eu coloquei a questão do saber o que não combina com a digestão, [...] e algumas outras funções desse tipo que fazem parte do mesmo prato. Está claro que há coisas que não combinam, e que, [...] os psicanalistas, tomados por uma espécie de loucura que tem sua origem em suas próprias experiências, eu quero dizer, no momento em que eles próprios fizeram uma análise, eles puderam se aperceber que há alguma coisa que nós podemos mover nas perturbações da substância. [...] o analisante [...] é claro que nos casos felizes, digamos, ele tira proveito da análise, a saber que as perturbações em seu prato, [...] bem, há alguma coisa que se regulariza, que se arranja, enfim... ele sai de lá mais ou menos retorcido. Como se pode fazer isso? [...] como uma análise, quer dizer, uma técnica que procede apenas por palavras, com o mínimo de intervenção ensinante... [...] Um analista, isso não assassina seu analisante com princípios morais, isso o deixa falar; e que esteja lá, em torno disso somente, e alguma coisa opere... isso merece de fato a nossa reflexão”⁹².

Tradução: Leonardo Lopes
Revisão: Ana Laura Prates Pacheco

92 Tradução da edição original francesa: “Vous digérez votre petit-déjeuner et vous êtes assis, c’est pour ça que vous pouvez vous laisser aller peu à peu au berçage de mes mots. Donc je n’ai jamais dit que l’imaginaire, c’est très vilain [...]. J’ai plutôt posé la question de savoir ce qui ne va pas dans la digestion, [...] et quelques autres fonctions de cette espèce qui font partie de la même assiette. Il est clair qu’il y a des choses qui ne vont pas, et que, [...] les psychanalystes, saisis par une espèce de folie qui prend son origine dans leur propre expérience, je veux dire dans le temps où ils ont fait eux-mêmes une analyse, ils ont pu s’apercevoir qu’il y a quelque chose qu’on peut faire bouger dans les troubles de la subsistance. [...] l’analysant. [...] il est clair que dans les cas heureux, disons, il tire de l’analyse un bénéfice, à savoir que les troubles dans son assiette, [...] eh bien, il y a quelque chose qui se régularise, qui s’arrange, enfin... il sort de là plus au moins détordu. Comment ça peut-il se faire ? [...] comment une analyse, c’est-à-dire une technique qui ne procède que de paroles, avec le minimum d’intervention enseignante... [...] Un analyste, ça n’assassine pas son analysant avec des principes moraux, ça le laisse parler ; et qu’il y ait là, autour de ça seulement, quelque chose qui s’opère... ça mérite bien quand même qu’on y réfléchisse.”

MESA 2: O QUE É QUE PERMITE A UM PSICANALISTA SUSTENTAR A OFERTA DE UMA PSICANÁLISE?

De um dizer como ato a um dizer do desejo.

Maricela Sulbaran (Paris)

A nova modalidade de trabalho proposta pelos organizadores da Jornada de Toulouse, em 26 de setembro, fez escansão. A palavra circulou e permitiu um outro dizer sem estar colado à leitura do texto. No que me concerne, eu não disse tudo do que tinha escrito. A dinâmica da mesa redonda, por si mesma, apurou o texto.

Eu retomo meu texto depois de tê-lo apresentado e discutido.

No princípio, houve um dizer do analista com um efeito de ato que marcou minha entrada na análise. O ato do analista que podemos isolar na entrada abrange um antes e um depois. Portanto, é da ordem de um acontecimento.

O analista não cede a uma demanda que lhe fiz. Esta intervenção produz efeitos e afetos muito importantes sobre mim. Após essa sessão, a terceira das entrevistas preliminares, gera-se em mim uma tal divisão, manifesta em um ato no qual eu me sentia implicada, não me reconhecendo de todo. A angústia me ultrapassou completamente. Esperar dois dias para falar ao analista disso que me aconteceu parecia interminável. O que é que tocou, que fez eco ao dizer do analista?

Esse ato do sujeito nós poderíamos colocar do lado do *acting out*. Mas me parece que não era isso, pois no *acting out* a verdade que diz, que está articulada e que se mostra, não é subjetivada. No caso evocado, eu estava dividida pelo fato de que não me reconheço em meu ato, sabendo que apesar do tudo, sou eu. Eu já tinha feito um período de análise de dez anos.

O analista não pode calcular o efeito de seus atos. O ato dessa segunda analista, que teve como efeito me confrontar com minha divisão na qual o “eu sou” era desconhecimento e desaparecimento, não tinha nada de dizível. Na sessão que se seguiu, eu pude dizer alguma coisa sobre isso. A partir de então, a análise se engatou. O ato da analista tinha desacorrentado as produções do inconsciente.

A passagem a analisante é atestada na medida em que esta resposta do inconsciente, com a divisão e a angústia provadas, vêm se enodar à interpretação do

analista. A palavra analítica se enoda ali onde se cruzam o dizer da demanda e o dizer da interpretação.

Onde o analista deve se colocar para responder convenientemente ao analisando? Lacan considera que a relação de transferência não pode se engajar a não ser sobre o mal-entendido. E ele acrescenta que não há coincidência entre o que é o analista para o analisando ao começo da análise e o que a análise da transferência nos permitirá desvelar quanto ao que está implicado, não imediatamente, mas implicado verdadeiramente, pelo fato que um sujeito se engaja nesta aventura da análise⁹³.

O analista empurra à transferência mesmo se ele não acredita, em princípio, no sujeito suposto saber, mas ele reconheceu o inconsciente e sabe que há saber sem sujeito. O saber do inconsciente se apresenta como gozo do sujeito.

Esse trabalho de análise que durou alguns anos me permitiu saber alguma coisa de minha própria divisão.

Em análise, um dizer que toca a dimensão da existência pode se alojar e se enodar de maneira diversa ao simbólico, imaginário e real. Esse dizer na análise que é existencial e contingente, tem efeitos ao nível do desejo e do gozo⁹⁴.

Um dizer do desejo

Um analista pode deduzir, a partir do dizer do analisante, que um novo desejo é possível?

Colette Soler precisa que nada permite pensar que um analista adquira conhecimentos suficientes, saber suficiente de seu analisante, para poder avaliar o que torna o ato possível. E ela lembra que mesmo se o desejo é significado no texto analisante, enquanto sentido, ele é inarticulável⁹⁵.

O dispositivo do passe pode permitir distinguir os sujeitos nos quais as condições de possibilidade do ato analítico estão reunidas. Malgrado o inarticulável do desejo, é possível, que no dizer do passante e em sua tentativa de formular e nomear alguma coisa de seu gozo enodado ao sintoma, um “dizer do desejo” possa ser ouvido.

93 Referência do original em francês: Lacan, Jacques. *Le Séminaire, livre VIII, Le transfert*. Paris, Seuil, 2001. p. 389.

94 Soler, C. *Lacan lecteur de Joyce*. Paris, P.U.F., 2015. pp. 50-51.

95 Soler, C. La politique de l'acte. Cours de 1999-2000. p. 152-153.

O ato do analista inscrito no discurso analítico, sustentado por seu desejo, lhe permitirá fazer-se causa do trabalho de seus analisantes. E, fora do tratamento, ele pode manter sua posição analisante fazendo ressoar os efeitos desse discurso.

Em 1961, Lacan insiste em dizer que a possibilidade, a riqueza, todo o desenvolvimento futuro da psicanálise, estão postas do lado do analista. Cabe ao analista produzir os ecos que podem permitir a continuidade da psicanálise.

Ser analista: uma tarefa do analisante

Ana Alonso, Antonia Maria Cabrera, Carmen Delgado,
Trinidad Sánchez-Biezma (Cartel de Madrid)

A psicanálise, sabemos, não é uma questão nem de aprendizagem, nem de escolaridade e, ainda que seja arriscado dizê-lo, temos que aceitar que não depende do saber acadêmico, porque o gozo resiste. Tampouco é uma necessidade, nem algo obrigatório que deve ser ensinado a todo custo. Recordemos que a psicanálise tem uma dignidade a preservar que nos obriga a impedir que se dilua em outra coisa.

Então, não é academia, senão experiência. É a análise do analisante que vai produzir um ensino para o analista e para a teoria psicanalítica e, por isso, Lacan inventa o passe. Trata-se de um dispositivo que permite não fixar o saber em uma doutrina, mas permite que se desdobrem as invenções do inconsciente: que cada qual testemunhe sua *verdade mentirosa*, deixando aos cartéis a tarefa de “reconhecer as condições de possibilidade do ato analítico que o passante não pode enunciar em termos de verdade”⁹⁶.

Se há Escola, essa não está escrita de antemão. É o resultado obtido a partir do questionamento que pode autenticar se ocorreu testemunho dos problemas cruciais da psicanálise. Deve-se, então, considerar que houve produção do discurso analítico e que tem sido esse o que faz Escola, ele é a matéria.

Esse fazer Escola não deve ser entendido como proselitismo. Esse chamado ao outro não está dirigido a convencê-lo nem a filia-lo a uma causa, senão a solicitar sua singularidade e, assim, poder arrancar do real um pedaço de saber suplementar.

96 Soler, C. Les conditions de l'acte, comment les reconnaître? In: *Wunsch*, no. 8, 2009.

“O passe consiste em que alguém, quando se considere bastante preparado para se atrever a ser analista, possa dizer a alguém de sua própria geração... a um par... o que lhe deu o impulso de receber pessoas em nome da análise”⁹⁷.

O desejo do analista não deve se confundir com uma nova investitura na Escola, como poderia imaginar o passante que se apresentaria ao passe com a perspectiva de ser representado com a sigla AE. Tratar-se-ia aí de agarrar a questão do ser do analista a partir da nomeação. Portanto, nesse caso, seria uma maneira de responder à indeterminação da neurose com um semblante de AE.

Por outro lado, o passante pode desdobrar em seu testemunho uma trajetória que lhe permita demonstrar a passagem de um desejo sustentado pelo analista na transferência, para, finalmente, um desejo de saber que ficará por sua conta. Nesse caso, a nomeação seria uma autenticação.

Que os semblantes vacilem ao final, dá conta de sua função essencial na neurose porque permitem, de um modo particular para cada sujeito, fazer suplência à ausência da relação sexual. A queda do semblante fálico ao final da análise oferece a possibilidade de verificar – ao menos essa é a intenção da experiência do passe – que, no ponto de horror de saber, pôde emergir um desejo inédito próprio do sujeito.

Ao final da análise, produz-se um novo estado do sujeito, uma metamorfose. Em *Problemas cruciais da psicanálise* (1965), lição de 27 de janeiro, Lacan assinala que “sua Escola, se merece seu nome, no sentido em que esse termo é empregado desde a Antiguidade, é algo onde se deve formar um estilo de vida”.

Em *L'Étourdit*, propõe como fim da experiência que o sujeito, depois de haver produzido o impossível do sentido, da significação e do sexo, “o sujeito saberá-fazer uma conduta”⁹⁸. Isso não impede que haja outras condutas, mas prova que não há conduta modelo, mas o “saberá-fazer”, que supõe deixar cair, abandonar o saber anterior e tentar elaborar a psicanálise um pouco mais além de onde Lacan a levou.

Poderíamos falar de um semblante novo que anime o desejo de psicanálise?

Se a psicanálise didática tem o mesmo estatuto que o ensino da psicanálise⁹⁹, então, o requisito para que seja ensino é que produza efeito de saber que toque algo da

97 Lacan, J.. Yale University, Kansas Seminar. Novembro de 1975. In: *Scilicet*, 6/7, p. 7-31.

98 Lacan, J. *L'Étourdit*. In: *Autres écrits*. Paris, Seuil, 2001. p. 487.

99 Lacan, J. Do sujeito enfim em questão. In: *Écrits*. Paris, Seuil, 1966. p. 236.

verdade particular e que leve a querer saber um pouco mais sobre isso. Ensino que não seria erudição e que estaria animado desde uma *posição de analisante*¹⁰⁰, o que implicaria não ceder à suficiência de saber, para continuar elaborando seu *não querer saber disso*.

Grande responsabilidade dos analistas, do progresso da Escola. Mas onde começa essa responsabilidade?

Hoje se exige rapidez, eficácia e êxito nos resultados. Se quer saber fazer sem ter passado pela experiência. Sabemos que a psicanálise requer tempo, o tempo necessário, tempo de transferência, o tempo de vir a ser, um ser despojado das ilusões e, assim, com um pouco mais de liberdade.

Com sua resposta, o analista tem a oportunidade de fazer-se causa da divisão e, em seu dizer, interrogar: Que lugar dar ao sujeito do inconsciente?

Notas bibliográficas:

- (1) Soler, C. Wunsch nº 8: “Las condiciones del acto ¿Cómo reconocerlas?” 2009
- (2) Lacan, J. Conferencia en la Yale University. Nov 1975 en Scilicet nº 6/7 Ed. Seuil.París 1976.
- (3) Lacan, J. Seminario 1964-1965: Problemas cruciales del Psicoanálisis 1965. Lección 27 de Enero .Inédito
- (4) Lacan, J. “El atolondradicho”, en Escansión nº 1. Ed. Paidós. Buenos Aires 1984
- (5) Lacan, J. “Del sujeto por fin cuestionado” Escritos 1. Ed. Siglo XXI. Madrid 1976
- (6) Lacan, J. Seminario XX, Aún páginas 9-10. Editorial Paidós. Barcelona-Buenos A. 1981

Fazer frente a.

François Terral (Toulouse)

Meu ponto de partida era um dizer de Lacan sobre os psicanalistas: “O ato, eu lhes dou chance de enfrentá-lo¹⁰¹”. Pareceu-me que a questão que nos era colocada na

100 Lacan, J. Le Séminaire, livre XX, Encore (1972-3). Paris, Seuil, 1975.

101 Referência original em francês: Lacan, L. Après la dissolution de l'École freudienne de Paris. 1980. In : *Pas tout Lacan*.

sequência “O que é que permite a um psicanalista sustentar a oferta de uma psicanálise?”, podia obter essa primeira resposta: *fazer frente ao ato*. Dessa resposta, eu escolhi aproximar as dimensões coletiva e individual. As trocas da mesa redonda me tornaram mais evidente a articulação estreita desses dois níveis, posto que eles fazem apenas um.

Assim, se o analista está numa relação de solidão em seu ato, a responsabilidade que lhe é incumbida de *fazer frente a* ele abre-se ao coletivo, em uma lógica de transmissão, ou mesmo na transmissão do que se apanha de sua lógica, aquela do real do inconsciente. O que orienta Lacan no momento da criação da ECF é criar as condições de uma experiência de escola – pois tudo leva a crer que aquele não era o caso –, que permitisse o testemunho, a transmissão, a partir do ato. Que tenha sido preciso passar por aí, parece-me como a consideração de um ponto de estrutura; não somente como aquela de uma contingência particular da experiência da EFP.

Portanto, é necessário aqui situar o ato analítico, aquele de uma ou de um, em suas articulações com o coletivo. A aposta é da própria existência da psicanálise que, sem dispositivo particular próprio para pensar e levar em conta coletivamente sua especificidade, não saberia se partilhar entre nós, nem perdurar mais além. Esta especificidade é o desejo, antes de ser de saber. Quando o saber participa disso, trata-se de que ele possa permanecer na ordem de um dizer, ou seja, “fazer barreira ao saber¹⁰²”, como diz Lacan a propósito da finalidade de seu ensino, é o que impõe a realidade do inconsciente para uma Escola.

Mas o ato analítico leva em conta aquele que se autoriza. Autorizar-se analista é o que advém para sustentar para outros as consequências para eles mesmo da passagem à analista. Essa passagem encontrada no tratamento não é de saber tudo. O termo incalculável¹⁰³, que Lacan utiliza para designar os efeitos da interpretação, nos permite melhor dizê-lo. Há algo de incalculável no ato analítico, pois ele opera para além do saber decifrado da significação da castração. Consequência que eu quis sublinhar:

102 Lacan, J. Alocução sobre o ensino. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 302. Lacan, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 557. Lacan, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris, *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 270. Cf. notadamente, Lacan, J. *Après la dissolution de l'École freudienne de Paris*, op. cit. E Seminário XX, Encore. Paris, Seuil, 1975, p. 103.

103 Lacan, J. Alocuções sobre as psicoses da criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 368.

sustentar seu ato, e, portanto, *fazer frente ao ato*, advém ao analista para renovar essa autorização inaugural, em ato, e por isso mesmo fazer frente ao incalculável de seus efeitos, efeitos mensuráveis somente em parte, no *a posteriori* do ato. É, portanto, de ponta-a-ponta da prática analítica que o ato emerge como alvo e condição do analista, assim como da análise, presentificando o trabalho do paciente, bem como o da Escola.

Eu pretendo terminar com a seguinte questão: há que se ter o gosto pelo ato? – enfim... –, o que permite ao analista sustentar a oferta de psicanálise? Essa proposta parece se opor à afirmação de Lacan segundo a qual os analistas têm “horror a seu ato”. Mas faço aqui a ressalva que essa afirmação fora circunstancial e que a dissolução da EFP quis responder a isso. Sim, ter o gosto pelo ato, é sem dúvida uma maneira de nomear *a alegria que encontramos nisso que faz nosso trabalho*¹⁰⁴. E é de uma certa alegria partilhada que se tratou também esta Jornada.

Sonho ou despertar? Sonho do despertar.

Paola Malquori
Itália

Na lição de 10 de dezembro de 1974 do seminário R.S.I., Lacan fala do fenômeno lacaniano, fenômeno único que, paradoxalmente, está dividido em dois: a psicanálise que produz efeitos pelo analista, e a psicanálise que os teoriza, sempre pelo analista. A referência ao particular e ao universal é inevitável.

Na conferência *O sonho de Aristóteles*, Lacan afirma que o analisante é um aluno de Aristóteles, porque ele acredita passar, através da linguagem, do particular de seu próprio sintoma ao universal, e ele é igualmente um sonhador porque, pelo fato que ele fala disso, ele sonha que a linguagem diz a verdade sobre sua singularidade.

É entre o sonho e o despertar que o analista intervém, mas como?¹⁰⁵ Entre sonho e despertar, entre particular e universal, qual é a tarefa, a intervenção do analista e a psicanálise?

Será, talvez, que o dispositivo do passe é o despertar que deve visar a Escola de psicanálise, no enodamento entre a teoria e a prática? O passe como um passo, quer

104 Lacan, J. Alocuções sobre as psicoses da criança. Idem.

105 Lacan, J. *O sonho de Aristóteles*, Conferência na Unesco. Colóquio para o 23o Centenário de Aristóteles. Publicação por Unesco Sycomore, 1978, p. 23-24.

dizer uma passagem pela linguagem, entre sujeito/passante que fala do particular de sua própria análise, ao sujeito passador, que por sua vez se refere aos Uns do cartel para um acordo sobre o universal da nomeação ou não.

Sonho ou despertar do fenômeno lacaniano?

Na conferência dada em Roma no VII Congresso da Escola freudiana de Paris, *A Terceira*, Lacan define o real como isso que não vai bem, o que dificulta o andamento do discurso do mestre¹⁰⁶, o discurso do todo que vai bem para todos. O real é o que retorna sempre no mesmo lugar, a saber, o lugar do semblante que causa o discurso do qual somos efeitos ou que afeta¹⁰⁷. Da mesma forma que o despertar, que dificulta o caminho do desejo de dormir ou de sonhar, e que é particular como o real próprio a cada um que constrói o sintoma pelo efeito de linguagem que o precede e que afeta o sujeito¹⁰⁸.

Se o sintoma provém do real e a psicanálise trata os sintomas, há um laço de dependência entre a psicanálise e o real, mas qual é o real ao qual a psicanálise deve se opor¹⁰⁹?

Eu creio que seja o real universal, ou melhor, talvez, a universalização do real que visa o discurso da ciência, desde Aristóteles que acredita conhecer o mundo através da representação, e por isso ele sonha.

Assim também como Freud que, fabricando sua teoria a partir da clínica, fala da representação de coisa e de palavra, enquanto que deveríamos construir uma teoria a

106 Da edição original francesa publicada por Patrick Valas: Lacan, J. *La Troisième*, p. 55. “Bien ça, ce n'est pas du tout la même chose que le réel, parce que le réel justement, c'est ce qui ne va pas, ce qui se met en croix dans ce charroi, bien plus, ce qui ne cesse pas de se répéter pour entraver cette marche”. www.valas.fr

107 Soler, C. *A Terceira de Jacques Lacan*. Seminário de leitura de texto, ano 2005-2006.

108 Da edição original francesa publicada por Patrick Valas: Lacan, J. *La Troisième*, p. 73. “C'est un de mes rêves à moi, j'ai quand même bien le droit, tout comme Freud, de vous faire part de mes rêves ; contrairement à ceux de Freud, ils ne sont pas inspirés par le désir de dormir, c'est plutôt le désir de réveil, moi, qui m'agite. Mais enfin c'est particulier.” www.valas.fr

109 “Ce qui vaudrait le mieux, c'est à quoi nous devrions nous efforcer, c'est que le réel du symptôme en crève, et c'est là la question : comment faire ? [...] Le sens du symptôme dépend de l'avenir du réel, donc comme je l'ai dit là à la conférence de presse, de la réussite de la psychanalyse. Ce qu'on lui demande, c'est de nous débarrasser et du réel, et du symptôme. [...] Mais si la psychanalyse donc réussit, elle s'éteindra de n'être qu'un symptôme oublié. Elle ne doit pas s'en épater, c'est le destin de la vérité telle que elle-même le pose au principe. La vérité s'oublie. Donc tout dépend de si le réel insiste. Seulement pour ça, il faut que la psychanalyse échoue. [...] Donc le piquant de tout ça, c'est que ce soit le réel dont dépend l'analyste dans les années qui viennent et pas le contraire. Ce n'est pas du tout de l'analyste que dépend l'avènement du réel. L'analyste, lui, a pour mission de le contrer [...]”. *Ibidem*.

partir da presença e da apresentação de objeto que causa o desejo de analisante assim como do analista.

Presença e apresentação do real pelo objeto causa que se revela na prática analítica, a tal ponto que, se a psicanálise é o discurso que não cola o analisante nem à pessoa do analista nem ao casal analista-analisante¹¹⁰, então podemos nos perguntar se a psicanálise, antes de ser um sintoma – um sintoma social que se revela pelos sintomas próprios daqueles que chegam a demandar uma análise –, não é um *sinthoma* em sua função de enodar e sua função de um discurso que faz laço.

Podemos nos perguntar também, se o desejo de psicanálise não é também um desejo de real para além do despertar absoluto que seria correspondente à morte¹¹¹.

Dado que a linguagem se conecta ao corpo, a finalidade do discurso analítico seria de assegurar o enodamento entre simbólico, real e imaginário, na singularidade própria a cada um, a qual se revela na prática e nos esforços para teorizá-la.

Portanto, sonho do despertar do fenômeno lacaniano, mais que sonho ou despertar absoluto.

APÓS A MESA 2

Lógica da desordem.

Marie-Josée Latour, Paris
Membro do Colegiado Internacional da Garantia

Lógica da desordem: uma possível pontuação para esta jornada “Ecos de Escola”, onde nós fizemos a aposta por uma forma inabitual para responder sobre a topologia particular da relação analítica, transmissão inclusive.

Para a questão de nossa mesa redonda, há uma resposta de Lacan bastante clara: o que permite a um psicanalista sustentar a oferta incensata de uma psicanálise é o desejo do psicanalista.

110 *Ibidem*, p. 62.

111 “O desejo de dormir corresponde a uma ação fisiológica inibidora. O sonho é uma inibição ativa. Esse é aquele ponto em que podemos conceber o que viria a se conectar com o simbólico. É sobre o corpo que se conecta a linguagem, pelo fato do paradoxo biológico se constituir em uma instância que impede a interrupção do sono. Graças ao simbólico, o despertar total é a morte – para o corpo. O sono profundo torna possível que o corpo dure”. *Para além do despertar*, resposta de Lacan a uma questão de Catherine Millot: “o desejo de morte poderia ser situado do lado do desejo de dormir ou do desejo de despertar?”.

Porém, o inédito desse desejo nos traz pouco conforto conceitual, pois é produzido em cada tratamento.

A dinâmica dessa mesa redonda coloca em evidência até que ponto o psicanalista é responsável por um discurso que cola o analisante, não ao analista, mas ao casal analisante-analista¹¹². Em outras palavras, não há, de um lado a clínica, a experiência e o tratamento, e de outro, a transmissão, a teoria e a Escola. Se uma psicanálise é o tratamento esperado de um psicanalista, o psicanalista é o produto de uma psicanálise. É essa distância entre o primeiro “psicanalista” e o segundo, que permitiu aprofundar essa aparente tautologia.

Cada um pôde testemunhar da desordem de um trajeto no qual, mesmo que se saiba que é de si que se trata, nós não nos reconhecemos, dos efeitos incalculáveis de um mal-entendido, da impropriedade do saber adquirido para sustentar o lugar de um saber sem sujeito e de sua maneira de responder à desordem desse lugar inabitável entre sonho e despertar.

“Se há Escola...”.

Cathy Barnier, Paris
Membro do Colegiado Internacional da Garantia

Se há Escola... dizia um dos participantes dessa mesa redonda..., como nós dizemos, após e com Lacan, se “há do psicanalista”... Pois os dois estão intimamente ligados, indissociáveis, como os dois polos entre os quais se estica a corda de um arco.

“O que nós lhe demandamos (à psicanálise), é de nos livrar do real e do sintoma... Mas se a psicanálise tem êxito, ela se apagará não sendo mais que um sintoma esquecido”, escreve Lacan na *Terceira*. Responsabilidade, então, para o psicanalista, em seu “enfrentar” o ato de não responder à demanda, mas de se dobrar, mais além do particular, ao real do sintoma, quer dizer, de adotar a dobra na fala de cada sujeito, de a ela responder no caso a caso, e para a Escola, de criar as condições de garantia, como nos lembrou Colette Soler na discussão, para que seja preservado esse furo no saber, onde se funda o singular. É esta oferta aqui que pode dar a chance à psicanálise, de durar.

¹¹² Lacan, J. La Troisième. In: Lettres de l'EFPP no. 16, 1975.

“Enfrentar o ato” é a cada vez autorizar-se de novo, como nos lembrou François Terral, e isso não pode ser feito sem o trabalho na Escola – sua articulação imprimindo um “estilo de vida”, talvez sintomático... no discurso contemporâneo.

Para Wunsch.

Sol Aparicio, Paris
Membro do Colegiado Internacional da Garantia

É na fala, no seio de uma língua particular, que tem lugar a experiência do inconsciente. É pela fala que isso passa. Vocês se lembram: “... o que se diz no que se ouve”. Ela estava, naturalmente no começo da Jornada de Toulouse, em 26 de setembro de 2015. A fim de favorecer as trocas, cada palestrante foi convidado a privilegiar a fala. A tomá-la, portanto, e na língua que era a sua.

As línguas francesa, espanhola e italiana fizeram assim ouvir alegremente suas sonoridades e modos particulares de dizer atualmente o que fora *in illo tempore* um mesmo idioma. Mas o que era falado, com seus sotaques singulares, é evidentemente, sobre a língua própria do discurso psicanalítico que nos é comum e que a Escola, internacional, se empenha em manter viva.

Cada um na sua vez, cada participante lhe dá sua parcela de contribuição. Enquanto que Maricela Sulbaran evocava “um dizer do desejo”, François Terral nos surpreendia com seu “gosto pelo ato” e Paola Malquori comentava: “é entre o sonho e o despertar que o analista intervém, mas como?” e nossos amigos paulistas – Toni Cabrera, Carmen Delgado e Trinidad Sanchez-Biesma – nos questionavam: “que lugar você concede ao sujeito do inconsciente?”, chamando por seu voto “um semblante novo que reaviva o desejo de psicanálise!”.

Leitura de um trecho de Freud e de Lacan

Sigmund Freud, 1905: *Fragmentos de uma análise de histeria* (Dora)¹¹³.

“Algumas semanas depois do primeiro sonho houve o segundo, cuja elucidação coincidiu com o final da análise. Esse sonho não é tão claro quanto o primeiro mas

113 Freud, S. (1905). Les cinq psychanalyses – Fragments d'une analyse d'hystérie (Dora). Paris, PUF. p. 69.

fornece a confirmação esperada de uma hipótese que se tornou necessária sobre o estado de alma da paciente, preenchendo uma lacuna da memória de perceber, claramente, a origem de outro de seus sintomas. Dora contou: 'Caminho numa cidade que não conheço, vejo ruas e praças que me são estrangeiras [...]’”.

Jacques Lacan, 1977. Texte remis à Jean Michel Vapereau em 1978.

“Como 'nasci' poema e não poeta (*poème et papouète*), diria que o mais curto é o melhor, ele se diz: 'Ser onde?' (*Être où?*), o que se escreve de mais de uma forma, por exemplo como *étrou*. Recusá-lo para que valha o *étrou...* sustenta a coisa, mesmo suspenso”. Trata-se de um poema assinado: *Là-quand...*, porque isso parece responder-lhe, natural mente¹¹⁴. O teria dito se ao passe tivesse me arriscado. Mas sou um analista velho demais para que isso sirva. Acrescentar “prá qualquer um” seria deslocado. Nesse ofício aprendi a urgência de servir não aos, mas os outros – mesmo se for apenas para lhes mostrar que não sou o único a lhes servir. É a salada mais besta que conheço. Besta, no fundo, que eu tenho público, porque, ao que tudo indica, eles adormecem com esse poema. Isso me angustia. Como todo mundo, quando o real mente o suficiente para ser senti mental. Fobia nesse caso nós sabemos: eu 'alérgico' a meu auditório”.

Jacques Lacan, 1958. A direção do tratamento e os princípios de seu poder.

“Já que se trata de tomar o desejo e que ele só pode ser tomado ao pé da letra, porquanto são as redes da letra que determinam, que sobredeterminam seu lugar de pássaro celeste, como não exigir do passarinho que ele seja, antes de mais nada, um letrado, [...] Questionemos o que deve acontecer com o analista (com o “ser” do analista) quanto a seu próprio desejo”.

Tradução: Leonardo Lopes

Revisão: Ana Laura Prates Pacheco

114 N.R. Para acompanhar esse trecho, sugiro a leitura do excelente texto de Michel Bousseyroux: http://www.champlacanianfrance.net/IMG/pdf/Mensuel26_MBousseyroux.pdf

MESA 3: DE UMA PSICANÁLISE À PSICANÁLISE, O QUE PASSA?**Ser, Letra, *Falasser*? Eco e Ressonância de Escola**

Eva Orlando, Antonella Gallo

Napoli – Itália

Como um eco que se repercute da prática à teoria, tentaremos responder a questão: “De uma psicanálise à psicanálise, o que passa?” a partir de um trabalho em cartel, colocando em evidência os três nós que parecem tecer uma psicanálise. Primeiro nó: é o tempo do *ser*; um tempo lógico e não cronológico. É o tempo do significante escandido por um eco, um tempo que é aquele do ser que é reconduzido ao semblante. Segundo nó: é a instância da *letra*. A interpretação se abre no fio direto do significante, mas trata-se de uma interpretação que atua sobre o equívoco significante, sobre o fato que ela não reduz o dizer ao dito. A letra é uma ruptura que se tornará inscrição, em seguida escrita: uma escrita diante da qual o analista encarna o Outro que indica ao sujeito o *não sabido* (*l’insue*) a agir em suas ações diante do real. Terceiro nó: o *Falasser*. O *falasser* é um raio, uma fulguração do real. A letra não existe sem *lalíngua* e *lalíngua* existe somente quando há gozo. Com o *falasser* laciano a psicanálise indica uma via diferente: *lalíngua*, considerada em sua corporeidade, é a marca da letra no fora do sentido. Na medida em que o inconsciente aí intervém, há duas vertentes da linguagem: a primeira é a vertente do sentido, do sem sentido, do bom sentido, do senso comum; é a vertente da psicoterapia que não leva a nada, mesmo se ela tem um efeito positivo e faz bem. Esta vertente é também aquela da psiquiatria que se orienta sempre com a ajuda da bússola do sentido, através do não sentido nosográfico que condiciona o diagnóstico. A segunda vertente da linguagem é aquela do gozo do sentido “*jouis-sens*”, do real que permite efetivamente nomear aquilo em que o sintoma consiste. E é aqui que se encontra o desafio que Lacan lança a toda psicanálise que virá. Um desafio que o psicanalista pode levantar e encarar, com a condição que ele seja um sujeito que passou da doutrina clínica à clínica do ato analítico; isto é, um sujeito que exerce a psicanálise no interior de um campo que a Escola traçou.

A psicanálise é bem diferente da psicoterapia, de um diagnóstico ou de uma técnica de cura; é uma prática que só é válida à condição de lutar “contra o

desvelamento da instituição e do discurso analítico”¹¹⁵, alinhando “a instituição psicanalítica sobre a psicanálise e não o inverso”. É uma das necessidades sentidas por Lacan para permitir à psicanálise continuar seu trabalho. De fato, em *D'Écolage* Lacan sublinha que “a causa freudiana não é Escola mas Campo onde cada um terá sua carreira para demonstrar aquilo que faz do saber que a experiência deposita”¹¹⁶.

O analista não tem um saber pré-formado; o saber que ele tem é um saber sem sujeito, mais próximo de um “saber ali estar”. O lugar do analista consiste em um “saber se colocar”, lá onde ninguém sabe estar, dando ao analisando a possibilidade de um “saber se virar” um pouco melhor com o seu *des-ser*; isto é, de se ver lá onde ele não pensa ser. A prova disso é que o desejo de psicanálise não é o desejo do analista.

Na experiência do passe, tanto do lado do passante como do lado do passador, os três nós do ser (*être*), da letra (*lettre*) e do *falasser* (*parlêtre*) se misturam e se confundem:

- Passe como “busca de um tempo do ser”, *historização* mais que estorinha;
- Passe – impasse, para a rede dos significantes nos quais o *Falasser* está mergulhado;
- Passe como abertura ao real do testemunho.

É, segundo Lacan, o essencial do que uma experiência – tão impossível e às vezes tão contraditória – como o passe, pode transmitir. “Que cada psicanalista reinvente, daquilo que ele conseguiu retirar do fato de ter sido durante um tempo psicanalizando, que cada psicanalista reinvente o modo pelo qual a psicanálise pode durar”¹¹⁷.

Para aqueles que vivenciaram a experiência de passador, o tempo do passe torna-se então o tempo da memória e da nostalgia – no sentido etimológico de retorno. Trata-se de uma nostalgia de sua própria análise, tempo no qual língua e *lalíngua* estão em contraponto e no qual conta-se mais de impossibilidades do que de revelações. É também um tempo de reflexão sobre o valor ético do seu próprio testemunho, em uma sociedade que evolui no sentido contrário. Um testemunho singular, não porque ele é

115 Soler, C. et al. 2000. *La psychanalyse, pas la pensée unique*. Histoire d'une crise singulière. Editions Champ Lacanien, collection “Scansion”.

116 Lacan, J. *D'Écolage* (1980).

117 Lacan, J. (1978). L'expérience de la passe. Deauville. *Lettres de l'École*. No. 23, p. 180.

caprichosamente arbitrário mas porque ele foi permitido pela análise e sustentado pelo *imprimatur* do analista, que deu, pela nomeação, esta autorização que a nenhum *falasser* medianamente neurótico poderia ser dada.

Lacan nos endereça uma questão que ressoa com a potência de um eco, como uma advertência. A psicanálise é um sintoma?¹¹⁸ Para ele é um sintoma revelador do mal-estar da civilização na qual vivemos e nossa clínica nos mostra que o sintoma é aquilo que vem do real; daí “o futuro da psicanálise é algo que depende do que virá desse real”¹¹⁹, um futuro que está portanto ligado ao sucesso da psicanálise ela mesma. Lembremos, neste sentido, as palavras de Lacan citadas em *A terceira* (1974): “O instigante de tudo isso é que seja o real aquilo do que depende o analista nos anos que virão e não o contrário. Não é de forma alguma do analista que depende o advento do real, O analista, ele mesmo, tem por missão se opor a isso”.

Efeitos de um fim de análise,

Irène Tu Ton, Paris

Tomarei como eixo à minha proposição sobre o fim da análise e seus efeitos uma questão: nossa relação com o desejo, encontra-se ela modificada?

Para tentar responder a essa questão, eu me apoiarei sobre o fim da análise como experiência singular, embora o tratamento em seu conjunto tenha sua própria tonalidade. Mas a maneira como ele encontra seu término pode levar o analisando a se dar conta de um traço até então desconhecido por ele e que se ele o distingue dos outros, ele o distingue também de forma radical daquilo que ele acreditava saber sobre si mesmo.

Isso recoloca em causa o estatuto do saber no tratamento. Esta falha no saber que constitui esta parte de desconhecido não é, no entanto, fundamentalmente desconectada da história do analisando, mas faz enigma. Ela se refere à posição do analisando na fantasia como máscara de um real. Ter tido a experiência desse saber enigmático não é sem efeito sobre a transferência. O saber, quanto ao seu inconsciente, que o analisando

118 Lacan, J. (1974). La Troisième. In: *Lettres de l'École freudienne*. no. 16, pp. 177-203.

119 Idem, *ibidem*.

supunha ao analista, volta a ele esburacado, sem sentido. Ele avalia dessa forma que do saber há somente suposição.

Desse fato, o fim da análise pode aparecer fazendo ruptura com aquilo que precedeu no tratamento, resumindo-o a um traço, um buraco no saber. Desprende-se uma singularidade no sentido do *Unheimlich* freudiano. Há o estranho/estrangeiro (*l'étrange/r*) em si que não compreendemos, mas que constatamos e que causa horror. Fazer esta constatação e admiti-la, pode ser uma ocorrência do fim da análise.

Portanto, traço de singularidade, apresentando-se como um resto enigmático, admitido como tal. Ter passado por esta experiência que permitiu um ato, o de final de análise, tem uma incidência sobre o que segue? Pois no fundo, nosso inconsciente não mudou, nossos sintomas tem ainda esta tonalidade que claudica, o gozo se faz ainda insistente. Então, como saber se virar?

As respostas são evidentemente próprias a cada um. Nenhuma receita, nenhuma garantia a esperar. A perspectiva se situa possivelmente nisso, na ausência de garantia. Parece-me que o resto enigmático ligado ao saber, sobre o qual uma análise pode ser concluída, dá a ideia: isso escapa. Ideia que encontramos na tese de Lacan sobre o desejo, segundo a qual nenhum objeto pode satisfazê-lo, ele é falta por essência.

Há, no entanto, esse traço singular que nos assegura de nossa própria experiência analítica e de sua conclusão. Para mim, ele contribui para animar nossos desejos diferentemente. Eles são relativamente menos submissos à exigência de nossos ideais e podem se abrir a uma tomada de risco anteriormente jamais visualizável. Ela não se calcula, mas se constata. Poderíamos dizer, a prova pelo ato.

No nosso campo psicanalítico, Lacan propôs o passe àqueles que quisessem se arriscar. Esta proposição gera debate. Ela interroga sobre suas apostas. Podemos nos perguntar se elas não dizem respeito ao saber na dimensão do horror – que pode ser percebido de forma vaga durante um tratamento –, esse insuportável, ponto final (*qui fait point de butée*), do qual nada podemos saber fora de uma análise, e a ausência de garantia dificilmente admitida que daí se deduz.

Aceitar testemunhar alguma coisa no enquadramento do dispositivo do passe contém certamente um risco, se assim não fosse alguns não se mostrariam tão prudentes a se engajar nele. É por medo de reiterar a experiência com este Outro com o qual se teve a experiência de que ele é falho, falha esta que remeteria a sua própria? A única

certeza que o passante teria, seria aquela de seu ato que o dispositivo do passe, havendo ou não nomeação, garantiria. Manifestamente isto não se dá de forma espontânea e permanece um ponto sensível, apesar do tratamento. No entanto, a manutenção do trabalho em uma escola, com o passe, é tentar sustentar um desejo vivo no interior da mesma.

Uma solidão “mais digna”

Carmine Marrazzo, Milão

I – Qual progresso?

O princípio formulado por Lacan em *Televisão* (1973): “quanto mais somos santos, mais rimos”¹²⁰ foi meu ponto de partida para interrogar a cifra “progresso”¹²¹ que está em questão para a psicanálise e dentro de uma psicanálise.

O fato de interrogar o “progresso” para a psicanálise implica em uma questão colocada sobre o estado dos laços sociais na época do “proletário generalizado”. Nessa reflexão, pareceu-me útil emprestar a tese de Pasolini articulando-a com as elaborações de Lacan sobre o discurso capitalista: o “laicismo das consumações”, escreve Pasolini nas *Lettres luthériennes* (1975)¹²², produziria um “desenvolvimento sem progresso” que destrói cada particularidade criando uma homogeneidade desumanizante. Lacan, ele mesmo, interrogava ao mesmo tempo o futuro da psicanálise: ele “depende daquilo que virá desse real, a saber, se os *gadgets*, por exemplo, sairão facilmente vitoriosos, se acontecerá a nós mesmos de nos tornarmos realmente animados pelos *gadgets*”¹²³. Ele acrescentou: “isso me parece pouco provável”¹²⁴.

A hipótese que tento articular é, portanto, a seguinte: se o real “não é universal”¹²⁵, se ele “não cessa de se repetir para entrar essa marcha”¹²⁶, então esse

120 Lacan, J. (1973). *Television*. In: *Autres écrits*. Paris, Seuil, 2001. p. 520.

121 Ibid.

122 Pasolini, P.P. *Lettres luthériennes*. Paris, Seuil, 2000.

123 Lacan, J. *La troisième*. Op. cit.

124 Ibid.

125 Ibid., p. 18.

126 Ibid. p. 17.

real é aqui o nosso recurso, pois sintomas singulares de gozo entram no desenvolvimento do discurso capitalista e se dão na cena do “mal estar da civilização” na qual, entretanto, são atualizados em relação às novas panes da “civilização do mal-estar”.

A reflexão compartilhada em Toulouse colocou a ênfase sobre a necessidade de distinguir o real que está em jogo. Necessita-se, antes de mais nada, diferenciar o real produzido pela ciência e suas aplicações técnicas do real que é próprio à psicanálise. O primeiro, o analista tem “por missão a ele se opor”¹²⁷. Mas como, *mécomment*¹²⁸? Pelo recurso que é próprio ao discurso do analista, o real que faz a singularidade própria a cada *fallasser*, tomado ao pé da letra, um por um.

II – Em direção a uma solidão “mais digna”.

A solidão enquanto questão inerente “àquele que fala enquanto tal” parece-me uma dobradiça possível para a articulação extensão-intensão da problemática: de um lado ela é um sintoma quase universal da modernidade, de outro, ela é experiência singular do psicanalisando.

A maneira pela qual a psicanálise trata esse real da solidão é irreduzível às outras práticas terapêuticas. Tento portanto isolar uma trajetória: a psicanálise leva em conta a *solidão de alienação* do “proletário generalizado”¹²⁹; o passo de entrada enquanto “retificação das relações do sujeito com o real”, marca uma *solidão de separação* e no mesmo movimento o ato do sujeito de assumir a responsabilidade comporta uma conquista a título de liberdade e desejo, pelo menos de liberdade de desejo.

O desejo de psicanálise insiste então enquanto opção: no passo que desde a entrada antecipa o fim. Os nomes pelos quais Lacan pode designar o fim da análise – e que Colette Soler indicou como uma série progressiva: *destituição subjetiva*, gaio s(ç)aber (*gay çavoir*), entusiasmo, satisfação de fim¹³⁰ – parecem indicar as maneiras pelas quais o psicanalisando terá tido a experiência, bem real, de uma solidão não mais

127 Ibid, p. 21.

128 Cf. Soler, C. “Le désir attrapé par...”. Prélude 17, VIII Encontro da IF-EPFCL: *Les paradoxes du désir*.

129 Soler, C. *Les affects lacaniens*. Paris, PUF, 2011. p. 34.

130 Ibid. p. 149s.

de alienação, não somente de separação, mas de uma solidão que diria “mais digna” e como tal respondendo às “negatividades da estrutura de uma maneira inédita e singular até a produção de um... incrível”¹³¹.

Cabe ao dispositivo do passe o dever de uma verificação desse “progresso” singular para o “progresso” da psicanálise e da civilização ao mesmo tempo.

O analista passante analisante. Diga, você faz o que?¹³²

Sophie Pinot
Tarbes, França

Tempo um. Propor-se para intervir na Jornada de Ecos de Escola. Escrever.

Tempo dois/deles (d’eux). Sustentar seu propósito. Não ler. Dizer.

Quais são os dois pontos que puderam animar minha apresentação no momento dessa Jornada em Toulouse?

De início, o título sob o qual inscrevi meu propósito: “o analista passante analisante”. Título que se impôs a mim e que deixa espaço ao equívoco, ao mal-entendido. Daquilo que se apresenta sem poder antecipá-lo, como responder a isso? O percurso de uma análise permite escutar a inutilidade de lutar contra aquilo que ressoa em si, sobretudo consentir com isso. Levar a sério este Outro que se apresenta... e mesmo confiar nele. O analista não sem analisando, é o analista que não pode existir sem o analisante. O analisante cujo analista pode apenas seguir o dizer. O analista sempre segundo, o segundo do analisando. Mas o analista passante analisante é também o enodamento do analisante, do passante e do psicanalista. O passante permitindo que um distanciamento exista entre o analisante e o analista, em se fazendo o lugar de um pequeno laço, um furo onde seu enodamento pode ganhar forma. Enodamento da saída à resultante dando novamente à posição analisante seu lugar primeiro, sem no entanto ser de fato o mesmo. O segundo ponto que pode animar minha apresentação me veio *a posteriori*. Levando a sério o equívoco e a associação livre, minha apresentação é também a maneira pela qual me fiz presente a esta Jornada “d’Ecos d’Escola”... Minha

131 Ibid. p. 112s.

132 *L’analyte passant analysant, Di tu fecoua ?* N.T.: escrita diferente de “dis, tu fais quoi”.

maneira de ser tal qual eu sou, tal qual eu falo. Questão de estilo e da maneira como cada um habita a linguagem.

Então, de uma análise à psicanálise, o que passa?

Percebo que não havia pensado minha intervenção a partir desta questão precisa, colocada para a mesa redonda à qual fui convidada a tomar a palavra. O que do saber oriundo de uma análise passa para a psicanálise? O que pode se transmitir desse saber? Uma psicanálise conduz a apreensão do modo pelo qual se nasce oriundo de um dizer, dizer do Outro amarrado à maneira de escutar do sujeito. A análise finalizada não se trata de encontrar saída a seu dizer. Saída nova em dizer inédito. Encontrar uma maneira de tomar a palavra de outra forma sem ser tolo (*dupe*) da parte mentirosa deste Outro na qual nos sustentamos. Não se necessita aí de desejo de nomeação? Desejo de nomear. Desejo de entrar na linguagem sem ter ideia alguma de onde isso pode levar nem do que isso possa produzir... como o bebê que se aventura a entrar na linguagem e a tomar a palavra pela primeira vez? Ato primordial perdido para sempre. Mas encontrar como articular o que vem do real não é o apanágio dos analistas. Numerosos são os artistas que fazem também do real, de *lalíngua*, do dizer, da voz, do olhar... o objeto de seu trabalho. Então, o que faz com que uma análise produza em sua saída o desejo de psicanálise? Pode ser este desejo, que outros possam experimentar, o efeito concreto produzido pelo encontro com a psicanálise.

O tempo que resta...

Fazer viver a psicanálise no campo social pela produção, não apenas de um sujeito que se sustente diferentemente na existência (mesmo se isso é essencial), nem pela produção de um psicanalista (mesmo que isso conte), nem pela produção de um saber (mesmo se ele excede o conhecimento)... Então, produção do que (*couac*)? Não de uma fórmula inteiramente feita. Um “sebemq” (*couac*¹³³), quem sabe... O índice de uma falha. Expressão de um desejo que se deduz de um dizer. Ficar à escuta desse dizer levado a sério, não é aí a posição analisante? Na produção de um desejo de saber nascido do intransmissível. E sustentar este impossível.

Lá onde sou, lá onde estou¹³⁴, outubro de 2015.

133 N. T.: Uma escrita diferente para uma nova escrita para “quoi que”.

134 *Là où je suis, là où j'en suis*

APÓS A MESA 3

Nadine Cordova Naïtali, (CIG Paris, AE)

“De uma psicanálise à psicanálise, o que passa?” Uma troca simples em torno de uma mesa, almoçamos. A manhã ressoa ... e a questão do ato se faz presente.

É a nossa vez de animar a última mesa redonda. Há uma liberdade de palavra e muita intensidade. Cada participante tenta dizer aquilo que o fez trabalhar. O debate continua e prepara o Encontro da Escola em Medellín. Há questões, testemunhos, trocas às vezes vivas, sobre a garantia... o passe.

E o futuro da psicanálise se diz e se tece aí, modestamente, através da experiência de cada um e as cores de cada língua. O tocante é a diversidade de conteúdos e essa “qualquer coisa” que insiste. Há atos que operam; cada um dá um eco deles...

Par analisando-analista, nós do tratamento, solidão mais digna, ato do fim são estas algumas palavras que marcam. Pergunto-me se o fruto de uma psicanálise não conduziria a uma diminuta garantia de viver sua vida, de se engajar um pouco mais dignamente porque um ato simplesmente atingiu seu alvo.

Quem teve essa ideia louca de um dia fundar a Escola... de inventar o passe?

Ofertas frágeis, fortes: um desejo de psicanálise.

Maria Luisa de la Oliva (CIG Madrid)

É a terceira mesa. A *Terceira* volta. Citada em todas as mesas e *Brèves* nesta Jornada de Toulouse e, além disso, no mesmo ponto do texto. Podemos nos perguntar: por que houve essa coincidência? “O sentido do sintoma depende do porvir do real, portanto, do êxito da psicanálise. [...] A essa, pede-se que nos livre do real e do sintoma, concomitantemente. Se isso ocorre, tem-se êxito com essa demanda, pode-se esperar qualquer coisa, a saber, um regresso da religião verdadeira [se a psicanálise tem êxito, se extinguirá até não ser mais que um sintoma esquecido [...] logo, tudo depende de que o real insista. Para isso, a psicanálise tem que fracassar”¹³⁵. E é que, essa invenção de Freud, a psicanálise, ampliada pelo ensino de Lacan, não tem o seu porvir garantido. Depende, entre outros fatores, do que nós, psicanalistas, fazemos dela, com ela. Por

135 Lacan, J. La Tercera. *Intervenciones y Textos 2*. Ed. Manatíal.

isso, é fundamental que nos interroguemos acerca das articulações da teoria e de nossa prática clínica, de que maneira podemos responder, e também a respeito das instituições das quais nos dotamos e fazemos parte. Esse é o interesse da Jornada de Toulouse, que ressoa com o tema que nos reunirá em Medellín no Encontro de Escola.

Muitas foram as perguntas que surgiram, que nos animam a continuar elaborando um saber sempre furado: a propósito da transmissão, de que maneira a transmissão permite que algo passe ou não passe? Como o futuro da psicanálise depende disso? O que se entende por se opor ao real? Com relação à unanimidade do cartel do passe, qual é o critério? Qual seria o ateísmo próprio que pode produzir uma análise? Por que há análises que terminam em uma posição contra a psicanálise?

Ainda que não haja garantia do porvir da psicanálise, a Escola, sim, pode garantir algo: por exemplo, que não há garantia. Uma análise pode chegar a esse ponto e alguns se animam a demonstrá-lo, o que tem efeitos subjetivos não só para aqueles que se arriscam a isso, mas também para a Escola em seu conjunto.

Colette Soler (Paris, CIG)

Aquilo de que particularmente gostei nessa última mesa é que foi possível ouvir a voz de cada um.

Nem sempre é o caso nos congressos porque as fórmulas de Lacan são tão conhecidas, já circularam tanto há tantos anos que se intercambiam como o que ele próprio chamava gentilmente, no início, de moeda corrente, e menos gentilmente, no final, de belos “fósseis”. O evoquei na discussão precedente, e é que ocorre no caso da passagem para o “desejo do psicanalista: sobre ele há unanimidade, e ele parece evidente no momento em que se diz psicanalista, quando na realidade sua evidencia se prestaria mais a ser esvaziada. Lacan jamais cessou de questioná-lo e marcar sua incompatibilidade com o eu (*Je*) da primeira pessoa.

Nessa mesa, ao contrário, nenhum discurso enebriante, e o tema “De uma psicanálise à psicanálise o que passa?” que solicitava especificamente a própria experiência certamente tem algo a ver com isso, nessa mesa cada um se lançou na lata, com um propósito inédito portanto, tal como “a solidão mais digna” evocada por Marazzo, o estranho “furo no saber” de que falava Irene Tuton, e esse “analista passante analisante” proposto por Sophie Pinot. Vejo aí um sinal de autenticidade, e era o que

Lacan buscava como primeira garantia com seu passe¹³⁶. Não me refiro à contribuição de Eva Orlando porque ela falava por um cartel o que, no nível da enunciação, é um exercício bem diferente.

Leitura de um trecho de Freud e de Lacan

Sigmund Freud, 1909. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos – O pequeno Hans*.

“Naquela tarde, pai e filho vieram me ver em meu consultório. Eu conheci já a graça de homenzinho e, com toda sua segurança ele estava tão gentil que a cada vez eu tinha prazer em vê-lo. Não sei se ele se lembrava de mim, mas ele se comportou de modo irrepreensível e como um membro perfeitamente razoável da sociedade humana. A consulta foi curta”.

Jacques Lacan, 1953. *Função e campo da fala e da linguagem*.

Não diríamos tanto, se não estivéssemos convencidos de que, ao experimentar num momento de nossa experiência, chegado à sua conclusão, aquilo que foi chamado de nossas sessões curtas, pudemos fazer vir à luz num dado sujeito masculino fantasias de gravidez anal, com o sonho de sua resolução por cesariana, num prazo em que, de outro modo, ainda estaríamos escutando suas especulações sobre a arte de Dostoievski.

Aliás, não estamos aqui para defender esse método, mas para mostrar que ele tem um sentido dialético preciso em sua aplicação técnica (p. 316). [...] Pois ela só rompe o discurso para parir a fala.

Eis-nos, pois, acudados contra o muro, contra o muro da linguagem. Estamos em nosso lugar, isto é, do mesmo lado que o paciente, e é nesse muro, que é o mesmo para ele e para nós, que tentaremos responder ao eco de sua fala (p. 317).

136 Lacan, J. Conférence de Genève, 1975. Le Bloc de note de la psychanalyse, n. 5, p. 9.

As Brèves¹³⁷**Do agalma ao *litter*¹³⁸ e ao impossível.**

Cecilia Randich, Maria Claudia Dominguez, Alessio Pellegrini
Trieste – Italia

Na Proposição de 1967, Lacan estabelece que a Escola deve se ocupar do começo e do fim da análise. Entre esses dois pontos de ligação, há um percurso de “densas sombras”, do qual pode resultar a passagem do analisante ao analista¹³⁹.

A propósito dessas “sombras” nas quais tropeçamos no discurso, diferentes sombras para cada um, enquanto sujeito, mas também compartilhadas nos percursos institucionais e epistêmicos, a questão que se coloca é: o que é que nos mantém unidos, juntos, apesar de tudo, enquanto membros da Escola? É de fato suficiente dizer que é preciso tolerar o narcisismo das diferenças, ou mesmo a falta de rigor, em favor do “politicamente correto”? Qual é a política da Escola para atrair o desejo em direção à psicanálise?

O analista que chega ao fim de análise é aquele que encontra, no *litter*, o desejo do analista. Entre aqueles que chegam aí, somente alguns desejam testemunhá-lo.

A respeito do passe, durante o Encontro de 2014, em Paris, Ana Martinez nos lembrava as três condições necessárias para que haja uma nomeação¹⁴⁰. As probabilidades de que todas as três sejam verificadas são fracas. Uma questão se impõe: isso se deve à estrutura do dispositivo, ou ainda há um problema de política no interior da Escola? Os membros do Cartel, como eles entram em acordo: por unanimidade, pela maioria ou pela ausência de ao menos um que se oponha?

137 N.T.: *Brèves* é um termo jornalístico. No inglês, temos a expressão "brief news", que em português seria o equivalente a boletim de notícias, plantão de notícias, ou um informativo jornalístico que transmita brevemente, informando, as principais notícias do dia. Não temos uma única palavra ou expressão em português.

138 N.T.: *litter*, resíduo em inglês, lixo.

139 Lacan, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 252: “Nossos pontos de junção, onde têm que funcionar nossos órgãos de garantia, são conhecidos: são o começo e o fim da psicanálise, como no xadrez”.

140 *Wunsch 2014*, p. 13 <http://www.champlacanien.net/public/docu/3/wunsch14.pdf>

Colette Soler¹⁴¹, comentando a dita “desonra” dos passadores¹⁴² da *Nota Italiana*, diz que, afinal de contas, o passador não demanda nada, ele é designado, e ele pode até mesmo ser mal designado, e tal desonra poderia ser atribuída aos AMEs. A propósito desses últimos, Lacan diz, na *Conferência de Genebra* de 1975, que esses analistas *experts* já sabem tanto que eles poderiam **mesmo** ter esquecido a razão pela qual eles se incumbiram dessa função. Nessa mesma conferência, Lacan diz: “Isso aconteceu inclusive comigo¹⁴³”. Portanto, o que é que acontece? Para onde vai, onde desemboca o desejo de psicanálise? É fundamental colocar no centro do debate as questões referentes ao passe, na condição de que a Escola possa se servir de tais questionamentos.

Lacan assinala, na *Proposição*, três pontos de fuga ou derivas “heterotópicos”¹⁴⁴, isso quer dizer, desvios nos quais o desejo de psicanálise pode acabar terminando num outro lugar. Nós observamos que esses desvios correspondem à imobilização em um discurso diferente do analítico, cuja consequência são as hierarquias. O dispositivo do passe compensa a ausência de garantia, dado que não há Outro do Outro. Por esta razão, nós nos debruçamos sobre a necessidade de encontrar uma lógica democrática que o sustente¹⁴⁵.

Sobre a Escola na Itália, nós perguntamos: depois de quatorze anos do nascimento da ICLES, podemos dar conta das recaídas da Escola? Verificou-se que o desejo de psicanálise pôde se confundir facilmente com a demanda de um diploma e de aplicações técnicas “psi” (filosofia, instituição etc). Para atender a uma demanda da lei, não estamos nos arriscando a perder de vista o desejo?

Portanto, o que significa, atualmente, fazer-se responsável pelo discurso analítico? Estar no discurso analítico implica ter cingido o real, para cada um, o seu real. Deveria ser o impossível, uma bússola para a Escola – *missão impossível*?

Lacan diz que diante da impotência somos todos irmãos¹⁴⁶. Constatamos a necessidade de unir forças diante das dificuldades crescentes de nossa época:

141 Soler, C. Comentário da Nota Italiana. *Quaderno di Praxis di Psicoanalisi* n.9, 2014

142 Lacan, J. *Nota Italiana*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 313: “Isso é o que o meu ‘passe’, de data recente, muitas vezes ilustra: o bastante para que os passadores se desonrem ao deixar a coisa incerta, sem que o caso caia no âmbito de uma declinação polida da candidatura”.

143 Lacan, J. *Conferência em Genebra sobre o sintoma*. “Bloco de notas da psicanálise”. No 5, p. (15).

144 Lacan, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. Op. Cit., p. 261.

145 Wunsch 2014, p. 15 <http://www.champlacanien.net/public/docu/3/wunsch14.pdf>

dificuldades sociais e obstáculos opostos à psicanálise. Fraternidade a ser entendida como essa dos seres falantes, “assujeitados ao discurso analítico”¹⁴⁷, enquanto existente aos outros discursos. Não há saída para cada um se não há saída para todos, cada um tomado um por um.

O sujeito que erra pelo mundo

José Monseny, AME da EPFCL
Barcelona¹⁴⁸

Gostaria de lhes participar uma dificuldade com a qual me deparo em minha prática, uma dificuldade que vem se repetindo há algum tempo de forma tão frequente, que pareceria colocar em evidência uma dificuldade sobrevinda ao analista por algum efeito do decorrer de sua vida. Entretanto, a interrogação da responsabilidade própria do analista não exclui que essa problemática possa ser compartilhada com os companheiros naquilo que é uma das finalidades fundamentais de uma Escola, constituir uma comunidade de experiência.

Nos últimos anos, é cada vez mais frequente que a dificuldade de entrada em análise esteja, para muitos sujeitos, ligada à mobilidade que se supõe que o sujeito moderno deve assumir como uma das marcas normais de sua vida e de sua carreira profissional. Para muitos jovens e até algumas pessoas mais velhas que vêm à análise, está no horizonte mais ou menos próximo, no próprio momento de sua demanda, uma viagem, de maior ou menor duração, ao exterior.

E isso ocorre sem que se dêem conta do fato de que é contraditório vir começar a fazer um processo de mudança e planejar, simultaneamente, deslocamentos longínquos e duradouros. De saída, então, coloca-se a necessidade de reverter, contra o relógio, essa tendência que constitui uma dificuldade primordial para uma entrada em análise. Interessa-me destacar a dificuldade atual dessa nova modalidade. Ainda que seja óbvio

146 Lacan, J. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 206.

147 Lacan, J. *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*. IN: *Outros Escritos*, op. cit., p. 552.

148 “Estamos governados pelos planetas do mesmo modo que as agulhas do relógio se movem por ação das engrenagens e dos pesos” John Aubrey de la Royal Society (defensor da Astrologia).

que toda entrada em análise se dê sobre um fundo de ambivalência, essa dificuldade vem redobrada por traços culturais e ideais da época.

Proponho-lhes, então, três eixos de reflexão e também uma vinheta clínica para pensar tais dificuldades.

Em primeiro lugar, o que influi é a tendência geral da pós-modernidade de conceber o amor como algo caduco, desprovido da dupla condição de algo que exige ao sujeito um esforço e que deve ser pré-concebido como duradouro. Nem um nem outro são valores da sociedade atual.

Por outro lado, existe a ilusão de uma sincronicidade mundial, pois a internet fornece uma ilusão de não separação, que mascara o real da separação. Alguns desses sujeitos propõem, com toda naturalidade, dar continuidade à análise por Skype. Não nego que, em uma separação curta, uma sessão possa cumprir uma função pontual. Mas, um processo analítico a longo prazo é impossível. Como dizia Freud, não é possível fazer uma análise “*in absentia* ou *in effigie*”, o que também revela, de forma bem clara, que a análise, por mais que seja uma experiência de fala, é não menos um acontecimento de corpo.

Esses possíveis analisantes não desconhecem a oposição entre distância e amor, inclusive o de transferência. Um filme recente, *10.000 Kms*, expõe com clareza a experiência de muitos sujeitos modernos cuja errância geográfica se opõe ao amor.

Finalmente, e com base no exemplo que lhes vou expor, deveríamos levantar a hipótese de que uma mudança do sujeito moderno em relação ao saber modificou a topologia dessa relação. Dizia Lacan que Freud havia deslocado a constelação significante do “universo” das estrelas para o “interior” do sujeito, de quem se esperava informações através de seus sonhos, lapsos, chistes... e pelos efeitos induzidos pela associação livre. Por acaso, tais constelações não estão se deslocando, novamente, em direção “ao exterior” na sociedade atual? A estrutura topológica em *cross-cap* desse *a-universo* nos permite saber quão reversível é essa noção dentro-fora. As pessoas voltam às “saborias antigas” ou projetam em uma cartografia geográfico-linguística os canteiros significantes que traçam seu destino. É como um novo nomadismo.

Estudantes que vão a Harvard, ao MIT, profissionais que se deslocam segundo uma rede de destinos marcados pela suposta prosperidade econômica... – não falo somente das migrações clássicas dos desherdados, falo da fluidez dos deslocamentos de

sujeitos com boa situação. Sujeitos para os quais os laços amorosos, afetivos e de pertença a um lugar contam relativamente pouco em relação a uma trajetória profissional, sujeitos que não têm preocupação com o sentido da vida, o que, em alguma medida, deveria importar para alguém que inicia uma psicanálise.

Lacan nos ensinou que, quando surge uma nova verdade (eu leria *a posteriori*: causa), não é preciso somente dar-lhe um lugar, mas também que o sujeito precisa ocupar seu lugar nela. Parece que muitos jovens têm um rechaço decidido a ocupar um lugar na causa analítica, quiçá como efeito de um fenômeno mais geral, como o indica, por exemplo, uma menor tendência à militância. Porém o mundo, quando o sujeito não se esforça estar *a-mundo*, corre o risco de se transformar em *i-mundo*, para ele. Daí, ao fastio e à fadiga, há apenas um passo.

Tradução: Ingrid de Figueiredo Ventura
Revisão: Maria Cláudia Formigoni

Ab-sentir um desejo de psicanálise

Ivan Viganò, Milano, Italia

O que leva a uma análise senão um desejo?

O que leva ali? É sempre algo que não anda, mesmo que mais não fosse um pequeno sotaque que se desloca de um *i* minúsculo para um *a* minúsculo. No “meio, sente-se afundar no oceano, Atlântico nesse caso. Se se está sobre a margem de cá, falta-lhe a outra. E, se está na outra, falta-lhe a primeira. Divisão que não se pode satisfazer do Outro. No meio, o sonho de uma ilha a qual não existe, na qual se poderia permanecer criança sem afrontar a relação sexual que não se escreve. A psicanálise, em primeiro lugar, fala disso, mais além da recusa e das objeções que se estabelecem. O que, então, do início, passa à Escola? O que de uma análise leva à psicanálise?

Em outros termos mais singulares, o que aconteceu com meu sotaque? Posso dizer que já não concerne somente ao nome recebido ao nascer, aquele que o Outro quis. Desde então e até hoje, houve uma análise, mas é suficiente enquanto experiência de tratamento?

Que se escute “*au-sentir* um desejo de psicanálise”. Acentuar, aceitar, assentar um desejo de psicanálise, sendo o sotaque justamente aquilo que, do sintomático, me levou à análise. Graças à riqueza da tradução e dos jogos de *lalíngua*, o sotaque pode

devir no *abc*, o *a-cento*, o *a-senso*, um sentir referido ao desejo e à sua causa, que é justamente *a-sentir*, dizer que sim.

Dizer sim ex-siste ao discurso, é a entrada. Pode-se evitar esse ponto de partida ex-sistente ou assumir o risco. Em outros termos, é um salto, um salto que pode ser *evita-mento* do risco ou outro que pode ser de *atravessa-mento*. De que modo se diz sim à Escola? A partir do fracasso de um sotaque, que au-sente... Fiasco. Em italiano, a palavra não vinha, dando lugar, via *lalíngua* materna, ao espanhol e a seu “fracaso”, que, em italiano, faz sentir o rumor do fragor e do ruído. Mas, o que fracassa? Falha que, em todo caso, ilumina o ponto de impossível do discurso.

E assim chego a um recente cartel intitulado “A Escola entre os discursos”. A Escola, como campo, estende-se e escuta-se em um discurso? Que característica teria esse hipotético discurso? Dado que – como diz Lacan – não pode ser se não “hipotético”¹⁴⁹ e em negativo; um discurso que não fosse do semblante não poderia ser, já que “não há discurso que não seja do semblante”.

Então, o que é que diferencia um analisante que histeriza o discurso corrente de um analisante de Escola?

No discurso analítico há um S_1 como resto e produto, marcas de gozo que podem dar, finalmente, satisfação, mas com *a condição do passe*¹⁵⁰. O analisante de Escola – somente ele? – toma a palavra com essas marcas, com esses restos que fazem sentir sua presença de saber, mas como gaio saber. Se houve queda do sujeito suposto saber, é daí que começa a “verdadeira viagem” como marca de escrita – poema assinado? - “que se escreve apesar de ter o aspecto de ser sujeito”¹⁵¹.

O poema é ritmo que se escuta. No ritmo pode-se encontrar algo que faça surgir uma espera de sotaque: é a síncope. Não altera propriamente o ritmo, mas o peso e a queda do sotaque que desloca: é sem garantia. O “leitor”, se escuta, põe aquilo que é seu; em efeito, um escrito é lido por cada leitor com seu próprio sotaque: ele pode, ele deve.

149 Lacan, J. *Il Seminario, Libro XVIII, Di un discorso che non sarebbe del semblante* (1971), Torino, Einaudi, 2010, pag.13.

150 Cf. Soler, C. *Les affects Lacaniens*. Paris, PUF, 2011.

151 Lacan, J. *Prefazione all'edizione inglese del Seminario XI* (1976), in *Altri scritti*, Torino, Einaudi, 2013, pag. 564

Finalmente, a síncope como pequeno salto: deslocamento da queda do sotaque rítmico da cadência. Salto não contado como ponto de partida dos giros que se pode fazer em um anel que delimita o campo. Função menos um de grau zero. É preciso um ponto não necessário que caia sem se contar: essa vez, o sotaque reduzido ao osso, a um *sim* somente, assentimento que vem a seu posto sem outro deslocamento.

Em espanhol, como em diversas formas de derivação latina, o lugar é o “assento”, e a etimologia de “assentimento” e de “assento” se reencontram no *sedere* de um ponto de fixidez (que é também da sessão) e que se encontra também no *laps*.

É isso um eco de Escola? Se sim, é interessante não tanto o escutado, mas o escutar aqueles que, um a um, leem esse eco com seu *a-cento*: são eles os companheiros de viagem. E é assim que, em um cartel, *a-través* do cartel, é melhor estar só e bem desacompanhado.

Versão do espanhol: Maria Cláudia Formigoni
Revisão a partir do original italiano: Ana Paula Pires

Lucile Cognard, Bruxelas, Bélgica.

Eu quis intervir para fazer ouvir na Escola a voz de um psicanalisante que não pratica, para situar entre os dois termos extremos do título da Jornada: “uma psicanálise... a psicanálise”, enquanto a voz de alguém que oscila entre ambos: a transferência com seu analista e a transferência com a Escola.

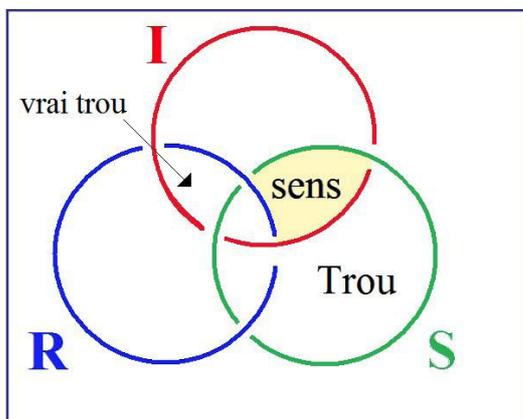
Primeiramente, eu quis apontar que é tentador reportar a transferência com o analista em direção à Escola, quando os gozos de sentido se desvanecem sessão a sessão. Vejam como eu expliquei isso: lá onde a investigação de sentido dos sintomas não é mais atraente, o analisante procura o gozo do sentido no discurso da psicanálise. Mas isso nada muda em relação à estrutura do sujeito: seu ideal, suas inibições, seus sintomas, suas angústias, possuem sempre a mesma função. No horizonte, a perspectiva do ato continua em suspensão e a Escola não o vivifica.

Eu me questionava se poderia haver, para um analisante, uma tomada de palavra autêntica que ajudasse a pensar a psicanálise e eu esperava que o furo cavado pelo dizer de Lacan pudesse dar chance a esta palavra, graças à identificação participativa.

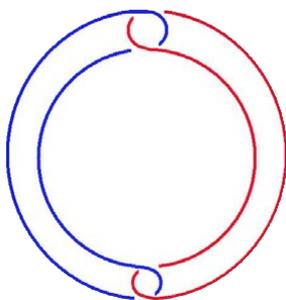
Parecia-me que na base de certos laços da Escola, havia esta identificação, também dita histórica ou de terceiro tipo. Em 6 de maio de 2015, Colette Soler explicava como esse tipo de laço estrutura as novas associações militantes: para que a identificação participativa agrupe, é preciso um *médium*. O médium é um Outro barrado e marcado por um desejo: no caso dos residentes de Freud, é o homem; no caso das associações assistenciais, o bio-poder do Estado impotente. A identificação se faz pela falta do desejo desse Outro; cada um faz sua possibilidade lá onde esse Outro é barrado, para manter seu próprio desejo e aquele desse Outro.

Para os laços de Escola, eu me perguntava: quem faz o *médium*? Com qual falta se faz a identificação? Isto me conduziu a explorar as noções de verdadeiro furo e falso furo.

Na lição de 13 de abril de 1976, vemos que o verdadeiro furo se fixa graças à invenção do nó borromeano. Ele está localizado entre real e imaginário, distinto do simbólico: lá onde não há Outro do Outro (o esquema demonstra que o real não tem sentido).



Lacan comenta: “Ele pode ser isso a que o reduzi, sob a forma de questão, a saber, ser apenas uma resposta à elucubração de Freud”. Lacan sugere que tal invenção faz *sinthoma*. Seu interesse reside no “forçamento de uma nova escrita [...] e também é forçamento de um novo tipo de ideia¹⁵²”.

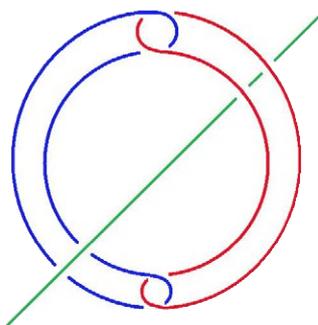


Lacan introduzia, na primeira lição sobre *O Sinthoma*, a noção de furo verdadeiro, em oposição ao falso furo:
O falso furo é o que faz o sujeito. Lacan o representa amarrando juntos a consistência do inconsciente (S) e do

152 Lacan, J. O Seminário, Livro 23: *O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p.127-130.

sintoma. É preciso ressaltar que é amarrado da mesma maneira que uma fivela de cinto que pode se desamarrar, e é por isso que dizemos falso furo.

O verdadeiro furo: é quando passa alguma coisa por esse furo. Lacan o representa, então, com uma reta infinita: o cinto não pode mais se desamarrar. O fato de



passar para três consistências permite portanto, fixar o verdadeiro furo; o borromeano permite interrogar o que faz *sinthoma*.

Na data de hoje, em seguida aos ecos dessa Jornada, minha questão permanece aberta. Fato é que um analisante nem sempre passa a analista, a se conceber aqui, ao que me parece, enquanto *sinthoma*¹⁵³.

O trabalho da língua

Marie-Laure Choquet
Rennes

Se a psicanálise é viva, ela se inventa e se cria a partir da clínica. Como os sujeitos que encontramos fazem a psicanálise viver, convidando-a pelos caminhos “fora de código”? E não cabe a nós nos ensinarmos através disso?

As perseguições, a tortura ou a guerra constituem pontos de ruptura na adesão do sujeito à *Weltvertrauen* da qual fala Imre Kertész, a “confiança afeiçada ao mundo”. Frente a um real inassimilável, o sujeito vacila em sua língua e no seu ser. Muito longe do trauma fundador que constitui o sujeito como *falasser (parlêtre)*, o registro da efração traumática (*tiquê*) lhe cai em cima. Esse ponto de esvanecimento do sujeito não deixa de fazer eco ao trauma fundamental, como se este fosse aí reativado de algum modo. Não apenas a língua, no sentido do idioma é atingida, mas o sujeito não encontra mais um modo de se representar na cadeia. Podemos falar de exclusão do sujeito em sua língua, um “fora-eu”, deixando o sujeito fora do semblante? O atentado à língua

¹⁵³ *Ibid.*, p. 131.

concerne aquela na qual ele estava constituído e que se despedaça. Como, tomando a palavra, ele vai enodar novamente com sua condição de sujeito?

A psicanálise visa o mais-além do sentido, fazendo ressoar o mal-entendido, nas múltiplas facetas do significante e na relação do significante com o corpo. Quais são, então, as coordenadas de um dispositivo no qual os dizeres do sujeito só nos chegam via um outro, um intérprete, passador de palavras de uma língua à outra? A atenção destinada ao trabalho da língua em tais circunstâncias mostra que o sujeito, tensionado entre dizível e indizível, cria um espaço para inventar sua liberdade.

Eu recebo M.D. com uma intérprete. Suas palavras me parecem sem sentido, mas não sem intenção nem sem endereçamento. No desligamento (*déliasion*) traumático, o sujeito parece destacado, quase solto. Agredido violentamente, ele testemunha sua submersão: “*Eu não sou mais nada. Eu estou enterrado na areia. Eu estou perdido*”, e passa por momentos de grande sofrimento, de *Hilflösigkeit*, de ter caído do mundo. Na sessão, a intérprete se põe a rir; desculpa-se, não se controla e ri novamente. Alguma coisa circula, então, que não passa pelo sentido: é o tom que M.D. utiliza. Surpreendentes são os efeitos desse riso, que pareceram arrimar novamente o sujeito, enlaçá-lo. Posteriormente, ele retoma as rédeas, construindo por pequenos toques em torno do mistério de sua existência, por um lado, e de outro, pelo inominável do olhar da morte e do sexual. Ele retoma igualmente a voz, enquanto consistência, insistindo na ocasião: “*eu me atenho à minha voz!*”. Ter a voz, desprovida de todo suporte de sentido, faz ponto de existência para o sujeito. O que não se traduz revela o sujeito: no tom, e sustentado pela voz. A voz é aqui, enquanto objeto pulsional, o que porta o sujeito, o suporte de sua falta a ser, e que o situa, entretanto, como existente de uma maneira única, de ser na língua.

Retorno sobre minha intervenção

Olivier Larralde
Oloron Sainte-Marie, França

N o *a posteriori* da Jornada, após reflexão, amarração de diversos significantes, discussões, eu saliento cinco pontos:

1- Dizer o efeito que teve sobre mim a redação em si mesma dessa intervenção, de revisitar não somente meu tratamento, mas meu percurso na psicanálise e na Escola. Ver o caminho percorrido, os efeitos em minha vida. Eu não sei exprimir o suficiente o efeito muito euforizante.

2- Quanto ao assunto de minha questão: porque eu fui poupado pela angústia, e a resposta de Kierkegaard: somente os idiotas são poupados – o rir na sala!. Seguramente que eles teriam razão de rir – eu mesmo rio nesse momento. Mas eu gostaria de precisar que não se tratava de vaidade, de uma citação pedante, de ar esnobe, como dizia kikigad (*keukeugâd*), vejam vocês... naquele momento isso não me fez rir de jeito nenhum, era antes uma ferida, e em um momento crítico de minha análise, em seu começo, com um *acting out* que quase me custou muito caro. Bem, é possível que eu ainda seja um idiota, ao menos eu estou prevenido.

3- Dentre os significantes que eu pude pinçar referente ao fim do tratamento, que é uma de minhas questões, aquela do “nevoeiro” me interpelou. Não efetivamente algo do que desfocar... Isso me evoca como a física descreve mais de perto as partículas, que não são mais do que um nevoeiro estatístico. Alguma coisa que evoca o impossível a saber de Lacan, ou a nuvem de não conhecimento da Idade Média. Eu me permito aqui de homenagear um mestre, a saber, o inultrapassável (para mim) Espinoza, que me permitiu compreender as consistências, ele que lutou contra o dualismo cartesiano, para uma visão unificante da realidade, mas aqui as palavras faltam para designar esse Janus, as duas faces da mesma coisa, e que me parece ser uma pré-figuração da hipótese de Lacan. Está dito!

4- O que conduziu meu percurso na psicanálise à minha atividade de médico? Não é grande coisa e de fato é muito, ao mesmo tempo, uma orelha um pouco advertida e o fato de saber endereçar os pacientes que parecem poder se beneficiar de uma escuta psicanalítica, senão de uma análise. A prática médica é muito diferente da prática analítica, a escuta se situa em um nível diferente (a outra cena), as palavras escutadas sobre um modo diferente, o objetivo almejado, e sobretudo a demanda são diferentes, e não se trata de encontrar uma atitude “entre dois”.

5- Quanto à minha declaração sem ambiguidade de não ter o desejo de SER psicanalista, ela surpreendeu mais de uma pessoa, conforme me disseram no intervalo. Marc Strauss, em particular, talvez enquanto médico, e que me fez a gentileza, sem bajulação, de achar que eu me virava bem com os conceitos lacanianos. Eu tenho múltiplas razões para esta recusa, as quais me disseram que não eram as melhores, com o que concordo mais ou menos. Eu tenho sessenta e cinco anos, e parece-me que seria um pouco tarde ingressar em uma carreira, mesmo em poucos anos, e eu não estou

pronto para isso nesse momento. Por outro lado, faltam cruelmente médicos acupunturistas, de fato, uma espécie em vias de desaparecimento em médio tempo, e como tal eu pertenço a uma espécie protegida... Parece-me que eu ofereço inestimáveis serviços em minha função, mais do que como psicanalista, esta profissão que não está ameaçada de carencia. Péssimas razões? Talvez sim, talvez não. Em contrapartida, o desejo DO psicanalista me interpela, e é bem mais complicado... Ele se decide? O fim da cura, se vamos até o fim do “percurso”, não estaria condicionado ao nascimento desse desejo? *Wait and see...*

APÓS AS **BRÈVES**

Brèves de Escola

Martine Menès, (CIG Paris)

A *brève* é um estilo jornalístico que visa fazer passar em um texto curto, muito curto mesmo, em algumas frases, uma informação concisa, sem título e, no entanto, essencial, referente à atualidade imediata. Esse objetivo, as **Brèves de Escola** convergiram sobre um ponto convergente, passando relatos, entretanto bastante diferentes. Relatos, não exposições, onde cada um estava presente em sua fala. Esse ponto diz sobre a importância de um lugar engajado, discreto, mas responsável, para nossa Escola presente, tanto nos percursos singulares de cada um em relação à psicanálise, quanto na preocupação compartilhada de manter a possibilidade do discurso analítico, no e a partir desse lugar epistêmico e clínico que é a EPFCL.

Assim, as **Brèves de Escola** propuseram testemunhos, não sem um certo humor, nem mascarando a seriedade desses percursos que, apesar de serem solitários, todavia conduzem ao solidário. Até expandir o campo da análise para além dos limites de sua aplicação, onde ainda assim, a orientação psicanalítica guia os clínicos.

Também, Ecos de questões de Escola, onde a curiosidade prioriza uma atmosfera de honestidade, abertura que fornece uma rara imagem de nossa comunidade, precisamente em sua atualidade.

A Escola para edificar, interrogar, garantir a psicanálise, onde possamos, ao mesmo tempo, estar sozinhos e acompanhados, não somente frente à subjetividade da época, mas também frente às nossas subjetividades particulares.

É o que eu retenho hoje, das *Brèves* de Toulouse.

Tradução: Leonardo Lopes
Revisão: Ana Laura Prates Pacheco

Brevidade da psicanálise?

Maria Teresa Maiocchi¹⁵⁴
Colegiado Internacional da Garantia

Gosto muito dessa ideia das “Breves” que visam 'dizer o essencial', visam portanto que o dizer escutado permaneça um pouco menos esquecido... os cinco minutos nos quais a vida não cessa de se precipitar são muito lacanianos... 'Ainda cinco minutos' diz a criança ligada em seus brinquedos, cingindo nesse curto tempo tão próximo do término o que diz respeito ao máximo de sua satisfação perdida.

A precipitação do inconsciente, a saída dos prisioneiros, o a posteriori que faz do real trauma, o a na função da pressa, o tempo instantâneo da de-cisão, corte que fere, a urgência da entrada pelo sintoma e aquela da saída pela satisfação, o sujeito sempre feliz... toda a fantasmagoria do tempo em Lacan, o tempo como ético, que vem do tempo do corte curto da sessão, o tempo necessário que falta, nos diz que é preciso ser levado em conta, fazer dele caso especial, porque o tempo que temos é justamente o que não temos, o tempo sempre é breve... Sempre rompido, como o quer sua etimologia. Entre a tartaruga e Aquiles... '*festina lente*'¹⁵⁵ a sabedoria clássica dá o sinal no qual os dois lados do oxímoro não têm o mesmo peso, pois é a pressa que já disse, que já terá dito a última palavra à lentidão da espera, do *da* suspenso no gesto de seu *fort*, que bate com a trajetória contingente do lançar para fora.

E então – pela via de uma brevidade que é ética – como passar dessa *pressa* ao *ato*, fazer entrar no “lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontrar-

154 Milão, Itália.

155 Oxímoro latino que significa "apressa-te devagar". Oxímoro é uma figura de linguagem que consiste em relacionar numa mesma expressão ou locução, palavras que exprimem conceitos contrários. N.T.

se é ter saído para valer, ou seja, não ter tomado essa saída senão como entrada, e não é uma qualquer, já que se trata da via do psicanalista¹⁵⁶.

Eis porque, para o que diz respeito ao desejo *de psicanálise*, para ser tomado, dito de outra maneira, desejá-la ou fazer desejá-la, as ferramentas utilizadas – a avaliar sem nenhum preconceito no só depois – são todas preciosas, assim como as contribuições dessa seção podem mostrá-lo, cada uma de seu jeito, quer dizer, na contingência própria a cada invenção: da síncope de um nome (no que foi salientado por Ivan Viganò) em outra língua, outro lugar (de Marie Laure e José), da topologia na tomada da palavra por Lucile, ao encontro imprevisto, faltoso ou imprevisto, com o discurso analítico (de Cecilia, Claudia, Alessio, Olivier...). Pois trata-se *para cada um de nós*, analisantes de Escola, de nos fazermos responsáveis pela gestação de um fracasso – que é seja próprio à psicanálise – de um futuro “que [nos diz Lacan] é pelo menos daqueles que eu formei”¹⁵⁷.

Como fazer ato, ainda, passado o tempo da argumentação, o tempo da razão, de vencer e de con-vencer (o que, aliás, não convém à psicanálise)? Eis onde o parentesco entre brevidade e ato mostra toda sua importância, pois o e-sujeito da internet, googlisado e sem tempo para lembrar, é mantido a-sujeitado da fantasia e LOM¹⁵⁸ de sua *lalangue*. Apesar de a *latusa* nos invadir, cabe a nós encontrar a flecha que almeja seu coração vivo.

RELATÓRIO DA JORNADA ENTREGUE DEPOIS, PELOS RESPONSÁVEIS: ANNE-MARIE COMBRES, NADINE CORDOVA-NATAÏLI, MARIE-JOSÉ LATOUR:

Ecossistema, Toulouse, sequência.

O sério e a leveza que presidiram a Jornada de 26 de setembro de 2015 em Toulouse (França) ainda ressoam para muitos dos que puderam estar presentes.

Como nossos colegas americanos (“A Escola de viva voz”, em 28n de agosto de 2015, em Buenos Aires), os membros europeus do Colegiado Internacional da Garantia

156 Lacan, J. Discurso à EFP (1967). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2003. p. 270.

157 Lacan, J. O engano do sujeito suposto saber (1967). In: *Outros escritos*. Idem, p. 339.

158 Equívoco em francês, *l'homme*, o que em português seria UOME, o homem.

propuseram uma Jornada preparatória para o Encontro de Escola que acontecerá dia 14 de julho de 2016 em Medellín, sobre *O desejo de psicanálise*.

O título da Jornada, “Uma psicanálise, psicanalistas, a psicanálise” e sua forma, privilegiando a fala e o intercâmbio, suscitaram numerosas propostas que vieram de muitos fóruns (França, Espanha, Itália, Bélgica). A quantidade delas impediu que as aceitássemos todas, sentimos.

No entanto, pudemos escutar mais de trinta colegas que testemunharam sobre a viva experiência analítica. Como cada um sabe, o vivo implica uma certa desordem. Assim, Camila Vidal (última Analista da Escola nomeada, em 2015) o indicou na abertura, para aquele que quer sustentar a hipótese do inconsciente, da confusão é preciso responder.

A topologia particular da relação analítica nos conduziu a fazer idas e vindas, *10000 km*, entre o desejo que empurra para *uma* psicanálise e aquele que passa à psicanálise. Fórmulas singulares vieram amarrar, tornar mais gaio o modo como cada um, analisante e analista, responde sobre o que faz do saber advindo da experiência do tratamento e do que sustenta a presença da psicanálise no mundo. Teremos ocasião de encontrá-los ou descobri-los ao longo das publicações e dos trabalhos que não faltarão na sequência.

Encontrar em nossa Escola o que nos regozija na psicanálise é, certamente, o que pode servir a ela. Obrigados a cada um pela contribuição com o sucesso dessa Jornada e até daqui a pouco, em Medellín.

V ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCOLA

Ele acontecerá dia 14 de julho de 2016, em Medellín, na Colômbia, antes do Encontro Internacional da IF, dias 15 e 16 de julho.

O CAOÉ e o CIG 2014-2016 organizarão o programa.

Na véspera, dia 13 de julho, de 16 às 20h, o terceiro Simpósio sobre o passe reunirá os três últimos CIG e os secretários do passe correspondentes, os passadores que foram escutados pelos cartéis desses CIG, para uma reflexão sobre o funcionamento do dispositivo.

O Desejo de psicanálise.

Apresentação do tema.

Colette SOLER

O desejo de psicanálise, de onde ele vem?

Meu objetivo com esse título foi de refletir sobre o lugar do passe na Escola e sobre os efeitos desse lugar. Passe e Escola são, com efeito, solidários, mas distintos.

O passe, dele Lacan deu a finalidade, nós a retomamos dele, o desejo do analista é nele interrogado e ele visa, conforme os próprios termos de Lacan, a garantia do analista. Ele coloca, portanto, na berlinda, os colegas que têm necessariamente uma longa experiência de análise, sejam eles passantes ou passadores. Isso, sem obrigação, não necessariamente para todos, Lacan repete.

A Escola é outra, ela é para todos os seus membros, mesmo os não praticantes se os houver, e também aqueles que trabalham em instituição e, igualmente, os analisantes que acabam de chegar na psicanálise e ainda não têm nenhuma ideia sobre onde ela pode levá-los. Ela os concerne a todos pois, o que esse trabalho de Escola deve colocar no canteiro de obras é a própria psicanálise em todos os seus aspectos e com o objetivo de causar... o desejo de psicanálise. O passe evidentemente pode ter efeitos que sejam para todos, mas com a condição de que o discurso que sustentamos a partir do dispositivo não focalize exclusivamente o dispositivo, ou seja, o que acontece ou não nele. Pois senão, esquecemos de falar com o conjunto dos membros da Escola.

A expressão « o desejo de psicanálise » espantou, e essa surpresa, por sua vez, me espantou. Então argumento : Compreendo de onde veio a surpresa, que foi mais do que uma surpresa, « une bévue », um equívoco de leitura, ela concerne o fato de que em nosso vocabulário o termo pregnante é « desejo do analista », e como acaba de lembrar Gabriel Lombardi, houve um engano quanto ao título que se leu erroneamente como desejo do analista, e repetidas vezes!

No entanto, o desejo do psicanalista não é tão misterioso, o desejo do psicanalista só designa a transferência para com a psicanálise, ou seja, fundamentalmente e, afetos à parte, uma relação com o sujeito suposto saber da psicanálise. Desde que esta última existe, essa transferência precede mui geralmente o endereçamento a um analista. Nem sempre, é verdade, encontramos ainda, vez ou outra, sujeitos para os quais esse não foi o caso, notadamente em instituições, mas não é mais o mais frequente.

Aliás, de quê se queixam os analistas de hoje se não é da falta dessa transferência prévia, e eles lastimam que a suposição de saber se desloca para a neurobiologia, e sobretudo seus efeitos ideológicos. E de que falamos quando dizemos, por exemplo, que a cultura anglo-saxã é resistente à análise, se não justamente do fato de que a transferência à análise nela é menor do que nos países de línguas romanas ?

Além disso, a expressão desejo do analista, é ela mesma um equívoco : no sentido subjetivo é o desejo que anima um psicanalista, o desejo que empurra alguém a assumir essa função de analista ; mas no sentido objetivo, é o desejo de que haja analista. Esse último está do lado do analisante, e o percebemos sob a forma dessa expectativa particular que é a demanda de interpretação.

Observo ainda que Lacan, se quisermos nos referir a ele, quando introduz pela primeira vez a expressão desejo do analista, não o subjetivava, ele não designava aquele que anima o analista, ele designava, ocorrência primeira, uma necessidade estrutural da relação transferencial, a necessidade de causar o desejo analisante que a demanda de amor encobre, como desejo do Outro.

Há, portanto, uma questão: de onde vem esse desejo de psicanálise?

Vejamos a história. Foi Freud quem a gerou, digo, ex-nihilo. Podemos identificar as condições históricas, culturais e subjetivas do aparecimento de Freud e abrir também o capítulo do que Lacan pode formular sobre tais condições. Mas sejam

elas o que forem, é o dizer de Freud que é a causa dessa transferência à psicanálise. É o acontecimento Freud que fez existir um desejo de psicanálise. Dizer acontecimento é designar uma emergência e uma contingência.

Lacan conseguiu relançar, é certo, uma nova transferência à psicanálise que se traduz claramente pela presença nova ou reanimada da psicanálise, ali onde seu ensino chega no mundo. Para ele, no entanto, não foi ex-nihilo. E, desde o início, ele o fez pelo ultrapassamento das obstinações da prática freudiana sobre a dita « resistência » do paciente e sobre o impasse final da recusa da castração.

Esses dois exemplos são suficientes para afirmar que o desejo de psicanálise em muito depende dos analistas.

Aliás, segundo Lacan, o amor de transferência só é novo porque proporciona « um parceiro que tem chance de responder »¹⁵⁹. Se esse parceiro falta, é o fim da transferência que vai alhures. Freud se propôs como o parceiro que respondia, e Lacan – e isso sempre me espantou –, se propôs como aquele que responderia de novo, lá onde Freud e os pós-freudianos haviam jogado a toalha, e ele o anunciou antes mesmo de tê-lo feito. Assim fazendo, ele fez nascer naqueles que o escutavam a expectativa de sua resposta, e em 1973 ele disse « Recoloco em jogo a felicidade salvo que, essa chance, desta vez ela vem de mim e que sou eu quem deve fornecê-la ».

Questão então: como os analistas de hoje podem continuar a ter « chance de responder » ?

Colette SOLER
Buenos Aires, 21 de abril de 2015¹⁶⁰.

Tradução de Sonia Alberti

159 Cf. A introdução à edição alemã dos *Escritos*.

160 Originalmente publicado em *ECOS 3 – Boletim do colegiado internacional da garantia* (2014 – 2016).

IX ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL

14 a 17 de julho de 2016, Medellín, Colombia
Apresentação do tema

Colette SOLER

A questão dos laços sociais é de ponta naquilo que Jacques Lacan chamou, em 1970, de « campo lacaniano » como campo do gozo, e hoje em dia a encontramos em toda parte já que esse campo está em toda parte. Os laços que unem o casal, a família ou o mundo do trabalho se tornaram tão precários que a questão sobre o que os desfaz está em todas as bocas. Culpa do capitalismo, diz-se, ou da ciência que o condiciona.

No entanto, é na psicanálise que ela surgiu no início do século passado quando Freud, no momento em que se interrogava sobre a « psicologia das massas », seguindo o fio da fala analisante, não pode deixar de reanimar o antigo par Eros – o deus do laço – e Tânatos – a potência « demoníaca » que dissocia. Assim ele articulava a clínica da intimidade e as questões violentas da sociedade do capitalismo, mostrando, como Lacan o formulou, que « o coletivo não é nada senão o sujeito do individual »¹⁶¹. Desde então, a psicanálise tem sua palavra a dizer sobre ambos os temas, pois a mesma questão se coloca aos dois : o que é que aproxima os corpos invisivelmente, o suficiente para tê-los sempre levado a fazerem par e sociedade, e o que é a potência que desagrega ? Essa potência reconhecida por Freud foi nomeada de gozo por Lacan. Ela constitui o substancial do campo lacaniano que não é apenas aquele do desejo mas aquele dos « acontecimentos » de gozos de corpo, onde eles se produzem. Ora, o gozo não é enlaçador, ele é sempre de apenas um só, quer seja na repetição, no sintoma ou mesmo... no ato sexual.

Esse tema dos laços sociais nos convida a percorrer tanto o campo do social quanto o do « um por um » e, de início, em função dos instrumentos forjados pela psicanálise para pensar o sujeito do inconsciente.

I. Linguagem, discurso, nó borromeano são, daí, os três termos mais importantes.

Através deles, Lacan tentou repensar e reordenar toda a clínica freudiana no que nela faz enlace e desenlace.

1. Freud nos deu as primeiras palavras mestres : pulsão, libido, narcisismo, repetição, pulsão de morte, sem esquecer as identificações correspondentes pelas quais os falantes se socializam. Essas raízes freudianas precisam ser re-exploradas.

2. Lacan as remanejou inicialmente a partir da cadeia da linguagem, o que ele chamou de « agregações docilizantes do Eros do símbolo »¹⁶² via demanda e desejo. Depois, a partir da estrutura de discurso. Esta ordena lugares distintos que asseguram os laços sociais aos quais falta a ordem sexual que aí não há. Enfim, Lacan lançou mão da

161Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In : *Escritos*. Rio de Janeiro, J.Zahar. P. 213, n. 6.

162Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In : *Escritos*. Rio de Janeiro, J.Zahar. P. 321.

amarração borromeana das três consistências próprias ao falante, que são imaginário, simbólico e real, nas quais os nós não vão sem o acontecimento do dizer, para darem conta do que, por sua vez, ele nomeou em relação ao « sujeito real » e seus laços sociais possíveis. Para cada um desses passos, é o conjunto do corpo clínico freudiano que é recolocado no canteiro de obras, atestando que, aqui como acolá, uma teoria é responsável pelos fatos que ela permite estabelecer, os quais, em retorno, a confortam. Demonstração a ser sempre recomeçada.

II. O Laço social em questão

1. Sua definição na psicanálise começa com a psicologia das massas de Freud e prossegue até a estrutura dos discursos de Lacan. Para Freud, em todos os casos, é a libido incluindo o amor e o desejo, e as diversas identificações que ela determina – que assegura os laços. Mas há vários tipos de laços, e a ordem que eles estabelecem entre os indivíduos, é sempre uma ordem dos gozos porque « apenas há discurso [...] do gozo »¹⁶³. Donde a incidência política : sem a regulação dos gozos que asseguram os discursos, não há sociedade possível, e toda a questão é de saber como essa regulação se instaura em cada indivíduo. É sobre esse ponto que o capitalismo apresenta seu desafio.

2. Sem falar da miséria que ele engendra, já não há dúvida de que ele degrada os laços sociais estabelecidos, gerando solidão e precariedade pois, doravante, o indivíduo é o último resíduo dessa degradação. Isso sabemos, mas falta ainda dizer como, através de qual astúcia, e quais são os limites possíveis de suas devastações? Eros seria um recurso?

III. Clínica dos parceiros.

A questão diz respeito aos parceiros no amor, na psicanálise e fora dela.

1. Querer-se-ia que de dois o amor faça um, mas os amores humanos já têm um destino traçado, uma experiência ancestral o atesta, ele vai do arrebatamento ao desespero ou ao desencantamento. Lacan marcou suas fronteiras pela distância das duas fórmulas « tu és minha mulher », em 1953, e « matar »¹⁶⁴ minha mulher, em 1973. Tratar-se-ia de mostrar o que aí opera, no particular de cada caso, para romper tanto o diálogo esperado quanto o encontro dos corpos. Está aí o problema do real em jogo no amor, com a questão de saber o que acontece com ele depois da análise.

2. E, ainda: há a transferência analítica que introduz um novo no amor, uma subversão¹⁶⁵, que certamente « faz promessa »¹⁶⁶, mas qual? As peripécias dos amores de transferência descobertas por Freud jamais perdem sua atualidade, elas se espalham entre eternização, rupturas e reiteração. Que solução para elas? As fórmulas abundam : liquidação, falha percebida, queda; mas é esse o fim da transferência no próprio final da análise? Também aí podem instruir somente os casos particulares.

Colette Soler, 22 de dezembro de 2014.

Tradução: Sonia Alberti

¹⁶³ Lacan, J. *L'envers de la psychanalyse*. Paris, Seuil, Paris, 1991. p. 90.

¹⁶⁴ Em francês, um jogo de palavras : *tu es ma femme* e *tuer ma femme*, respectivamente.

¹⁶⁵ Lacan, J. « Introduction à l'édition allemande des *Ecrits* », *Autres écrits*, Seuil, Paris, 2001, p. 557

¹⁶⁶ Lacan, J. *Télévision*. Paris, Seuil, Paris, 1973, p. 49

Informações práticas
Encontro Internacional 2016

Associação Fóruns do Campo Lacaniano

E-mail: ixcitainternacional@gmail.com

foroslacanmedellin@gmail.com

Endereço: Sede Calle 51 no. 79-3 Medellín – Colombia

NIT: 811023503-4

Tel.: 421 58 04

	Terça-feira 12/07	Quarta-feira 13/07	Quinta-feira 14/07	Sexta-feira 15/07	Sábado 16/07	Domingo 17/07
8h – 9h			V ENCONTRO DE ESCOLA	IX Encontro IF Plenária	IX Encontro IF Plenária	Assembleia da IF
9h – 10h						
10h – 11h						
11h – 12h						
12h – 13h			Almoço			
13h – 14h						
14h – 15h		SIMPÓSIO	V ENCONTRO DE ESCOLA	IX Encontro IF Mesas Simultâneas	IX Encontro IF Plenária	Assembleia da EPFCL
15h – 16h						
16h – 17h						
17h – 18h						
... 20h			Coquetel		Festa	

Obs.: Dias 12 e 13 de julho estão reservados para reuniões preparatórias.